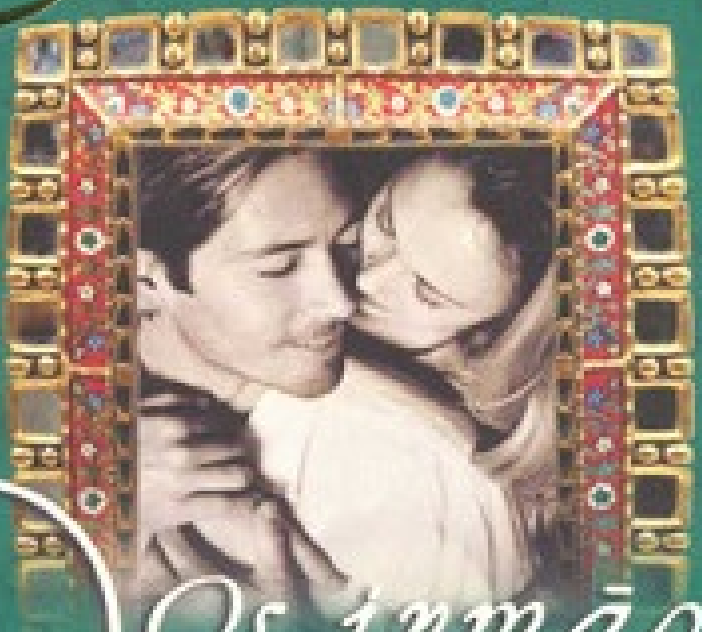
Nora Roberts



Os irmãos Stanislaski

Um Amor a Despertar ALEX

HARLEQUIN BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ao investigar o assassinato de duas prostitutas, o detetive Alexi Stanislaski encontra a mulher mais intrigante que já conheceu: a escritora Bess McNee, autora de *Pecados Secretos*, uma telenovela de grande sucesso.

No momento em que se conhecem, Bess está fazendo uma pesquisa de campo para construir uma de suas personagens principais, Jade Sullivan Carstairs, dedicada advogada durante o dia, mas que à noite assume a identidade de uma prostituta que perambula pelos guetos.

Como escritora, Bess sempre tem uma pergunta em mente: *como é ser...?* Em busca de inspiração para desenvolver a trama, ela resolve incorporar o modo de vida de Jade. Mas não sabe que escolheu um dos piores momentos para fazer sua pesquisa. Afinal, um assassino em série aterroriza as zonas de baixo meretrício de Nova York, ameaçando a segurança de muitas garotas de programa e a de Bess também.

Cabe a Alex afastá-la do perigo. Mas até que ponto esse policial de origem eslava, teimoso e durão, será capaz de se concentrar no trabalho e ignorar a atração entre ele e Bess, que se torna cada vez mais forte e irresistível?

Com um talento único para criar histórias inesquecíveis, em *Um amor a despertar* Nora Roberts mais uma vez dá vida a um elenco de personagens dinâmicos e apaixonantes, marca registrada de uma das autoras de maior sucesso de todos os tempos.



Verdadeiro fenômeno editorial, Nora é a autora de maior destaque da lista de mais vendidos do *The New York Times*. Com mais de 160 romances lançados, seus livros já foram traduzidos para 25 idiomas e publicados em todo o mundo.

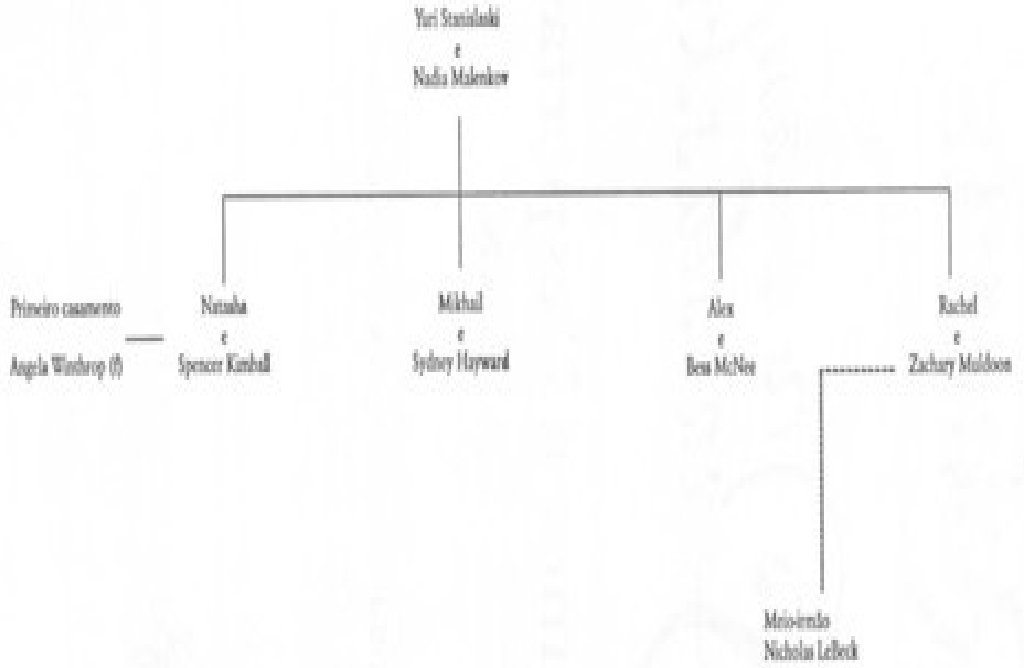
Capa: Simone Villas-Boas

Um amor a despertar – Volume 04

Os irmãos Stanislaski

Nora Roberts

OS IRMÃOS STANISLASKI: Mikhail & Alex



CAPÍTULO UM

A loura curvilínea em *spandex* rosa-choque equilibrava-se nos saltos altos finos enquanto trabalhava em sua esquina. Os olhos, pintados exageradamente num arco-íris de cores, mantinham-se fixos nas colegas, decorativas sombras da noite. A rua transbordava de risadas. Afinal, era primavera em Nova York. Mas, por trás do riso, escondia-se um evidente indício de tédio que nem brilho nem sexo podiam esconder.

Para essas mulheres, negócio era negócio. Depois de estourar uma bola de chiclete, ajustou a grande bolsa de lona no ombro nu. Graças a Deus fazia calor, pensou. Seria terrível perambular seminua se o tempo estivesse ruim.

Uma negra maravilhosa vestida de couro vermelho que mal cobria o essencial, languidamente acendeu um cigarro e balançou os quadris.

— Venha, querido – disse para ninguém em particular, a voz rouca exalando a fumaça. – Quer um pouco de diversão?

Alguns queriam, Bess notou, os olhos percorrendo o quarteirão. Alguns não. Levando-se em conta o movimento, pensou, a atividade estava bastante agitada nessa noite de primavera. Observara várias negociações e as diversas formas com que eram realizadas. Pena que tédio fosse a palavra de ordem ali. Tédio e um desafiante tipo de desesperança.

— Está falando sozinha, boneca?

— Hã? – Bess piscou, fitando os olhos astutos da deusa negra em couro vermelho a seu lado. – Estou?

— Você é nova no pedaço? – perguntou, soltando uma coluna de fumaça enquanto analisava a nova colega. – Quem é seu homem?

— Meu... Não tenho nenhum.

— Não tem? – A mulher ergueu as sobrancelhas exageradamente arqueadas e olhou-a com desprezo. – Garota, você não pode trabalhar nesta rua sem um homem.

— Mas é o que estou fazendo. – Como não fumava, Bess fez uma bola com o chiclete. Depois a furou.

— Se Bobby ou Big Ed descobrirem, vai dar confusão. – Deu de ombros. Afinal, não era problema seu.

— Esse é um país livre.

— Garota, nada é livre. – Com uma risada, passou a mão no quadril bem-torneado coberto de couro. – Nada mesmo. – Atirou o cigarro no pára-choque de um táxi.

Bess tinha uma dúzia de perguntas na ponta da língua. A curiosidade fazia parte de sua natureza, mas lembrou-se de que precisava ir devagar.

— E aí, quem é *seu* homem?

— Bobby. – Com os lábios contraídos, a mulher olhou Bess de cima a baixo. – Ele pegaria você. Um pouco sem traseiro, mas dá pra passar. Você precisa de proteção quando trabalha nas ruas. – Além do mais, ganharia um trocado de Bobby se levasse uma nova garota para ele.

— Ninguém protegeu as duas garotas assassinadas mês passado.

Os olhos da negra piscaram. Bess se julgava uma excelente observadora de emoções e viu dor, pesar e lástima antes de os olhos voltarem a endurecer.

— Você é tira?

Bess ficou boquiaberta antes de rir. Essa foi boa, pensou. Interpretou como elogio.

— Não, não sou tira. Só estou tentando ganhar a vida. Você conhecia alguma delas? As mulheres que foram assassinadas?

— Não gostamos de perguntas por aqui. – A mulher inclinou a cabeça. – Se está tentando ganhar a vida, vamos providenciar para que consiga.

Bess sentiu uma rápida onda de desconforto. A mulher não era apenas maravilhosa; era imensa. Alta e desconfiada. Duas qualidades problemáticas para Bess, que queria se manter na retaguarda e observar. Mas julgava ter o raciocínio rápido e ser perspicaz. Afinal, lembrou-se, esta noite, estava a trabalho.

— Claro. – Virando-se, caminhou lentamente pela calçada. Balançou os quadris de forma sedutora e nem por um minuto acreditou que seu traseiro era pequeno.

Talvez estivesse com a garganta um pouco seca. Talvez o coração batesse rápido demais. Mas Bess McNee orgulhava-se de sua profissão. Vislumbrou dois homens no meio do quarteirão e umedeceu os lábios. O da esquerda, o moreno, parecia muito promissor.

— Olha, novato, a idéia é pegar uma, talvez duas. – Alex observou a calçada em frente. Prostitutas, bêbados, drogados e outros infelizes que precisavam passar no meio deles para ir para casa. – Meu faro me diz que a negra alta, Rosalie, conhecia as duas vítimas.

— Então por que não a pegamos e a levamos para interrogatório? – Judd Malloy ansiava por ação. Recebera seu distintivo havia apenas 48 horas. E estava trabalhando com Alexi Stanislaski, um tira com a reputação de agir rápido e terminar a tarefa em dois tempos. – Melhor ainda, por que não damos uma

dura no cafetão dela?

Novatos, matutou Alex. Por que sempre o colocavam para trabalhar com novatos?

— Porque queremos a cooperação dela. Vamos nos aproximar, fingir que vamos contratar seus serviços. Conversamos com ela educadamente, antes que Bobby apareça e diga para ela se mandar.

— Se minha mulher descobrir que passei a noite pegando prostitutas...

— Um tira esperto não conta nada que sua família não precise saber. E sua esposa não precisa saber muito. – Os frios olhos castanho-escuros de Alex encararam o novo parceiro. – Regra número um de Stanislaski.

Ele viu a loura. Ela olhava para ele. Alex devolveu o olhar. Rosto fora dos padrões, pensou. Marcante, sexy, apesar da maquiagem pesada. Debaixo de todo o excesso, os olhos eram de um verde vivo. O rosto em si era todo ângulos, alguns estranhos. O nariz, ligeiramente torto, como se tivesse sido quebrado. Algum cliente ou cafetão, calculou. Desceu os olhos para a boca.

Carnuda, supercarnuda e vermelha. Não gostou nem um pouco de sua reação diante daquela mulher, não sabia explicá-la. O queixo levantado e as maçãs do rosto proeminentes davam ao rosto triangular uma aparência de raposa.

O *top* colante e as calças capri de *spandex* delineavam cada centímetro do pequeno corpo curvilíneo e atlético. Ele sempre tivera uma queda pelo tipo atlético, mas de súbito lembrou-se de onde aquele tipo em particular se exercitava.

De qualquer modo, não era ela quem procurava.

É agora ou nunca, disse Bess a si mesma, sentindo o olhar do desconhecido nela.

— Ei, gostoso... – Embora não fumasse desde os 15 anos, a voz era rouca. Rezando para seja lá qual Deus a estivesse ouvindo, abordou Alex. – Quer se divertir?

— Talvez. – Ele enfiou o dedo na parte de cima do *top* e ficou surpreso por ela demonstrar medo. – Você não é bem o que eu tinha em mente, queridinha.

— É mesmo? – Combinando o instinto com suas observações, girou a cabeça e recostou-se nele. Teve a imediata impressão de ter encostado-se em um aço duro, inflexível e muito interessante. – E o que você *tinha* em mente?

Depois, por um momento, sentiu a própria mente vazia, em uma espécie de reação àqueles olhos escuros colados nela, parecendo enxergar através dela. Os nós dos dedos acariciavam-lhe a pele, logo acima dos seios. Sentiu o calor dos dedos. Continuou a encará-lo, invadida pela vívida imagem dos dois rolando numa cama estreita em algum quarto escuro.

E não tinha nada a ver com trabalho.

Foi a primeira vez que Alex viu uma prostituta corar. Isso o desconcertou, fez com que quisesse desculpar-se pela fantasia que acabara de alimentar em seu cérebro. Depois voltou a assumir o controle.

— Só um tipo diferente, garota.

De salto alto, os olhos ficavam nivelados. Ele teve vontade de limpar todo aquele blush e pintura para ver o que havia debaixo.

— Posso ser um tipo diferente – disse Bess, encantada com a resposta inspirada.

— Ei, amiga – Rosalie aproximou-se e passou o braço amigavelmente nos ombros de Bess. – Você não vai ser mesquinha e pegar os dois, vai?

— Eu...

Jogo sujo, deduziuAlex, mudando o foco de atenção para Rosalie.

— Vocês formam uma dupla?

— Hoje somos. – Ela olhou Alex e o parceiro. – E vocês dois?

Judd estava sem fala. Preferia enfrentar um pistoleiro num beco. E simplesmente não podia pôr as mãos nessa mulher linda e alta quando a imagem do rosto confiante de sua própria esposa piscava em sua cabeça como uma luz de néon.

— Claro. – Ele deixou escapar a respiração profunda e tentou imitar a vaidosa segurança de Alex.

Rosalie jogou a cabeça para trás e riu antes de dar um passo à frente e encostar-se em Judd. Ele abriu espaço instintivamente quando uma mancha vermelho-escura subiu-lhe pelo pescoço.

— Acho que você é novo nisso, querido. Por que não deixa Rosalie mostrar a você como se brinca?

Como o parceiro parecia ter contraído laringite, Alex assumiu.

— Quanto?

— Bem... – Rosalie não se deu ao trabalho de olhar para Bess, pálida a essa altura. – Taxa especial hoje à noite. Você fica com as duas por cem dólares. Pela primeira hora. – Inclinou-se e sussurrou algo na orelha de Judd que o deixou gago. – Depois disso – prosseguiu – podemos negociar.

— Eu não... – Bess começou a falar, mas parou ao sentir as unhas de Rosalie no ombro como garras afiadas.

— Acho que é o bastante – disse Alex e tirou o distintivo. – Senhoras, estão presas.

Tiras, constatou Bess, numa onda de doce alívio. Enquanto Rosalie expressou sua opinião com uma única palavra grosseira, Bess tentou não explodir numa risada estridente.

Perfeito, pensou Bess ao ser empurrada para a sala dos policiais. Havia sido presa por tentar vender os serviços profissionais e a vida não podia ser mais bela. Tentando absorver tudo de uma só vez, sorriu ao observar a delegacia. Claro que já pusera os pés em uma delegacia antes. Como sempre dizia, levava seu trabalho a sério. Mas não nessa jurisdição. Não no *downtown.*

Era sujo, na verdade nojento, ela constatou, tomando notas mentalmente e murmurando para si mesma. Chão, paredes, janelas com grades. Tudo coberto com uma pitoresca crosta de sujeira.

Cheirava mal também. Respirou fundo para não esquecer o odor de suor humano, café amargo e desinfetante forte.

E quanto barulho! Com todas as antenas ligadas, registrou o som: fones tocando, xingamentos irados, choro e o tlec-tlec dos teclados em atividade.

Caramba, pensou, hoje era seu dia de sorte.

— Você não é uma turista, queridinha – lembrou-a Alex, acompanhando a observação com uma firme cotovelada.

— Desculpe.

A intensa excitação em seus olhos era tão despropositada que Alex a encarou. Depois, meneando a cabeça, apontou uma cadeira. Deixara o novato enfiar o pé na lama, recolhendo as informações básicas de Rosalie. Quando já estivesse fichada, ele assumiria, usando charme ou ameaças ou o que parecesse mais eficaz para fazê-la contar sobre as duas colegas assassinadas.

— Muito bem. – Sentou atrás de sua mesa em péssimo estado e cheia de papéis. – Você sabe o procedimento.

Ela ficara observando um jovem de uns 20 anos com o rosto coberto de hematomas e uma jaqueta denim rasgada.

— O que disse?

Alex apenas suspirou e colocou o formulário na máquina de escrever.

— Nome.

— Ah, sou Bess. – Estendeu a mão num gesto tão natural e amigável que ele quase a apertou.

Em vez disso, resmungou entre os dentes:

— Bess de quê?

— McNee. E você?

— O policial responsável. Data de nascimento.

— Por quê?

Os olhos cintilaram e voltaram-se como flechas para ela.

— Por que o quê?

— Por que quer saber?

A calma, que nunca fora sua maior qualidade, foi posta à prova. Bateu com o dedo no formulário.

— Porque tenho que completar este espaço.

— Tudo bem. Tenho 28 anos. Sou de Gêmeos. Nasci dia 1º de junho.

Alex fez os cálculos e datilografou o ano.

— Endereço.

A curiosidade natural fez com que ela revirasse as pastas e papéis na mesa até que ele batesse em sua mão.

— Você está incrivelmente tenso – comentou. – É por trabalhar disfarçado?

Maldito sorriso, refletiu. Petulante, sexy e nada idiota. O sorriso e os olhos verdes, astutos e inteligentes, poderiam tê-lo enganado. Mas ela parecia uma prostituta e cheirava como uma. Portanto...

— Ouça, boneca, aqui funciona desse jeito. Eu faço as perguntas e você responde.

— Durão, cínico, esperto.

Arqueou uma sobrancelha escura.

— O que disse?

— Apenas uma rápida observação sobre sua personalidade. Quer meu endereço, certo? – Ela rabiscou um endereço que fez as duas sobrancelhas de Alex arquearem-se.

— Vamos falar sério.

— Tudo bem. – Querendo colaborar, Bess cruzou as mãos na beirada da mesa.

— Seu endereço – repetiu.

— Acabei de informar.

— Eu sei o preço dos apartamentos nessa área. Talvez você seja boa. – Pensativo, examinou seus atributos mais uma vez. – Talvez seja melhor do que parece. Mas não ganha o suficiente trabalhando na rua para pagar um aluguel desses.

Bess sabia reconhecer um insulto. O que tornava tudo pior é ter gastado mais de uma hora na maquiagem. E, por acaso, sabia ter um bom corpo. Só Deus sabia o quanto suava para mantê-lo daquele jeito malhando três vezes por semana.

— É onde eu moro, tira. – Seu temperamento, cujo hábito era se inflamar com rapidez, fez com que jogasse a enorme bolsa de lona na mesa dele.

Alex olhou fascinado quando ela revirou o conteúdo da bolsa. Havia cosméticos suficientes para suprir uma loja pequena. E não eram do tipo barato. Seis batons, dois estojos de pó-de-arroz, vários rímeis e sombras. Delineadores de todas as cores. Espalhados com a maquiagem, dois molhos de chaves, um bolo de comprovantes de cartão de crédito, elásticos, clipes, 12canetas – ele

contou – alguns lápis quebrados, um bloco, dois livros de bolso, fósforos, um caderno de endereços de couro com as iniciais ELM, um grampeador – ele nem parou para se perguntar por que ela carregaria um – lenços de papel e folhas amarrotadas, um minúsculo gravador. E uma arma.

Ele a retirou da pilha e a examinou. Uma pistola d'água.

— Cuidado com isto – ela avisou enquanto pegava sua carteira estufada. – Está cheia de amônia.

— Amônia?

— Eu costumava carregar um ***spray*** de gás, mas isto funciona bem. Aqui. – Satisfeita consigo mesma, empurrou a carteira aberta debaixo do nariz dele.

Podia ser ela no retrato. O cabelo era curto, encaracolado e chique, castanho-avermelhado em vez do louro vulgar. Mas aquele nariz, aquele queixo. E aqueles olhos. Franziu a testa ao examinar a carteira de motorista. O endereço estava certo.

— Você tem carro?

Ela deu de ombros e começou a enfiar as coisas de volta na carteira.

— E daí?

— Mulheres na sua posição normalmente não têm.

Como fazia sentido, Bess resolveu evitar o confronto.

— Eu tenho carteira de motorista. Nem todo mundo que tem carteira tem carro, certo?

— Certo. – Ele colocou a carteira fora de seu alcance. – Tire a peruca.

Amuada, ela ajeitou o cabelo.

— A troco de quê?

Ele esticou o braço por cima da mesa e a tirou ele mesmo. Ela fez uma careta de aborrecimento enquanto passava os dedos no cabelo ruivo curto e cacheado.

— Quero de volta. Peguei emprestada.

— Claro, é toda sua. – Ele a atirou na mesa antes de recostar-se em sua cadeira para uma nova avaliação. Se essa mulher era prostituta, ele era Clark Kent. – Quem *é* você afinal?

Chegara a hora de abrir o jogo. Sabia. Mas algo nele a instigou a continuar o jogo.

— Sou apenas uma mulher tentando ganhar a vida, policial.

Jade agiria assim; Bess estava certa. E já que Jade era sua criação, Bess estava determinada a seguir as atitudes dela. Ele abriu a carteira, remexeu as cédulas. Ela carregava o que correspondia a mais de duas semanas de seu trabalho.

— Certo.

— Você pode fazer isso? – perguntou, mais curiosa do que aborrecida. – Mexer em meus pertences pessoais?

— Querida, no momento *você* é *meu* pertence pessoal. – Havia fotos na carteira também. Retratos de pessoas, algumas com ela, algumas sem. E a moça era membro de vários grupos, incluindo o Greenpeace, o World Wildlife Federation, Organização Humanitária Internacional e Associação dos Escritores. O último o fez lembrar-se do gravador. Quando pegou o brinquedinho, notou que estava funcionando. – Pode começar a explicar, Bess.

Céus, ele era uma graça. O pensamento cruzou-lhe a mente quando sorriu para ele.

— Explicar o quê?

— O que você estava fazendo na companhia de Rosalie e das outras garotas?

— Meu trabalho. – Quando os olhos dele se estreitavam daquele jeito, refletiu, ele ficava absolutamente irresistível. Audacioso, um pouco maldoso, com um toque de impaciência levemente sob controle. Fabuloso. – É sério. – Pura sinceridade e perfume barato, ela inclinou-se. – Vou explicar. Tudo tem a ver com Jade e como ela está lidando com o problema de dupla personalidade. Durante o dia, é uma advogada dedicada, uma mulher careta, você *entende* do que estou falando. Mas à noite ela vai para as ruas. Está bloqueando o que aconteceu entre ela e Brock e as memórias da infância que começaram a vir à tona. O estresse tem sido demais para ela. Está no caminho da autodestruição.

O olhar carrancudo fez com que os olhos ficassem quase pretos.

— Quem diabos é Jade?

— Jade Sullivan Carstairs. Você não vê televisão de dia?

A cabeça começou a zunir.

— Não.

— Não sabe o que está perdendo. Provavelmente gostaria da história de Jade, Storm e Brock. Storm é um tira, sabe, e está se apaixonando por Jade. Os problemas emocionais dela e a influência exercida por Brock na vida dela complicam as coisas. Depois tem o aborto e o seqüestro. Naturalmente, Storm também enfrenta problemas.

— Naturalmente. Onde quer chegar?

— Ah, desculpe, acabei me empolgando. Eu escrevo *Pecados Secretos*, uma telenovela.

— Você é escritora de telenovelas?

— Isso. – Ao contrário de outros escritores, não se importava com o rótulo. – E gosto de vivenciar as situações em que coloco meus personagens. Como Jade é um personagem especial para mim, eu...

Alex vociferou ao inclinar-se:

— Você perdeu o juízo? Tem idéia do que está fazendo?

Ela deu um piscar de olhos inocente e divertido.

— Pesquisa?

Ele voltou a vociferar e Bess descobriu gostar do jeito como ele passava os dedos impacientes nos abundantes cabelos pretos.

— Moça, até que ponto pretendia aprofundar sua pesquisa?

— Até que ponto? Ah. – Os olhos brilharam joviais. – Bem, não, não tão longe.

— Que diabos teria feito se eu não fosse um policial?

— Teria pensado em algo. – Continuou a sorrir. O homem tinha um rosto fascinante. A pele dourada, os olhos escuros, uma incrível estrutura óssea. E aquela boca, tão lindamente esculpida, mesmo que tivesse a tendência a uma expressão ameaçadora. – É minha profissão imaginar coisas. E quando vi você, achei que parecia honesto. O que quero dizer é que você não me deu a impressão de ser o tipo de homem que estaria interessado em... – ela refletiu sobre qual seria uma maneira delicada de dizer. – Em pagar para ter prazer.

Ele estava tão zangado que queria agarrá-la e colocá-la no colo. A idéia de administrar umas boas palmadas naquele bonito bumbunzinho era tremendamente atraente.

— E se você tivesse se enganado?

— Não me enganei – afirmou. – Por um minuto, fiquei preocupada, mas tudo funcionou bem. Melhor do que eu esperava, na verdade, porque tive a chance de andar num... Vocês ainda o chamam de camburão?

Ele estava tão seguro de já ter visto tudo. Ouvido tudo. Com a raiva atingindo o limite, murmurou entre os dentes:

— Duas prostitutas estão mortas. Duas que trabalhavam naquela área.

— Eu sei – disse rapidamente, como se isso explicasse tudo. – Foi uma das razões para eu escolhê-la. Como vê, pretendo que Jade...

— Estou falando de você – interrompeu numa voz que a fez vacilar. – De você. Uma escritorazinha sem nada na cabeça que acha que pode ficar circulando em *spandex* e meia tonelada de maquiagem, depois ir para casa num bairro chique e apagar tudo.

— Escritorazinha? – Era a única coisa que a ofendia. – Olhe aqui, tira...

— Olhe aqui *você*. Fique fora do meu território e fora dessas roupas de vagabunda. Faça sua pesquisa num livro.

Bess ergueu o queixo, desafiadora.

— Posso ir para onde quiser, vestindo o que quiser.

— Você acha? – Havia um jeito de ensinar-lhe uma lição. Um jeito perfeito. – Ótimo. – Levantou-se, tirou-lhe a peruca das mãos e depois lhe segurou o braço com firmeza. – Vamos.

— Para onde?

— Para a carceragem, garota. Você está presa, esqueceu?

Ela desequilibrou-se nos saltos de oito centímetros e gritou.

— Mas acabei de explicar...

— Ouço histórias melhores antes do café-da-manhã todos os dias.

— Você não vai me colocar numa cela. – Bess tinha certeza. Absoluta. Até o momento em que se viu atrás das grades.

Levou cerca de dez minutos para refazer-se do choque. Foi então que Bess decidiu que não era assim tão horrível. Podia estar furiosa com o tira – não importa quem fosse –, mas podia apreciar e tirar vantagem da oportunidade única que ele lhe oferecera. Estava numa cela com várias outras mulheres. Havia uma atmosfera a ser absorvida e entrevistas a serem conduzidas.

Quando uma das colegas de cela informou-lhe que ela teria direito a um telefonema, Bess pediu para ligar. Satisfeita com os progressos, instalou-se no beliche duro para conversar com as novas conhecidas.

Meia hora depois, ergueu o olhar e se deparou com a amiga e co-autora Lori Banes, parada ao lado de um policial uniformizado.

Bess, você parece tão à vontade aí. Com um sorrisinho, se levantou quando o guarda destrancou a porta.

— Foi fantástico.

— Ei! – Uma das companheiras de cela a chamou. – Estou dizendo a você que Vicki é uma bruxa e Jeffrey deveria dar-lhe um pé. Amélia é a mulher certa para ele.

Bess piscou o olho.

— Vou ver o que posso fazer. Tchau, garotas!

Lori não se considerava uma mártir. Não se achava puritana ou patricinha. E disse isso a Bess enquanto atravessavam os corredores, subiam as escadas e voltavam para a área do lado de fora da sala dos policiais.

— Mas, se tem uma coisa que me deixa furiosa – acrescentou, pressionando os dedos nos olhos cansados – é ser acordada às duas da madrugada e ter que vir pagar fiança para tirá-la da cadeia.

— Desculpe, mas foi fantástico. Espere até eu lhe contar.

— Você sabe o que está parecendo, querida?

— Sei. – Despreocupada, Bess esticou o pescoço. A cadeira atrás da mesa de Alex estava vazia. – Eu não fazia idéia que tantas das mulheres de vida fácil assistiam ao programa. Mas elas trabalham basicamente à noite. Por gentileza... – Pegou a manga de um dos mais bonitos espécimes nova-iorquinos quando ele passou. – Sabe onde encontro o policial que usa aquela mesa?

O policial engoliu um pedaço substancial de seu sanduíche de pastrami.

— Stanislaski?

— Nossa, isto é que é uma dentada. Ele ainda está por aqui?

— Está na sala de interrogatório.

— Obrigada.

— Vamos Bess, precisamos pegar suas coisas.

Bess assinou o documento comprovando ter retirado a bolsa e seu conteúdo, ainda procurando por Alex.

— Stanislaski – repetiu para si mesma. – Você acha que é polonês?

— Como é que eu vou saber? – Perdendo a paciência, Lori empurrou-a em direção à porta. – Vamos dar o fora daqui. O lugar é nojento, entupido de criminosos.

— Eu sei. É fabuloso! – Com uma gargalhada, enlaçou Lori pela cintura. – Tive idéias para os próximos três anos. Se decidirmos prender Elana pelo assassinato de Reed...

— Não pensei em assassinar Reed.

Com um suspiro, Bess procurou um táxi.

— Lori, nós duas sabemos que Jim não vai assinar outro contrato. Ele quer tentar programas de maior projeção. Ter seu personagem assassinado é a maneira perfeita de incrementar a trama de Elana.

— Talvez.

Bess deu-lhe uma alfinetada.

— *Nossas Vidas, Nossos Amores,* subiu dois pontos no IBOPE o mês passado.

Lori apenas gemeu.

— Dizem que a dra.Amanda Jamison vai ter gêmeos.

— Gêmeos? – Lori fechou os olhos. A diva das novelas, Ariel Kirkwood, no papel da sofredora psiquiatra na novela rival, era a mais popular estrela da programação vespertina. – Tinha que ser gêmeos – murmurou. – Tá legal. Reed morre.

Bess se permitiu um sorriso de vitória e depois acelerou o passo.

— De qualquer maneira, enquanto estava lá, fiquei imaginando a elegante e chique dra. Elana Warfield Stafford Carstairs na prisão. Fabuloso, Lori. Seria fabuloso. Queria que você tivesse visto o tira.

Elas andaram até a esquina e não havia um táxi à vista.

— Que tira?

— O que me prendeu. Era incrivelmente sexy.

Lori só teve forças para suspirar.

— Vou acreditar que foi presa por um tira sexy.

— Sério. Aquela cabeleira preta farta. Os olhos também quase pretos. Muito intensos. Ele tinha todos aqueles côncavos e convexos no rosto e uma boca linda. Corpo bem feito, também. Tipo rude. Como um boxeador, talvez.

— Não comece, Bess.

— Não estou começando. Posso achar um homem sexy e atraente sem me apaixonar por ele.

Lori lançou-lhe um olhar enviesado.

— Desde quando?

— Desde a última vez. Eu jurei, esqueceu? – O sorriso abriu-se ao ver um táxi vindo na direção delas. – Estou interessada nesse Stanislaski por razões estritamente profissionais.

— Tá certo. – Resignada, Lori entrou no táxi quando ele parou no meio-fio.

— Juro. – Levantou a mão direita para acrescentar impacto ao juramento. – Queremos entender melhor o que se passa na cabeça de Storm, conhecer seus antecedentes e tudo mais. Então eu posso me basear no cérebro desse tira. – Ela deu ao motorista o endereço dela e o de Lori. – Depois que Jade for atacada pelo maníaco de Millbrook, Storm não vai mais conseguir reprimir os sentimentos por ela. Temos que mostrar mais detalhes sobre quem ele é. Se vamos fazer Elana ser presa pelo assassinato de Reed, isso vai complicar a vida dele. Você sabe como é: lealdade familiar *versus* ética profissional. E quando ele confrontar Brock...

— Ei. – No sinal vermelho, o motorista espiou-as por baixo do boné desbotado do Mets. – Vocês estão falando sobre *Pecados Secretos?*

— Isso. – Bess vibrou. – Você assiste?

— Minha mulher grava todo dia. Você não me parece familiar.

— A gente não aparece novela – explicou Bess. – Só escreve.

— Saquei. – Satisfeito, pisou no acelerador quando o sinal abriu. – Eu vou dizer para vocês o que penso a respeito de Vicki, aquela traidora.

Enquanto o motorista dava sua opinião, Bess inclinou-se para frente para conversar com ele. Lori fechou os olhos e tentou recuperar o sono perdido.

CAPÍTULO DOIS

Minha mulher ficou louca – Judy Malloy mastigava a torta de cereja enquanto Alex dirigia em ziguezague no trânsito de *downtown.* – Ela é fã daquela novela, sabia? Grava todo dia quando está na escola.

— Fantástico! – Alex vinha fazendo o possível para esquecer o rápido encontro com a rainha das telenovelas, mas o parceiro não cooperava.

— Para Holly foi como conhecer uma celebridade.

— Você não conhece muitas celebridades se virando na noite.

— Corta essa, Alex. – Judd engoliu o último pedaço de torta com café superaçucarado. – Ela não ia pegar ninguém. Você mesmo disse ou então a queixa não teria sido retirada.

— Ela agiu como uma idiota – disse Alex zangado. – Carregar uma maldita pistola de água naquela bolsa. Deve ter calculado que se um cliente se excedesse, ela miraria entre os olhos e ficaria por isso mesmo.

Judd começou a comentar sobre como devia ser a sensação de levar um jato de amônia nos olhos, mas não achou que o parceiro estivesse interessado.

— Bem, Holly ficou impressionada e conseguimos extrair informações fresquinhas de Rosalie, então não perdemos nosso tempo.

— Malloy, melhor se acostumar a perder tempo. Regra número quatro de Stanislaski. – Alex achou o prédio que procurava e parou em fila dupla. Quando Judd encontrou a credencial do Departamento de Polícia de Nova York e grudou-a no vidro, Alex já estava quase na porta do prédio.

— Posso apostar que vamos perder tempo aqui com esse Domingo.

— Rosalie disse...

— Rosalie disse o que queríamos ouvir para que a soltássemos – expôs Alex, os olhos treinados de policial já analisando o prédio, reparando nas janelas, saídas de incêndio e telhado. – Talvez ela tenha nos levado à pista certa ou tirado o nome da cartola. Vamos ver.

O lugar estava em boas condições. Nada de pichação, vidros quebrados ou ruínas. Classe média baixa, supôs Alex. Famílias estabelecidas, a maioria trabalhadores braçais. Abriu a porta da entrada e examinou os nomes nas caixas de correio.

— J. Domingo. 212. – Alex apertou o interfone do 110. Nada. Tentou o 305. Com um zunido a porta interna se abriu. – As pessoas são tão descuidadas – comentou. Ele podia sentir o nervosismo crescente de Judd enquanto subiam as escadas, mas sabia que ele estava sob controle. Melhor que segurasse a onda,

pensou Alex ao fazer sinal para Judd se posicionar e bater na porta do 212. Bateu pela segunda vez antes de ouvir uma resposta grosseira.

Quando uma fresta se abriu, Alex empurrou o corpo contra a porta para mantê-la aberta.

— Tudo bem, Jesus?

— Que diabos você quer?

Ele se encaixava na descrição de Rosalie. Desde o bigodinho fino à Clark Gable até o dente incisivo de ouro.

— Conversar, Jesus, só bater um papinho.

— Não falo com ninguém a esta hora.

Quando tentou fechar a porta, Alex simplesmente encostou-se nela e mostrou o distintivo.

— Você não vai querer ser indelicado, não é? Por que não nos convida para entrar?

Soltando um palavrão em espanhol, Jesus Domingo abriu a porta um pouco mais.

— Tem mandado de busca?

— Posso conseguir um, caso não queira só bater papo. Posso levar você para interrogatório, pegar a papelada e arrancar o que quiser de você antes que seu advogado de porta de cadeia possa tirar você de trás das grades. Quer um bando de distintivos de polícia por aqui, Jesus?

— Não fiz nada. – Ele deu um passo atrás, um homem pequeno e musculoso vestindo apenas short de ginástica.

— Ninguém disse que você fez. Por acaso eu disse isso, Malloy?

Divertindo-se, Judd parou atrás de Alex.

— De jeito maneira.

O prédio podia ser de classe média baixa, mas o apartamento de Domingo era um minipalácio de alta tecnologia. Equipamento de som de última geração, notouAlex. Uma TV de tela grande com alguns jogos de video alinhados. A estante de fitas continha basicamente filmes pornôs.

— Bonito lugar – comentou Alex. – Sem dúvida, você sabe como fazer seu seguro-desemprego render.

— Tenho uma grande aptidão com números. – Domingo pegou um maço na mesa e acendeu um cigarro. – E então?

— Então vamos falar sobre Angie Horowitz.

Domingo soltou uma baforada de fumaça e coçou o peito cabeludo.

— Nunca ouvi falar dela.

— Engraçado, ouvimos dizer que você era um de seus clientes regulares e o principal fornecedor dela.

— Ouviu informação errada.

— Talvez você não esteja reconhecendo o nome. – Alex enfiou a mão no bolso da jaqueta e os dedos roçaram a alça do coldre por baixo da jaqueta de couro ao retirar um envelope de papel pardo. – Por que não dá uma olhada? – Enfiou a foto tirada pela perícia debaixo do nariz de Domingo e viu o rosto de tonalidade oliva transformar-se num cinza doentio. – Parece familiar?

— Putz. – Os dedos de Domingo tremiam ao colocar o cigarro nos lábios.

— Algum problema? – Alex olhou a foto. Não sobrara muito de Angie para contar a história. – Caramba, lamento muito, Jesus. Malloy, eu não disse a você para não colocar a foto dela morta?

Judd deu de ombros, simulando indiferença. Ele mesmo ficaria feliz em nunca mais olhar aquela foto.

— Acho que cometi um engano.

— Caramba. – Enquanto falava, Alex mantinha a foto num ponto onde Domingo pudesse vê-la. – O cara é um novato – explicou. – Sempre fazendo besteira. Você sabe como é. A pobrezinha da Angie com certeza foi fatiada, não foi? O coronel disse que o cara fez uns quarentas furos nela. O pobre Malloy que aqui está deu uma olhada e botou para fora o café-da-manhã. Eu vivo dizendo a ele para não comer aquelas malditas tortas gordurentas antes de a gente checar um presunto, mas, como eu estava dizendo... – Alex sorriu para si mesmo quando Domingo saiu correndo para o banheiro.

— Essa foi demais, Stanislaski – disse Judd, sorrindo.

— É o tipo de coisa que faço.

— E eu não vomitei meu café-da-manhã.

— Mas teve vontade. – Os sons vindo do banheiro eram os mais desagradáveis possíveis. Alex bateu na porta.

— Ei, Jesus, você está bem, cara? Sinto muito. – Passou a foto e o envelope para Judd. – Já sei, vou pegar uma água gelada para você.

A resposta foi um som abafado de vômito que, Alex supôs, seria interpretado por qualquer um como consentimento. Foi para a cozinha e abriu o freezer. Os dois quilos estavam exatamente onde Rosalie dissera que os encontraria. Tirou um na hora em que Domingo entrou correndo.

— Você não tem mandado de busca. Não tem direito.

— Estava pegando gelo para você. – Alex virou o saco de cocaína congelada nas mãos. – Isto não parece comida congelada para mim. O que você acha, Malloy?

Encostando o ombro no batente da porta, Judd bloqueou a passagem.

— Não do tipo que minha mãe costumava preparar.

— Seu filho da puta. – Domingo limpou a boca com o punho fechado. – Você

violou meus direitos civis. Vou sair num piscar de olhos.

— Pode ser. – Tirando uma sacola dobrada do bolso para colocar a prova, Alex enfiou os dois quilos dentro. – Malloy, por que você não lê para nosso amigo os direitos dele enquanto ele se veste? E, Jesus, vai por mim, um anti-sépticobucal cairia bem.

— Stanislaski – o sargento de plantão chamou quando Alex apareceu, depois de ter colocado Domingo numa cela. – Você tem companhia.

Alex olhou em direção à sua mesa, vendo que vários tiras estavam amontoados à volta. Um som de risadas superava o barulho usual da sala. A curiosidade o fez adiantar-se mesmo antes de ver as pernas. Reconhecia aquelas pernas cruzadas e cobertas de modo quase modesto numa saia amarelo-canário.

Ele reconheceu o resto também, embora o pequeno corpo musculoso estivesse coberto por um blazer listrado colorido e uma camiseta de decote canoa da mesma cor da saia. Meia dúzia de finas correntes de ouro dançaram em suas orelhas quando ela riu. Ela parecia mais bonita, mais sexy, foi forçado a admitir, com a boca sem batom, as sardas aparecendo e aqueles grandes olhos verdes sutilmente maquilados. O cabelo, de um vermelho profundo, num penteado displicente, desalinhado, o lembrou a estátua de mogno esculpida pelo irmão para ele.

— Então eu disse ao prefeito que tentaríamos dar um jeito e que adoraríamos que ele participasse de um episódio representando ele mesmo. – Girou o corpo e viu Alex a fitá-la de cenho franzido, os polegares enfiados nos bolsos de uma jaqueta de couro. – Oficial Stanislaski.

— McNee. – Inclinou a cabeça e depois passou os olhos nos colegas. – Se o chefe entra e encontra vocês aqui vou ser obrigado a dizer que vocês não tinham muito trabalho e se ofereceram para me ajudar.

— Só estávamos entretendo sua convidada, Stanislaski. – Mas mencionar o "chefe", apelido do capitão deles, fez os homens afastaram-se relutantes.

— Em que posso servi-la?

— Bem, eu...

— Você está sentada num homicídio – disse a ela.

— Ah! – Ela levantou-se da mesa. Sem os saltos altos, batia no seu nariz. Alex descobriu que preferia assim.

— Desculpe. Vim agradecer por ter resolvido a minha situação.

— É para isso que me pagam. Para resolver situações.

Ele era capaz de jurar que ela iria enfurecer-se, pelo menos um pouco, por ser atirada numa cela, mas ela sorria, tão amigável quanto uma professora de creche.

Embora ele não pudesse se lembrar de ter tido uma professora parecida com ela. Ou cheirosa como ela.

— Apesar de tudo, fico-lhe grata. Minha produtora é muito tolerante, mas se o caso tivesse assumido proporções mais sérias, teria ficado aborrecida.

— Aborrecida? – repetiu Alex. Ele tirou a jaqueta e a jogou na cadeira. – Ela ficaria aborrecida ao descobrir que uma de suas escritoras estava pegando clientes na Rua 23 com a 11ªavenida?

— Pesquisando – corrigiu Bess, sem demonstrar estar ofendida. – Daria, a produtora do programa, de vez em quando tem umas dores de cabeça. Eu causei-lhe uma terrível quando saí para fazer um trabalhinho com um assaltante de residências.

— Com um... – Ele deixou as palavras sumirem e abaixou-se na mesa, no lugar que ela acabara de deixar vago. – Acho que você não vai querer me contar a respeito.

— Na verdade, era um ex-assaltante de residências. Um cara fascinante. Só precisei deixar que ele me mostrasse como arrombar meu apartamento. – Franziu a testa ligeiramente ao lembrar-se. – Acho que estava um pouco enferrujado. O alarme...

— Não – Alex levantou a mão. Começava a sentir o início de uma dor de cabeça.

— De qualquer jeito, isso faz parte do passado. – Ela moveu as mãos num gesto animado. – Você tem um nome ou devo chamá-lo simplesmente de oficial?

— Detetive.

— Seu primeiro nome é detetive?

— Não, meu posto. – Deixou escapar um suspiro. – Alex.

— Alex. Bonito nome. – Ela passou a ponta do dedo na alça do coldre. Não pretendia provocar; queria apenas conhecer o toque. Quando o conhecesse melhor, tinha certeza de que o convenceria a deixá-la experimentar. – Bem, Alex, estava pensando se você me deixaria usá-lo.

Ele era policial há mais de cinco anos e até o momento acreditava que nada poderia surpreendê-lo. Mas levou três segundos para fechar a boca.

— Desculpe, acho que não entendi.

— É que você é tão perfeito. – Ela aproximou-se. Realmente queria dar uma olhada melhor na arma, sem deixar transparecer.

Ela cheirava a luz do sol e a sexo. Ao aspirar aquele perfume, Alex pensou que tal combinação desconcertaria qualquer homem.

— Eu sou perfeito?

— Absolutamente perfeito. – Encarou-o e sorriu. O olhar demonstrava franqueza e avaliação. Ela o estudava do jeito que uma mulher estuda um vestido

na vitrine de uma loja. – Você é exatamente o que eu estava procurando.

Os olhos dela eram totalmente verdes. Nenhuma sombra de cinza ou azul, nenhum lampejo de ouro. Uma covinha perto da boca. Só uma. Nada naquele rosto exótico e sexy era simétrico.

— O que está olhando?

— Sei que você é um homem ocupado, mas vou tentar não tomar muito seu tempo. Uma hora de vez em quando.

— Uma hora? – Ele se pegou repetindo as palavras como um eco e tentou escapar ao fascínio. – Escute, eu agradeço...

— Você não é casado, é?

— Casado? Não, mas...

— Isso torna tudo mais simples. Ocorreu-me a noite passada quando eu fui deitar.

Meu Deus! Ele aprendera a apreciar as mulheres bem cedo. E aprendera a julgá-las com habilidade – ou pelo menos assim pensava. Sabia como esquivar-se, quando se mandar e quando se sentar e aproveitar. Mas com esta, perderia todas as apostas.

— Isto é pesado? – perguntou tocando no coldre.

— A gente se acostuma. Faz parte.

O sorriso tornou-se mais afetuoso, fazendo-o novamente pensar na luz do sol.

— Perfeito – murmurou ela. – Eu gostaria de compensá-lo pelo seu tempo e sua experiência.

— Você gostaria... – Ele não estava certo se deveria se sentir insultado ou embaraçado. – Espere aí, garota.

— Pense nisso – disse Bess rápido. – Sei que é pedir um bocado, mas tenho um problema com Matthew.

Uma novíssima emoção furou o cerco de sua guarda e era tão verde quanto os olhos dela.

— Matthew? E quem diabos é Matthew?

— Nós o chamamos de Storm, na verdade. Sargento Storm Warfield, Departamento de Polícia de Millbrook.

Agora definitivamente estava com dor de cabeça. Esfregou os dedos nas têmporas.

— Millbrook?

— A cidade fictícia de Millbrook, onde se passa a história. Fica em algum lugar do meio oeste. Storm é um policial. Sua vida pessoal é uma zona, mas, profissionalmente, ele é centrado, dedicado e, de vez em quando, cruel. Nesta nova trama que estou desenvolvendo, quero me concentrar no trabalho policial dele, na rotina, nas frustrações.

— Espere aí. – Ele sempre tivera o raciocínio rápido, mas estava demorando um minuto para a ficha cair. – Você quer que eu a ajude com a trama?

— Exatamente. Se pudesse ao menos me explicar como pensa, como resolve um caso, trabalhando com o sistema ou o contornando. Os policiais da TV quase sempre têm que trabalhar contornando o sistema, você sabe. Funciona melhor do que se seguissem as regras direitinho.

Ele esbravejou ao respirar e esfregou as mãos no rosto. Droga, elas estavam suadas.

— Você é um caso sério, McNee.

— Não precisa decidir agora. – Ela também era persistente. E se perguntou se ele carregava uma arma sobressalente presa no tornozelo. Uma daquelas armas pequeninas de cromo super sexy. Já vira esse truque em diversos filmes. Ainda assim, pensou que se lhe perguntasse a respeito, perderia seu tempo. – Vou dar uma reunião hoje à noite. – Enquanto falava, procurou o caderno de notas na bolsa imensa. – Às oito, sem horário para acabar. Leve uma amiga, se quiser. E seu parceiro também. Ele pareceu um amor.

— Ele é adorável.

— É. – Ela arrancou a página e entregou-a a Alex. – Realmente gostaria que você desse uma passadinha.

Ele pegou a folha sem se importar em lembrá-la que já estava de posse de seu endereço.

— Por quê?

— Por que não? – retrucou.

Antes que ele pudesse listar as razões, ouviu alguém chamar seu nome.

— Alexi.

Alexi. Bess já estava encantada com o som quando murmurou o nome em pensamento. Diferente, exótico. Sexy. Tinha certeza de que combinava muito mais com ele do que o banal *Alex*.

Bess examinou a mulher caminhando na direção deles. Não era do tipo que passaria despercebida na multidão, refletiu. Era maravilhosa, absolutamente segura de si e grávida. Ao lado de Bess, Alex puxou a cadeira e suspirou.

— Rachel.

— Só um minuto do seu tempo, detetive – pediu Rachel, lançando um olhar para Bess antes de aprisionar Alex com uma olhada inquiridora. – Apenas para relembrá-lo sobre direitos civis.

— Sua irmã? – Bess perguntou, surpreendendo ambos. Alex lançou-lhe um olhar observador.

— Como sabe?

— Sou realmente boa com rostos. A mesma estrutura óssea, o mesmo

colorido, a mesma boca. Vocês têm que ser irmãos ou então primos em primeiro grau.

— Culpado – admitiu Rachel. Embora tivesse preferido saber o que Alex fazia com aquela ruiva de olhar penetrante, não estava disposta a ser distraída de seus deveres como defensora pública. – Jesus Domingo, Alexi. Busca ilegal e apreensão.

— Asneira. – Alex cruzou os braços e inclinou-se na mesa.

— Você possuía um mandado de busca?

— Não precisava de um. Ele nos convidou para entrar.

— E o convidou também para remexer em seus pertences, imagino.

— Não. – Alex sorriu enquanto Bess observava o bate-bola verbal como se assistisse a campões de tênis. – Jesus passou mal. Ofereci-me para pegar água. Ele não objetou. Abri o freezer para pegar gelo pro infeliz e encontrei dois quilos. Está tudo em meu relatório.

— Que argumento inconclusivo, Alexi. Você nunca vai conseguir uma condenação.

— Talvez sim. Talvez não. Fale com o promotor.

— É o que pretendo. – Rachel moveu a pasta de lugar e começou a massagear a barriga em movimentos circulares para acalmar o bebê que parecia estar fazendo aeróbica em sua barriga. – Você não tinha uma causa provável.

— Sente-se.

— Não quero me sentar.

— O bebê quer. – Ele pegou a cadeira e forçou-a a sentar-se. – Quando você vai entrar de licença?

Era bem mais confortável sentar. Impossível descrever. Mas não estava a fim de admitir.

— O bebê só vai chegar daqui a dois meses. Ainda tenho muito tempo. Estávamos discutindo...

— Rach. – Ele colocou a mão em seu rosto, com muita gentileza. Um palavrão não a teria parado, mas o gesto delicado o fez. – Não me faça ficar preocupado com você.

— Estou muito bem.

— Você não devia estar aqui.

— Vou ter um filho. Não é contagioso. Agora, voltando a Domingo.

Alex deu uma breve e enérgica opinião sobre o que poderia ser feito com Domingo.

— Fale com o procurador – repetiu. – Sentada.

— Ela me parece muito forte – comentou Bess.

Dois pares de olhos se voltaram para ela: um furioso; o outro pensativo.

— Obrigada. Os homens da minha vida me paparicam demais – explicou Rachel. – É um amor, mas irritante.

— Muldoon devia cuidar melhor de você – insistiu Alex.

— Não preciso que Zack cuide de mim. E o fato é que convivendo com ele e Nick, mal consigo escovar meus dentes – Estendeu a mão para Bess. – Já que meu irmão é muito mal educado para me apresentar, sou Rachel Muldoon.

— Bess McNee. Você é advogada?

— Isso mesmo. Trabalho no escritório de defensoria pública.

— Sério? – Os pensamentos de Bess começaram a rodar. – Como é ser...

Alex ergueu a mão.

— Não a deixe começar. Ela vai fazer uma lavagem cerebral em você e você nem vai perceber. Escute, McNee, – virou-se para Bess, determinado a não se deixar seduzir por um sorriso – estamos um pouco ocupados aqui.

— Claro que sim. Desculpe. – Obediente, colocou a enorme bolsa no ombro. – Conversamos hoje à noite. Prazer em conhecê-la, Rachel.

— O prazer foi meu. – Rachel passou a língua nos dentes e ela e Alex olharam Bess encontrar a saída da sala.

— Nossa, que grosseria!

— É o único jeito de lidar com ela, acredite.

— Hummm... Ela me pareceu uma mulher interessante. Como a conheceu?

— Não pergunte. – Sentou-se na mesa, incomodado com o perfume de luz do sol e sexo que ainda pairava no ar.

— Não posso acreditar que seja verdade. – Holly, a bonita mulher de Judd há oito meses, estava deslumbrada em seu traje de gala. – Espere até eu contar a todo mundo na sala de professores onde passei a noite.

— Calma, querida. – Judd afrouxou a gravata que ela insistira em fazê-lo usar. – É só uma festa.

— Só uma festa? – Quando o elevador subiu, ela ajeitou os cabelos castanhos claros. – Não sei da vida de vocês dois, mas não é todo dia que eu como canapés com celebridades.

Em um silêncio constrangedor, Alex, desconfortável em sua jaqueta de couro não sabia que diabos fazia ali. Seu primeiro erro fora mencionar o convite a Judd. Apesar de parecer indiferente, estava explodindo de vaidade ao ligar para a mulher. Alex acabara sendo arrastado pelo entusiasmo dos dois.

Mas não ia ficar. O senso de decoro de Holly insistira em afirmar que ela e Judd não podiam ir sem ele, mas ele já decidira como agir. Entraria, talvez tomasse uma cerveja, comeria uns dois salgadinhos e se mandaria. Não tinha a

menor intenção de passar uma de suas raras noites livres bancando o fã de telenovelas.

— Nossa! – foi tudo que Holly conseguiu exclamar quando as portas do elevador se abriram.

As paredes do hall privativo estavam cobertas por um mural da cidade. Times Square, Rockefeller Center, Harlem, Little Italy, Broadway. As pessoas pareciam correr pelas paredes, do jeito como faziam nas ruas. Era como se a mulher que morava ali não quisesse perder um minuto da agitação.

Pela porta aberta do apartamento podia-se ouvir a música, as pessoas rindo e conversando, além do aroma de comida e velas.

— Nossa! – repetiu Holly, arrastando o marido ao entrar.

Logo atrás, Alex observou a sala enorme, entupida de gente envolta em seda ou algodão, ternos e vestidos de baile luxuosos. Tinha gente em pé, disputando espaço sobre o piso de madeira; tinha gente sentada, disputando espaço entre as almofadas safira de um enorme sofá redondo, ou mesmo nos degraus de uma escada circular de bronze que levava a um espaço na cobertura onde mais gente inclinava-se no parapeito adornado com querubins nus.

As luzes da cidade entravam por duas enormes janelas, onde mais convidados sentavam-se em almofadas nas bancadas, equilibrando pratos e copos no colo.

Quadros estavam espalhados pelas paredes de tom marfim. Arte moderna, viva, frenética, surrealismo capaz de produzir alucinações. Havia cor suficiente para fazer sua cabeça rodar. Apesar disso, em meio à multidão e aos tons estonteantes, ele a viu. Dançava, provocante, com um homem de aparência distinta num terno cinza risca de giz.

Usava um vestido minúsculo, da cor de uvas roxas esmagadas. Irritado, pensou se ela não tinha algo para cobrir aquelas pernas. Porque o vestido, com certeza, não cumpria a função. Aliás, não tapava quase nenhum território: terminava no meio das coxas, o decote descia até a cintura, deixava os ombros nus exceto por alças fininhas e cintilantes.

Pedras multicoloridas caíam enfileiradas dos lóbulos das orelhas até os belos ombros angulosos. Estava descalça.

Parecia, pensou Alex, os músculos do estômago horrivelmente contraídos, escandalosamente atraente.

— Ai, meu Deus, olha ali a Jade. Nossa! Storm, Vicki e a dra. Carstairs também. – Os dedos de Holly apertavam o braço do marido. – E a Amélia.

— Quem?

— *Pecados Secretos*, seu tonto. – Deu-lhe um soco de brincadeira. – O elenco inteiro está aqui.

— E não é só isso. – Como lembrou-sea tempo de que, supostamente devia se

mostrar entediado, Judd evitou apontar e inclinou a cabeça. – Aquele é Lawrence D. Strater dançando com nossa anfitriã. O L.D. Strater, das Indústrias Strater. Ele está na lista da revista *The Fortune 500,* querida. O prefeito está naquele canto, conversando com Hannah Loy, a grande dama da Broadway. – A voz começou a denunciar seu excitamento, enquanto continuava a passar os olhos pelo salão. – Puxa, há astros suficientes nesta sala para iluminar todos os bairros de Nova York.

Mas Alex nada percebia. Além do mais, não dava a mínima. Sua atenção estava focada em Bess. Ela parara de dançar e, na ponta dos pés, sussurrou algo no ouvido do parceiro que o fez rir antes de beijá-la. Um beijo nos lábios.

Ela também o beijou, as mãos pousadas com intimidade na cintura dele, antes de se virar e ver os recém-chegados. Acenou, pediu licença ao seu par e escapuliu, atravessando a multidão em direção a eles.

— Vocês vieram. – Deu uma beijoca amigável na bochecha de Alex e na de Judd antes de apertar as duas mãos de Holly. – Prazer em conhecê-la.

— Bess McNee, minha mulher, Holly.

— Obrigada por nos convidar. – Holly se pegou começando a gaguejar, como na primeira vez que encarou uma turma de alunos de 10 anos. Corou.

— O prazer é todo meu – Bess apertou-lhe as mãos, acalmando-a. – Vamos pegar alguma coisa para vocês beberem e comerem. – Apontou uma comprida mesa encostada na parede. Ao contrário dos canapés e pratos sofisticados e irreconhecíveis que Alex imaginara, enormes travessas de macarrão, montanhas de pão de queijo e generosas tábuas de antepasto.

— É uma noite italiana – explicou, pegando um prato e suspendendo-o. – Há bastante vinho e cerveja e um bar completo. – Passou o prato para Holly e pegou outro. – As sobremesas estão do outro lado da sala. São incríveis. – Enquanto passava um prato para Judd, notou o brilho nos olhos de Holly. – Você gostaria de conhecer algumas pessoas do elenco?

— Ah, eu... – Pro diabo com a sofisticação. – Sim, adoraria.

— Ótimo. Com licença. Sirva-se, Alexi.

— Uma festa e tanto – disse Judd com a boca cheia de macarrão.

— E tanto! – concordou Alex. Decidido a aproveitar ao máximo, serviu-se.

Não ia ficar. Mas a comida estava ótima. De qualquer modo, não tinha nada mais para fazer. Não causaria nenhum dano perambular um pouco e esbarrar nos ricos e famosos enquanto saboreava uma comida gostosa. Certamente era uma mudança e tanto em sua rotina diária na qual presenciava miséria e amargura.

Depois de comer o macarrão, acompanhado por um ótimo vinho tinto, encontrou um lugar perto da janela onde podia sentar e admirar o espetáculo.

Bess sentou-se a seu lado e brindaram.

— O melhor lugar da casa.

— E que casa!

— É, gosto muito dela. Depois mostro o resto a você, se quiser. – Pegou um pedacinho de doce do prato dele e provou. – Uma delícia.

— É. Você se lambuzou. – Antes que o bom senso pudesse assumir seu posto, limpou um pouco de creme do lábio de Bess. Olhando-a, lambeu o dedo. E provou-a. – Nada mal.

Por um momento, ela se perguntou se os circuitos em seu cérebro haviam entrado em pane. Algo certamente causara uma faísca. Conseguiu pronunciar um som demonstrando estar de acordo enquanto passava a língua no canto da boca. E provou-o.

— A mulher de seu parceiro, Holly. – Ela sempre fora especialista em conversas banais, qualquer tipo de conversa. Não entendia o motivo de demonstrar hesitação agora.

— O que tem ela?

— Ela quem? Ah, certo. Holly. Ela é simpática. Não posso imaginar como deve ser dar aulas para alunos da 5ª série.

— Tenho certeza de que você vai perguntar.

— Já perguntei. – Sentindo-se novamente à vontade, sorriu para ele. Algo naquele tom sarcástico da voz a fez relaxar e se divertir. – Olha aqui, Alexi. Podemos ter profissões diferentes, mas as duas exigem certa dose de curiosidade sobre a natureza humana. Por acaso não está sentado aí examinando toda essa gente e se perguntando o que estão fazendo na minha festa?

— Não tanto quanto me pergunto o que *eu* estou fazendo na sua festa.

Ele balançou a taça de vinho antes de dar um gole. Ao beber, manteve os olhos atentos fixos nela. Ela gostava disso. Gostava muito do jeito como ele conseguia ficar sentado tão quieto, a energia brotando de cada poro, enquanto olhava. Enquanto esperava. Bess admitia que um de seus piores defeitos era a impaciência.

— Você estava curioso – disse a ele.

— Um pouco.

A saia subiu mais um centímetro quando ela enroscou as pernas no assento.

— Eu adoraria dizer a você tudo que quiser saber em troca de sua ajuda. Está vendo aquele cara ali, aquele maravilhoso com uma loura pendurada no bíceps dele?

Alex correu os olhos pela sala.

— Estou, mas não diria que ele é maravilhoso.

— Você não é mulher. Ele é o meu detetive, Storm Warfield, a ovelha negra do esnobe e podre de rico clã Warfield. O rebelde, o irmão inconstante de Elana

Warfield Stafford Carstairs, uma personagem com tendência ao sofrimento. Ele acaba de terminar um caso neurótico com a malvada e maquiavélica Vicki. A loura agarrada nele. Eles estão separados na frente das cameras, mas juntos longe delas. Storm está loucamente apaixonado pela sofredora e etérea Jade que, é claro, está dividida entre seus sentimentos por ele e sua lealdade para com o incrivelmente inteligente e mau-caráter Brock Carstairs – meio irmão do leal marido de Elana, dr. Maxwell Carstairs. Max já foi casado com a irmã de Jade, Flame, antiga cúmplice, mas depois, arrependida, foi morta num terremoto no Peru logo depois, de ter dado a luz ao filho – que pode ou não ser filho do marido. Naturalmente, o corpo nunca foi encontrado.

— Ou eu tomei vinho demais ou você está me deixando tonto.

Bess sorriu e deu-lhe um tapinha camarada na coxa que fez o sangue ferver.

— Não é assim tão complicado quando você conhece os atores. Mas eu quero você para Storm.

Alex lançou um olhar atento ao ator.

— Não acho que ele seja meu tipo.

— Sua experiência profissional, detetive. Preciso de um conselheiro técnico informal. Minha produtora ficará feliz em compensá-lo por seu tempo, especialmente por estarmos em primeiro lugar nas pesquisas, nos últimos nove meses. – Alguém a chamou e Bess acenou. – Parece que o pessoal vai começar a ir embora. Escuta, você pode ficar por aqui até eu terminar de bancar a anfitriã?

Ela ergueu-se e desapareceu antes que ele pudesse responder. Após uma pequena pausa, Alex colocou o resto da sobremesa de lado e levantou-se. Já que ficaria até o final na festa, melhor se divertir.

Enquanto conversava com o resto dos convidados, Bess mantinha o olho nele. Quando ele decidiu relaxar, percebeu, o fez com estilo. Não ficou surpresa ao constatar que ele sabia flertar ou que várias mulheres na sala faziam questão de perambular à sua volta. Até Lori – ingênua no quesito homens – não deixou de ser afetada.

— Então, foi aquele que prendeu você? – perguntou, colocando uma azeitona suculenta na boca.

— O que você acha?

Lori mordeu-a, saboreou-a, engoliu-a.

— Huum.

Com uma risada, Bess pegou um naco de queijo.

— Presumo que esteja comentando sobre o homem, não sobre meu bufê.

— Pode apostar. E o melhor, ele não é um ator.

— Ainda magoada? – perguntou Bess baixinho.

Lori deu de ombros, mas o olhar percorreu Steven Marshall, ou melhor, Brock

Carstairs.

— Nunca dediquei a ele ou a seu minúsculo cérebro um minuto de atenção. Nenhuma mulher sensata passaria a vida competindo com o ego de um ator por atenção.

— Sensatez não tem nada a ver com isso.

Lori afastou o olhar porque doía, mais do que podia admitir, ver Steven tão ocupado em ignorá-la.

— Olha quem fala! A rainha dos relacionamentos destruídos.

— Eu não os destruí, eu os aproveitei.

— Se não me engano, dois de seus ex-noivos estão nesta sala.

— É uma grande festa. Além disso, eu não estava noiva de Lawrence.

— Ele lhe deu um anel com uma pedra do tamanho de um Buick.

— Um símbolo de sua estima – disse Bess, alegre. – Nunca concordei em me casar com ele. E Charlie e eu... – Fez sinal para Charles Stutman, consagrado escritor de peças. – O noivado durou pouco. Ambos concordamos que Gabrielle era perfeita para ele e nos separamos como bons amigos.

— Foi a primeira vez que ouvi falar de uma mulher ser madrinha no casamento do ex-noivo – admitiu Lori. – Não sei como consegue. Você não se angustia por causa dos homens e eles nunca a culpam pelo jeito como as coisas terminam.

— Porque eu acabo sendo uma amigona. – Por um segundo, Bess deixou transparecer a melancolia no sorriso. – Nem sempre a posição desejada por uma mulher, mas parece se adequar a mim.

— Vai virar amiga do policial?

Mais uma vez Bess se pegou procurando Alex entre os demais convidados. Encontrou-o dançando uma música lenta, bem coladinho numa morena exuberante.

— Ajudaria se ele conseguisse gostar um pouquinho de mim. Acho que vai me dar trabalho.

— Nunca soube de nenhum fracasso seu nessa área. Preciso ir. Vejo você na segunda.

— Tudo bem. – Bess foi astuta o suficiente para olhar na direção de Steven quando Lori foi embora. Tinha perfeita consciência da expressão de infelicidade nos olhos dele ao ver Lori entrar no elevador.

As pessoas eram muito duras consigo mesmas, pensou com um suspiro. O amor, sem dúvida, só era um processo complicado e doloroso se você quisesse. E ela devia saber, refletiu, enquanto tomava outro gole no vinho. Há anos entrava e saia dolorosamente de relacionamentos.

Quando colocou a taça de lado, Alex aprisionou seu olhar. Bess ficou surpresa

ao sentir o coração acelerar. Mas a sensação se foi, tão rápida quanto chegou, assim que alguém convidou-a para dançar.

CAPÍTULO TRÊS

Com que freqüência você dá uma dessas *coisas?* – perguntou Alex quando aceitou a oferta de Bess para a última xícara de *cappuccino* em seu agora vazio e terrivelmente bagunçado apartamento.

— Quando me dá na telha.

A arrumação depois da festa não a preocupava. Ela e o grupo de faxineiros contratados arrumariam tudo mais cedo ou mais tarde. Além disso, gostava da bagunça e do caos, do vinho derramado, dos cheiros no ar. Testemunhavam o fato de que ela e muitos outros se divertiram.

— Quer um pouco de macarrão frio? – perguntou Bess.

— Não.

— Eu quero. – Ela levantou-se e caminhou até o bufê. – Mal tive chance de comer. Só o que eu podia roubar do prato dos outros. – Voltou e esticou-se nas almofadas, enrolando o macarrão no garfo. – O que achou de Bonnie?

— De quem?

— De Bonnie. A morena com quem estava dançando. Aquela que colocou o número do telefone em seu bolso.

Lembrando-se, Alex bateu no bolso da camisa.

— Certo. Bonnie. Muito legal.

— É mesmo – concordou, enrolando mais macarrão no garfo. Estendeu o pé na mesinha de centro e continuaram a ouvir a batida do rock tocando baixinho no som.

— Agradeço por ter ficado.

— Tenho tempo.

— Mesmo assim, obrigada. Deixe-me explicar para você, está bem? – Continuou a comer com rapidez, devorando o prato cheio. – Jade tem dupla personalidade devido a um trauma na primeira infância. Mas isso não vem ao caso agora.

— Graças a Deus.

— Não seja debochado. Milhões de telespectadores estão ansiando por mais. De qualquer modo, o alter ego de Jade, Josie, é a prostituta – ou vai ser, quando começarmos a explorar esta trama. Storm é louco por Jade. É duro para ele, porque faz o tipo apaixonado e ela está muito frágil no momento.

— Por causa de Brock.

— Você sacou. Bem, ele está loucamente apaixonado e frustradíssimo e tem um caso complicado para solucionar. O Maníaco de Millbrook.

— O... – Alex fechou os olhos. – Puxa vida.

— Ei, a imprensa sempre coloca rótulos chamativos nos psicopatas. Bem, o maníaco anda estrangulando mulheres com uma echarpe de seda rosa. É simbólico, mas ainda não posso falar disso.

— Mal posso lhe dizer como fico agradecido.

Ela lhe ofereceu uma garfada de macarrão frio. Depois de um momento, ele cedeu e curvou-se, aproximando-se para pegá-lo.

— Agora, a imprensa vai começar a perseguir Storm – continuou Bess. – E um oficial de alta patente vai estar em seu caso também. Sua vida emocional está um desastre. Como vai conseguir separar a vida pessoal da profissional? Como vai agir para estabelecer uma conexão entre as três vítimas? São três por enquanto. E quando ele se dá conta de que Jade pode estar em perigo, como vai impedir os sentimentos pessoais de afetarem seu julgamento profissional?

— É esse tipo de coisa que você quer?

— Pra começar.

— Tá bom. – Ele colocou o pé ao lado do dela. – Primeiro, você não separa as coisas. Não do jeito como você acha. No instante em que é levado a pensar como policial, você é um policial e ponto final. Você pensa com um e não tem vida pessoal até poder parar de pensar como um policial novamente.

— Espere aí. – Bess colocou o prato no colo dele, inclinou-se e remexeu numa gaveta até achar um caderno de notas. Atirou-se novamente no sofá, enroscando as pernas dessa vez, o joelho encostado na coxa dele. – Deixe-me anotar – disse, escrevendo. – Você está me dizendo que quando começa a trabalhar num caso ou recebe um telefonema ou seja lá o que for, todo o resto desaparece.

Uma vez que ela parecia já ter terminado de comer, ele colocou o prato na mesinha de centro.

— É melhor que desapareça.

— Como?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não tem explicação; é assim e ponto final. Olha, em geral, o trabalho de um policial é monótono, rotineiro, mas é o tipo de rotina na qual você deve manter 100 por cento de atenção. Basta cometer um erro num documento e algum safado consegue uma brecha para escapar.

— E quando você está na rua?

— É rotina também e é bom manter a cabeça nessa rotina, se quiser voltar para casa inteiro. O policial não pode começar a pensar na briga que teve com sua mulher ou nas contas que não consegue pagar ou no fato de sua mãe estar doente. Você pensa no momento, no momento presente, ou não vai ser capaz de resolver nenhuma dessas coisas depois. Simplesmente porque vai estar morto.

Bess lançou-lhe um olhar rápido. Ele falara de uma maneira tão trivial. Ao

analisá-lo, se deu conta de que ele realmente acreditava no que dizia.

— E o medo?

— Normalmente você tem dez segundos para ter medo. Então agarre-os.

— Mas e se o medo é por outra pessoa? Alguém que você ame?

— Então é melhor colocar o medo de lado e agir como foi treinado a agir. Caso contrário, você não serve para nada. Não serve para o seu parceiro nem para você mesmo. Sem falar na sua responsabilidade.

— Então, é tudo previsível?

Ele sorriu um pouco.

— Exceto na TV. Você está me fazendo perguntas sobre sentimentos. E sentimentos são intangíveis.

— Sobre os sentimentos de um policial – ela disse. – Achava que eles fossem muito tangíveis. Talvez um policial não tenha permissão de mostrar as emoções no trabalho. Talvez precise engolir alguns sapos e seguir com a rotina. E não importa que você seja o melhor; uma prisão não significa o fim. Nem sempre o cara mau vai pagar. Isso deve causar uma frustração imensurável. E reprimir essa frustração... – Pensando, ela bateu o lápis no bloco. – Está vendo, eu penso em pessoas como panelas de pressão.

— Com certeza.

— Não, não é bem assim. – Aquele sorriso franco, o charme daquela única covinha no rosto. – Seja lá o que se tem dentro, bom ou mau, deve-se encontrar um meio de extravasar, senão explode. – Ela voltou a se mexer e os dedos quase lhe tocaram o pescoço. Ela falava com os dedos, notou. Com as mãos, com os olhos, com o corpo inteiro. A mulher simplesmente não conseguia ficar parada.

— O que você faz para não explodir, Alexi?

— Eu me certifico de chutar uns dois cachorros pequenos toda manhã.

Ela sorriu com total compreensão.

— Muito pessoal? Está bem, voltamos a falar a respeito depois.

— Não é pessoal. – Droga, ela o deixava tão desconfortável. Como se um pequeno ponto em suas costas coçasse e ele não conseguisse alcançá-lo. – Eu faço exercício. Boto a raiva pra fora socando um saco de areia alguns dias por semana. Levanto muito peso. Boto pra fora com a transpiração.

— Ótimo. Perfeito! – Sorrindo, ela colocou a mão no bíceps dele e apertou. – Não está muito flácido. Suponho que funcione. – Ela flexionou o braço e o convidou a testar o músculo. Foi um gesto de um garotinho num playground, mas Alex não conseguia pensar nela dessa maneira. – Eu também malho – disse a ele. – Sou viciada em malhação, mas parece que não consigo desenvolver nenhuma força nos membros superiores.

Ele a fitou enquanto rodeava o braço dela com a mão e encontrou um músculo

firme.

— Seus músculos superiores parecem bem.

— Um elogio! – Surpresa com a própria reação, um arrepio até as entranhas devido a apenas um toque casual, começou a sacudir o braço. Ele continuou segurando-o. Exigiu certo esforço manter o sorriso. – O que foi? Está a fim de uma queda-de-braço, detetive?

A pele dela era como pétalas de rosa macias e perfumadas. Tateando-a, desceu a mão até a curva do cotovelo. Ela sorria e os olhos estavam iluminados com humor, mas o pulso acelerava.

— Alguns anos atrás disputei a namorada do meu irmão numa queda-de-braço. Perdi e eles se casaram.

A idéia era tão absurda que lhe dominou a imaginação.

— É mesmo? É assim que os Stanislaski ganham suas mulheres?

— Do jeito que funcionar. – Como estava tentado a explorar mais do que essa sedosa pele exposta, levantou-se pensando que a descomplicada Bonnie fazia mais seu estilo do que Bess McNee com seus modos exóticos e sua mania de fazer perguntas. – Preciso ir.

O que quer que houvesse vibrado entre eles começava a se acalmar. Quando Bess o levou até a porta, se debateu sem saber se queria que os ecos daquela vibração inicial desaparecessem por completo ou se estava disposta a aumentar o volume até reconhecer a música.

— Stanislaski é um nome polonês, russo ou o quê?

— Somos ucranianos.

— Ucranianos? – Intrigada ela o viu colocar a jaqueta. – Do sudoeste da União Soviética Européia com as montanhas Carpathian a oeste.

— Exato. – E foi por aquelas montanhas que a família dele escapara quando ele não passava de um bebê. Sentiu um aperto, como sempre acontecia ao pensar no seu país de origem. – Você já esteve lá?

— Só em pensamento. – Sorrindo, ela ajeitou a jaqueta para ele. – Eu me formei em Geografia na faculdade. Gosto de ler sobre lugares exóticos. – Manteve as mãos na frente da jaqueta, gostando do toque do couro, do perfume do couro e do dele. Os corpos estavam próximos, de uma forma mais casual do que íntima. Mas estavam próximos. Olhando naqueles olhos escuros e penetrantes, descobriu que, apesar de tudo, queria ouvir a música de novo.

— Você vai conversar comigo de novo? – perguntou a ele.

Os dedos coçavam ansiosos por descer naquela pele sedutora e nua das costas dela. Por razões que não saberia descrever, manteve as mãos ao lado.

— Você sabe onde me encontrar. Se eu tiver tempo e respostas, vamos conversar.

— Obrigada. – Bess ficou na ponta dos pés para que os olhos e as bocas ficassem na mesma altura. Curvou-se devagar, um centímetro, depois outro, para tocar a boca na dele. O beijo foi suave e jovial. Suas irmãs teriam se despedido dele exatamente da mesma maneira. Mas aquele gosto fugaz não lhe despertou sentimentos fraternos.

Ela ouviu o zumbido na cabeça. Um som gostoso e baixo de prazer. Ele tinha um leve gosto de vinho e especiarias e os lábios firmes pareciam aceitar o gesto pelo que ele significava – afeição e curiosidade. Os lábios dela ainda retinham aquele beijo quando finalmente apoiou os calcanhares no chão.

— Boa noite, Alexi.

Ele meneou a cabeça. Tinha quase certeza de que conseguiria falar, mas resolveu não correr riscos. Virando-se, seguiu para o hall e apertou o botão do elevador. Quando olhou para trás, ela ainda estava parada na porta. Sorrindo, acenou um tchau e começou a fechar a porta.

Ambos ficaram surpresos quando ele moveu-se com rapidez e colocou a mão na porta para mantê-la aberta. O fato de ter automaticamente recuado um passo a surpreendeu ainda mais. Mas foi o olhar dele, pensou, que a fez sentir-se como um coelhinho na mira de uma espingarda.

— Você esqueceu algo?

— Hum-hum. – Lentamente, muito deliberadamente, ele passou os braços em torno de sua cintura, acariciou-lhe as costas. Ela arregalou os olhos e arrepiou-se. – Esqueci que gosto de tomar a iniciativa.

Bess ansiou pelo tipo de investida selvagem que lia em seus olhos e surpreendeu-se, pela terceira vez em poucos minutos. Ele não a agarrou, mas puxou-a para mais perto, pouco a pouco, até seu corpo ficar moldado ao dele. Os dedos deslizaram sem pressa por suas costas até chegarem à nuca e segurarem-na. Mesmo então mantinha a boca a poucos centímetros da dela.

A mão dele movia-se devagar, com intimidade onde a pele parecia de seda.

— Fique na ponta dos pés – murmurou.

— O quê?

— Fique na ponta dos pés. – Desta vez foram os lábios dele que a procuraram.

Confusa, obedeceu, depois arfou quando ele aumentou a pressão nas suas costas colando os corpos. Alex manteve os olhos abertos enquanto buscava a boca de Bess. Roçou-a, mordiscou-a até finalmente beijá-la com uma possessividade que a entonteceu.

O zumbido na cabeça cresceu até se tornar uma parede de som irreconhecível. Estava surda para tudo mais, até mesmo para o sussurro em sua garganta quando ele enfiou, provocante, a língua entre seus lábios.

Tudo em câmera lenta, mas nada impediu que se sentisse afogueada. Ela podia

sentir as diminutas labaredas aumentarem quando pressionada mais intimamente contra ele, até que as chamas se espalharam por todos os lados.

Ele nunca forçou, nunca pressionou; degustava como um homem que tivesse saboreado uma refeição satisfatória e agora se deliciasse com uma gostosa sobremesa. Mesmo sabendo estar sendo provada, testada, consumida preguiçosamente, ela não podia protestar. Pela primeira vez na vida, Bess compreendeu o que significava ser seduzida sem poder reagir.

Ele não planejara fazer isso, apesar de ter pensado a respeito horas a fio. Entretanto, quanto mais prazer lhe dava sentir o corpo curvilíneo amalgamar-se ao dele, ouvir aqueles sons baixos e vulneráveis vibrando em sua garganta, provar aquela paixão vertiginosa em seus lábios, mais certeza tinha de haver cometido um erro.

Ela não fazia o tipo dele. E ele ia querer mais.

Seu instinto inato, além do que desenvolvera durante os anos na Força Policial o ajudaram a controlar uma parte de si que, se liberada, podia transformar uma noite num desastre para ambos. Ainda assim, prolongou outro momento, deixando-se atingir o auge. Quando o corpo moveu-se em uníssono com o dela e a mente enevoou-se com visões de livrá-la daquele minúsculo pano que constituía seu vestido, ele recuou. Segurou-a pelos cotovelos até os olhos dela abrirem.

Eram grandes e pareciam confusos. Ele trincou os dentes para suprimir o desejo de puxá-la para perto de novo e terminar o que começara. Mas, por mais abalada e frágil que parecesse no momento, Alex reconheceu uma mulher perigosa. Ele era policial há muito tempo para saber quando enfrentar o perigo e quando evitá-lo.

— Você, hã... – Bess gaguejou, perguntando-se onde fora parar toda sua desenvoltura. Era um pouco difícil pensar quando não tinha certeza se a cabeça ainda estava sobre os ombros. – Bem – foi tudo que conseguiu dizer e ficou por isso mesmo.

— Bem. – Ele a soltou e deu um sorriso confiante, antes de voltar para o elevador. Embora a postura demonstrasse descontração, Alex rezava para o elevador chegar rápido, antes que perdesse a compostura e rastejasse até sua porta. Ela ainda estava parada quando a porta do elevador abriu. Alex deixou escapar um suspiro silencioso e aliviado ao entrar e recostar-se no fundo.

— A gente se esbarra por aí McNee – disse, quando a porta fechou.

— Claro. – Ela olhou as paredes cobertas de murais. – A gente se esbarra por aí.

— Holly não consegue parar de falar naquela festa. – Judd estava engolindo um bolinho de *blueberry* quando Alex cruzou a Broadway. – Transformou-se na rainha da sala dos professores.

— Não duvido. – Alex não queria pensar a respeito da festa de Bess. E especialmente não queria pensar sobre o que acontecera depois da festa. Precisava se concentrar no trabalho e, no momento, trabalho significava seguir as esparsas pistas que conseguiram arrancar de Domingo. – Se Domingo tiver dito a verdade, Angie Horowitz estava animada com seu novo cliente. – Alex tamborilou os dedos no volante. – Ele a contratou duas quartas-feiras seguidas, vestia-se bem e dava gorjetas polpudas.

Judd meneou a cabeça enquanto tirava as migalhas de bolinho da camisa.

— E ela foi assassinada numa quarta-feira. Assim como Rita Shaw. Mas é uma pista muito inconsistente, Alex.

— Então vamos torná-la consistente. – Continuava frustrado por terem perdido tempo interrogando os recepcionistas nos dois hotéis fuleiros onde os corpos foram encontrados. Como a maioria das pessoas ao ser confrontada com a polícia, os recepcionistas não viram nada. Não ouviram nada. Não sabiam de nada.

Quanto às damas que trabalhavam nas ruas, por mais nervosas que estivessem, não se mostravam dispostas a confiar num homem com distintivo.

— Amanhã é quarta-feira – disse Judd esperançoso.

— Eu sei que droga de dia é amanhã. Você não faz outra coisa além de comer?

Judd desembrulhou outro bolinho.

— A taxa de açúcar no meu sangue é baixa. Se vamos examinar a cena do crime de novo, preciso de energia.

— Você precisa é ... – Alex calou-se quando o olhar bateu nas luzes brilhantes de um restaurante que funcionava 24 horas. Só conhecia uma pessoa com aquela tonalidade de cabelo vermelho. Começou a xingar baixo, de forma constante, enquanto procurava uma vaga para estacionar.

— Você realmente escreve para a TV? – perguntou Rosalie.

Bess terminou de esvaziar um terceiro pacotinho de leite desnatado no café.

— Isso mesmo.

— Bem que achei que você não era uma das nossas – respondeu, tão interessada em Bess quanto nos cinqüenta dólares que recebera. Rosalie falava e soltava rodelas de fumaça. – E você quer saber o que se sente quando se faz um programa.

— Quero saber qualquer coisa que você se sinta à vontade para me dizer. – Bess empurrou o café intocado de lado e inclinou-se. – Não estou aqui sentada julgando você ou pedindo que me faça confidências, Rosalie. Gostaria de ouvir

sua história, se quiser contar. Ou podemos falar de generalidades.

— Você acha que pode saber o que acontece nas ruas colocando uma roupa de *spandex* e uma peruca, como fez naquela noite?

— Descobri um bocado – disse Bess com um sorriso. – Descobri que é dose ficar parada, de salto alto, horas a fio na rua. Que uma mulher precisa esquecer quem é para fazer negócios. Que não olha os rostos. Os rostos não importam. Só o dinheiro. E o que se faz não é uma questão de intimidade, nem mesmo uma questão de sexo; para vocês é uma questão de controle. – Ela pegou a xícara de café e tomou um gole. – Cheguei perto?

Por um momento Rosalie permaneceu em silêncio.

— Você não é tão tola quanto parece.

— Obrigada. Sempre surpreendo as pessoas, principalmente os homens.

— É. – Pela primeira vez, Rosalie sorriu. Debaixo da maquiagem pesada e das rugas que a vida estampara em seu rosto, era uma mulher fantástica, ainda não tendo chegado aos 30. – Vou lhe dizer uma coisa, amiga, os homens que me pagam vêem um corpo. Não enxergam um cérebro. Mas eu tenho um e um plano também. Estou nas ruas há cinco anos e não vou passar mais cinco.

— O que vai fazer? O que quer fazer?

— Quando tiver juntado o suficiente vou para o sul. Vou comprar um trailer na Flórida e arrumar um trabalho sério. Talvez vender roupas. Eu fico ótima em roupas finas. – Apagou um cigarro e acendeu outro. – Muitas de nós temos planos, mas não os realizamos. Eu vou conseguir. Sou limpa – disse, levantando os braços e mostrando-os. Bess levou um minuto para compreender que Rosalie estava dizendo não ser viciada. – Mais um ano e fui. Menos ainda, se eu conseguir pegar um cliente regular com dinheiro. Angie conseguiu.

— Angie? – Bess acionou o arquivo mental. – Angie Horowitz? Não é a mulher que foi assassinada?

— É isso aí. – Rosalie umedeceu os lábios antes de dar uma tragada. – Ela não era cuidadosa. Eu sou sempre.

— Como pode ser cuidadosa?

— Você tem que estar alerta – respondeu Rosalie. – Angie gostava de beber. Convencia um cliente a comprar uma garrafa. Isso não é ser cuidadosa. E aquele cara, o rico? Ele...

— Que diabos você pensa estar fazendo?

Rosalie e Bess ergueram o rosto. Parado ao lado da mesa, um homem alto com ombros estreitos, um charuto enfiado entre os dentes e um diamante brilhando no dedo. O rosto era pálido como a lua, os olhos azuis furiosos. O cabelo era quase branco e, puxado para trás, terminava num rabo-de-cavalo curto.

— Estou tomando uma xícara de café e fumando um cigarrinho, Bobby – disse Rosalie. Mas por trás da resposta em tom de desafio, Bess reconheceu o medo crescente.

— Volte para a rua onde é seu lugar.

— Com licença. – Bess ofereceu seu melhor sorriso. – Bobby, é esse seu nome?

Ele fixou os olhos azuis gelados nela.

— Tá procurando trabalho, querida? Vou logo avisando: não tolero perda de tempo ou conversa fiada.

— Obrigada. Não estou procurando trabalho. Rosalie estava apenas me ajudando com um probleminha.

— Ela não resolve os problemas de ninguém, só os meus. – Fez sinal para a rua com a cabeça. – Mexa-se.

Bess levantou-se para dar passagem a Rosalie, mas manteve-se impassível.

— Este é um lugar público e estamos conversando.

— Você só fala com quem eu mandar. – Bobby empurrou Rosalie com força em direção à porta.

Bess não pensou, simplesmente reagiu. Se havia algo que detestava era coação.

— Ei, vai com calma. – Puxou-lhe a manga. Ele virou-se para encará-la. Outros fregueses do bar fingiram não ver quando ele a empurrou para a mesa. Bess levantou-se, punhos fechados, no momento em que Alex entrou batendo a porta.

— Um passo Bobby – disse, tenso. – Só mais um passo em direção a ela...

Bobby ajeitou a manga e deu de ombros.

— Só vim tomar uma xícara de café. Não foi, Rosalie?

— É isso aí. – Rosalie fechou a mão escondendo o cartão entregue por Bess. – Só estávamos tomando café.

Mas os olhos de Alex não desgrudavam de Bess. Ela não parecia pálida e assustada. Os olhos faiscavam, as bochechas avermelharam-se de raiva.

— Você quer dar queixa?

— Desculpe. – Com esforço, Bess relaxou as mãos. – Só estávamos conversando. Foi bom falar com você, Rosalie.

— Claro. – Ela saiu andando, jogando fumaça no rosto de Alex para causar efeito.

— Cai fora.

Bobby moveu os ombros de novo, deu um sorrisinho forçado.

— Não faz mal. O café daqui é mesmo horrível. – Deu uma olhada em Bess. – Até a próxima, querida.

Alex contou até dez depois de a porta fechar. Sem uma palavra, caminhou na direção de Bess, agarrou-a pelo braço e empurrou-a porta afora.

— Olha, se isto é uma rotina do cavalheiro-com-armadura-reluzente, aprecio, mas não preciso ser salva.

— Você precisa é de uma camisa de força.

Com um instinto assassino no coração, ele a arrastou meio quarteirão.

— Pro carro – ordenou, abrindo a porta de trás da viatura policial.

— Um carro seria...

Ele soltou um palavrão, botou a mão na cabeça dela e a jogou no banco traseiro. Resignada, Bess recostou-se.

— Oi, Judd – disse quando ele sentou no banco do carona na frente. – Como está Holly?

— Ótima, obrigado. – Lançou um olhar em direção ao parceiro. – Ah, ela realmente se divertiu muito na sua casa.

— Fico contente. Vamos ter que organizar outra. – Alex acelerou ao máximo para que ela batesse com as costas no assento. Sem perder a pose, Bess cruzou as pernas. – Tenho direito de perguntar aonde vamos ou vou ser presa de novo?

— Eu devia levar você para o hospício, o local ideal para você – respondeu Alex. – Mas vou levá-la para casa.

— Bem, obrigada pela carona.

Os olhos dele relampejaram ao fitá-la pelo espelho retrovisor. O rosto dela ainda estava corado e as íris dos olhos eram de um verde tão afiado que poderiam cortar até o osso, mas ela parecia mais irritada do que zangada. *Irritada,* pensou pigarreando. Que palavra estúpida. Mas cabia nela como uma luva.

— Você é uma idiota, McNee. E, como a maioria dos idiotas, perigosa.

— É mesmo? – Ela sentou-se na ponta do banco para que pudesse ficar entre ele e Judd. – Como você chegou a essa conclusão, espertinho?

— Você não só volta para uma área onde não tem o que fazer, mesmo sabendo sobre...

— Não enche!

— Mas – continuou – senta com uma prostituta para tomar café e provoca uma briga com o cafetão dela, o tipo de cara que deixaria uma mulher com o olho roxo com a mesma facilidade com que lhe dá bom dia.

Bess cutucou-lhe o ombro.

— Eu não provoquei briga com ninguém e, se provocasse, seria problema meu.

— Por isso você é uma idiota.

— Ei, Alex, vai com calma.

— Não se meta! – disseram Alex e Bess em uníssono.

— Não está mais aqui quem falou – resmungou Judd, afundando-se no banco.

— Acontece que eu estava entrevistando Rosalie. – Bess recostou os braços no assento para não ceder à tentação de torcer a orelha de Alex. – Num lugar público – acrescentou. – Você não tinha o direito de entrar lá e arruinar tudo antes de eu terminar.

— Se eu não tivesse entrado, garota, quebrariam seu nariz de novo.

Ela olhou-o com expressão raivosa, franzindo o inegável nariz quebrado.

— Posso defender meu nariz e todo o resto, sem dificuldade.

— Claro, todo mundo pode ver que você é uma amazona. Ai! – Ele deu-lhe um tapa na mão e xingou quando ela cedeu à tentação e torceu-lhe a orelha. – No instante em que tirar você do carro, vou...

— Ei, Alex.

— Já disse para ficar fora disto.

— Estou fora – garantiu-lhe Judd. – Mas você pode querer dar uma olhada na loja de bebidas à direita.

Ainda bufando, Alex olhou e deixou escapar um profundo suspiro.

— Perfeito. Isto torna tudo perfeito. Ligue para a delegacia.

Bess, olhos arregalados, viu Judd passar um rádio informando sobre um assalto a mão armada, deu o endereço e pediu reforço. Antes que ela pudesse fechar a boca escancarada, Alex estacionava no meio-fio.

— Você! – disse Alex apontando-lhe o dedo no nariz. – Fique no carro ou juro que quebro seu pescoço.

— Não vou a lugar algum – tranqüilizou-o Bess, depois de ter conseguido engolir todo o medo entalado na garganta. Mas bem antes de Bess versalizar as palavras, ele e Judd já estavam do lado de fora do carro, sacando as armas.

Alex já se esquecera dela, refletiu, olhando-lhe o perfil. Antes que ele e Judd tivessem atravessado a rua, assumira a postura de policial. Ela já vira centenas de atores tentando copiar aquele olhar específico. Alguns chegaram perto, percebeu, mas isso era verdadeiro. Não era fingido ou premeditado, mas autêntico, quase inconsciente, vazio.

Exceto os olhos, pensou com um ligeiro tremor. Só dera uma espiada nos olhos dele, mas fora o suficiente.

Vida e morte neles estampados e um potencial para a violência que ela jamais teria imaginado.

No carro escuro, uniu as mãos e rezou.

Ele não a havia esquecido. Ficou furioso por ter que lutar para colocá-la num canto da mente. Havia gente inocente na loja. Um homem e uma mulher. Ele podia sentir o cheiro do medo a cerca de três metros de distância.

Mas perdeu a concentração tempo suficiente para olhar para trás e se certificar de que ela obedecera.

Com um gesto mandou Judd para uma extremidade da porta enquanto ele dirigiu-se ao outro. Não tinha tempo para se preocupar se o novato ia ficar paralisado. No momento eram dois policiais e ele precisava acreditar que Judd atravessaria a porta com ele.

A pistola 9 mm estava quente em sua mão. Ele já identificara as armas dos dois assaltantes. Um carregava uma metralhadora; o outro, uma pistola 45. Podia ouvir o choro da mulher, implorando para não a machucarem. Alex ignorou o desespero da vítima. Esperariam por reforço o máximo possível.

Moveu-se o suficiente para olhar para dentro. Atrás do caixa, uma mulher, de aproximadamente 60 anos, segurava o pescoço com as duas mãos e chorava. Um homem de mais ou menos a mesma idade esvaziava a caixa registradora tão rápido quanto lhe permitiam as mãos tremulas. Um dos homens armados pegou uma garrafa da prateleira. Abriu e entornou-a goela abaixo. Xingando o homem idoso, quebrou a garrafa no balcão e ameaçou-o aproximando o caco de vidro de seu rosto.

Alex já vira aquele olhar antes e sabia que não se contentariam com dinheiro.

— Vamos entrar – sussurrou para Judd. – Você vai abaixado e pega o cara da direita.

Pálido, Judd meneou a cabeça.

— Diga quando.

— Não atire a não ser que seja necessário. – Alex respirou fundo e entrou. – Polícia! – Ouviu ao longe as sirenes do reforço quando o primeiro homem apontou a arma em sua direção. – Abaixe a arma! – gritou, sabendo ser inútil. A mulher já começara a gritar antes do estrondo dos primeiros tiros.

O tiro queimou a fileira de lâmpadas florescentes. A força do tiro de Alex atirou o homem para trás. Alex mirava o segundo homem quando uma bala da pistola 45 atingiu uma garrafa alguns centímetros acima de sua cabeça, espalhando bebida e vidro. Judd atirou e deixou de ser um novato.

Lentamente, com o mesmo olhar vazio no rosto, Alex levantou-se e observou o parceiro. Judd não estava pálido. Estava verde.

— Você está bem?

— Estou. – Depois de guardar a arma, Judd esfregou as costas da mão na boca. Tinha um nó no estômago que ameaçava subir-lhe até a garganta. – Foi meu primeiro.

— Eu sei. Vai lá pra fora.

— Estou bem.

Alex deu-lhe um tapa no ombro, mantendo ali a mão por um momento,

surpreendentemente gentil.

— Vai. Diga ao reforço para chamar uma ambulância.

***

Bess esperava ao lado do carro quando Alex saiu uns vinte minutos depois. Ele parecia o mesmo, pensou. Exatamente o mesmo de quando entrara. Mas quando ele ergueu a cabeça e a olhou, percebeu estar enganada.

Os olhos dele não pareciam tão cansados, tão terrivelmente cansados, vinte minutos antes.

— Eu disse para você ficar dentro do carro.

— Eu fiquei.

— Então volte para dentro.

Gentilmente ela pousou a mão em seu braço.

— Alexi, você já deixou claro o que eu devo fazer. Vou pegar um táxi. Você tem mais o que fazer.

— Já fiz. – Ele rodeou o carro e abriu a porta do carona. Ela quase podia sentir o corpo dele agitando-se, mas quando ele falou a voz era firme, penetrante. – Entre no maldito carro, Bess.

Ela não teve coragem de argumentar então deu a volta e obedeceu.

— E Judd?

— Ele está indo à delegacia preencher o relatório.

— Ah.

Alex deixou o silêncio reinar por três quarteirões. Não tinha sido seu primeiro, mas ele não contara a Judd que o mal-estar agudo, profundo, nunca desaparecia. Era apenas reprimido, transformando-se em raiva, nojo, frustração. E você nunca conseguia parar de se perguntar por quê.

— Não vai perguntar como me sinto? O que passou pela minha cabeça? O que acontece em seguida?

— Não – disse baixinho. – Não preciso perguntar quando posso ver. E é fácil descobrir o que vem a seguir.

Não era o que ele queria. Ele não queria que ela fosse compreensiva ou agradável ou virasse aqueles malditos olhos simpáticos para ele.

— Perdendo uma chance de acumular informações para seus arquivos? McNee, você me surpreende. Ou seu policial não pode dar cabo de dois assaltantes drogados?

Ele tentava feri-la. Bem, ela podia compreender. Em geral, quando alguém está magoado, ajuda colocar a raiva para fora, descontando em alguém.

— Não tenho certeza se posso encaixar essa cena em nenhuma das tramas programadas, mas quem sabe?

As mãos dele apertaram com força o volante.

— Não quero ver você por lá de novo, entendeu? Se eu voltar a encontrar você por lá, juro que vou dar um jeito de deixá-la presa por um tempo.

__Não me ameace, detetive. Você teve uma noite difícil e estou disposta a lhe dar um desconto, mas não me ameace. – Recostando-se, fechou os olhos. – Na verdade, faça um favor para nós dois e não volte a falar comigo.

Ele não falou, mas quando estacionou em frente ao prédio dela, a fumaça de sua raiva ainda pairava no ar. Satisfeita, ela bateu a porta do carro. Tinha dado apenas dois passos quando ele a alcançou.

— Venha aqui – exigiu, e puxou-a conta si. Ela sentiu o gosto de toda a sua violência, dor e fúria do que ele fizera aquela noite. O que tivera de fazer. Não havia como confortá-lo, não se atreveria a tentar. Em vez disso, deixou a paixão avassaladora do beijo dominá-la.

Do mesmo modo abrupto, Alex a soltou. Em um minuto, começaria a tremer, tinha consciência. Céus, ele precisava... de algo dela. Precisava, mas não queria.

— Fique longe do meu território, McNee.-Alex girou nos calcanhares e a deixou plantada na calçada.

CAPÍTULO QUATRO

Quando se trata de assassinato – expôs Bess – prefiro os venenos de rápida ação. Que tal algo exótico?

Lori contraiu os lábios.

— Se vamos matá-lo, acho que ele deveria levar um tiro. No coração.

Agitando-se na cadeira da sua mesa em total desordem, Bess encheu a mão de amêndoas açucaradas.

— Muito banal. Reed é um cafajeste sofisticado, sensual. Acho que ele deveria penar em vez de acabar com uma bala. – Bess mastigou enquanto pensava. – Na verdade, poderíamos dar-lhe um veneno de efeito lento, insidioso, que demorasse algumas semanas para consumi-lo.

— Dores de cabeça lancinantes, mal-estar, ataques de tosse, perda de apetite – mencionou Lori.

— E arrepios. Ele realmente deveria ter arrepios. – Bess uniu as mãos e deixou a imaginação voar. – Ele dá uma festa enorme, entende? Você sabe como ele gosta de exibir seu poder e dinheiro, esfregá-los na cara de todas as pessoas que enganou ao longo dos anos.

Lori suspirou.

— Por isso eu o amo.

— E por isso milhões de telespectadores adoram odiá-lo. Se vamos tirá-lo de cena, melhor fazê-lo em grande estilo. Estão todos na mansão de Reed. Jade nunca o perdoou por ter usado sua irmã para seus vis objetivos. Elana morre de medo de Reed usar seu arquivo secreto, distorcendo as informações para caluniar Max.

— Hummm... – Entrando no espírito, Lori fez um gesto com seu copo de refrigerante aguado. – Brock está furioso com o fato de que com um telefonema Reed pode colocar a perder o delicado negócio Tryson, o que lhe custaria uma fortuna. E Miriam, é claro.

— É claro. Não a temos visto nos últimos tempos. A ex-mulher autodestrutiva de Reed que o culpa por todos seus problemas.

— Com razão – mencionou Lori.

— E também Vicki, a mulher desdenhada. Jeffrey, o marido chifrudo. – Ela sorriu. – E todos os outros suspeitos de hábito.

— Você venceu. Que tipo de veneno?

— Algo raro – meditou Bess. – Talvez oriental. Vou checar. – Anotou um lembrete no bloco. – Então todos têm motivos para matá-lo. Até mesmo a governanta, pois ele seduziu sua ingênua e inocente filha e depois a dispensou.

Em algum momento na festa, vemos uma taça de champanhe. A sala está mal iluminada. Um *close*num pequeno frasco preto. Uma mão coloca algumas gotas na taça.

— Mas assim todo mundo vai ver se é um homem ou uma mulher.

— A mão está enluvada – decidiu Bess, mas depois percebeu como seria ridículo usar luvas numa festa. – Está bem, você tem razão, não vemos a mão na festa. Vamos vê-la antes. Focamos na caixa, uma caixa de madeira esculpida.

— E a mão enluvada a abre. A luzes das velas tremeluzem no frasco enquanto a mão o remove do forro de veludo.

— Esse é o clímax. Cortamos para essa cena umas três ou quatro vezes durante a semana da festa. Para a audiência ficar ciente de que algo ruim vai acontecer com alguém.

— Enquanto isso, Reed continua a manipular todos como marionetes, embora lidando com seu sofrimento pessoal, elevando a tensão dos espectadores a um ponto inimaginável até explodir na noite da festa.

— Vai ser fantástico – garantiu Bess. – A noite inteira Reed se diverte atiçando paixões não resolvidas, colocando o dedo em antigas feridas. Miriam bebe demais e se comporta de modo vulgar e escandaloso. As atenções se voltam para ela; é a distração perfeita para nosso assassino colocar veneno no champanhe do doutor Reed. Porque é tudo em câmara lenta, os sintomas não começam a aparecer de imediato. Vamos mostrar alguma fadiga, um pouco de tonteira, um pingo de dor. Talvez uma erupção na pele.

— Eu gosto de uma boa erupção na pele – concordou Lori.

— Mas no momento em que ele cai duro, será difícil para os policiais estabelecer o dia e local em que o veneno foi administrado. Podemos ter o crime perfeito.

— Não há crime perfeito.

Tanto Bess quanto Lori se voltaram na direção da porta. Alex, parado, com as mãos enfiadas nos bolsos, tinha um meio sorriso no rosto, resultado do divertimento de ouvi-las tramando um assassinato.

— Além do mais, se seu policial de TV não conseguir resolver o crime, seus telespectadores ficarão altamente desapontados.

— Ele vai solucionar o caso. – Bess esticou a mão para pegar outra amêndoa enquanto o observava, o pé descalço esticado na cadeira ao lado. Alex descobriu que as calças *baggy* que ela usava efetivamente escondiam-lhe as pernas, mas não o impediam de pensar nelas.

— Alguém chamou um tira? – perguntou a Lori.

— Eu não. – Consciente de que três era definitivamente uma multidão, Lori levantou-se. – Ouça, preciso dar um telefonema e acho que vou aproveitar e dar

uma olhada no estúdio de gravação. Prazer em vê-lo, detetive.

— Certo. – Ele moveu-se para que Lori pudesse passar pela porta, mas não entrou. Em vez disso, olhou ao redor, irritado por se sentir tão desajeitado. – Um lugar e tanto – disse finalmente.

Os lábios de Bess ficaram tensos. O aposento era pouco maior do que um closet e não tinha janela. A mesa onde ela e Lori trabalhavam estava coberta de livros, pastas e papéis, e um computador ocupava quase todo o espaço. Do lado da mesa, uma cadeira também entulhada, uma poltrona pequena e duas televisões.

— É a nossa casa – disse Bess e balançou a cabeça. – Então, o que o traz às masmorras, Alexi?

A descrição era perfeita, pois o escritório localizava-se no subsolo do prédio onde ficavam os estúdios e os escritórios da produção de *PecadosSecretos***.**Ele respondeu à pergunta com outra:

— Quanto tempo vai ficar aí?

— Enquanto durar, espero. – Descontraída, esfregou a sola do pé no peito do outro pé. – Depois do último Emmy, eles nos ofereceram um escritório no andar de cima, com vista, mas Lori e eu somos criaturas que nos apegamos as coisas. Além disso, quem virá aqui espiar por sobre nossos ombros enquanto escrevemos? – Voltou a cruzar os tornozelos. – Está de folga?

— Tirei umas duas horas para resolver assuntos pessoais.

— Ah. – Ela deixou a palavra sair, pensando que ele ficava muito atraente embaraçado. – Então devo considerar sua visita como pessoal?

— Isso mesmo. – Ele entrou, para se arrepender logo a seguir. Não havia muito espaço para se mover. – Ouça, eu só queria pedir desculpas.

Era uma atitude muito mesquinha, pensou, mas, puxa, adorou!

— Em termos gerais ou por algum motivo específico?

— Específico. – Ele rejeitou a oferta quando ela estendeu a caixinha de amêndoas. – Depois da tentativa de assalto, quando levei você para casa, eu estava descontrolado.

— Entendo. – Ela colocou a caixinha de volta e sorriu para ele. – Discutimos seu comportamento durante a última meia hora.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Tudo que disse antes continua valendo. Você não tinha nada que estar onde estava nem fazendo o que fazia.

— Vamos voltar ao pedido de desculpas. Prefiro.

— Despejei em você meu nervosismo e lamento. – Imaginando que o pior passara, sentou-se na beirada da mesa. – Você não reagiu do modo como eu esperava.

— E como esperava que eu agisse?

— Assustada, escandalizada, enojada. – Ele voltou a dar de ombros. – Normalmente não levo mulheres para assaltos à mão armada.

Agora estava começando a ficar interessante.

— Aonde *você* as leva?

O olhar dele aprisionou o dela. Alex sabia quando estava sendo provocado e sabia quando era de brincadeira.

— Para jantar, para dar uma volta, para dançar. Para a cama.

— Bem, assalto à mão armada provavelmente é mais excitante. Pelo menos, mais do que os três primeiros. – Levantou-se, colocou as mãos nos ombros dele e deu-lhe um beijo de leve na boca. – Sem ressentimento. – Quando as mãos dele desceram até seus quadris e a mantiveram parada, ela ergueu a sobrancelha. – Alguma coisa a mais?

— Tenho pensado em você.

— Isso pode ser bom.

Alex contorceu os lábios.

— Ainda não decidi. Talvez pudéssemos começar com o jantar.

— Começar o quê?

— Começar a traçar o caminho para a cama. É lá que quero você.

— Uau! – A respiração saiu rápido demais e nada tranqüila. Os olhos dele calmos, alegres e muito cheios de si não ajudavam. Como, ela pensou, as posições haviam se invertido desse jeito? – Isso é certamente ir direto ao ponto.

— Uma vez você comentou que as pessoas em nossas profissões são muito observadoras. O que observei em você, McNee, é que provavelmente entenderia a mensagem se eu começasse a mandar flores e raios de lua para você.

Lentamente ela passou a língua nos dentes.

— Depende da sua conversa. A idéia não deixa de ser atraente, Alexi, mas prefiro manter certos aspectos de minha vida – e sexo é um deles – de forma cautelosa e gradual.

Ele sorriu.

— Isso pode ser bom.

Ela teve que rir.

— Enquanto isso...

Mas ele não a deixou desvencilhar-se.

— Enquanto isso – repetiu, mantendo as mãos firmes. – Jante comigo. É só um jantar.

Ela não havia dito a si mesma que não voltaria a se envolver, a se apaixonar? Ah, deixa pra lá.

— Normalmente eu gosto só de jantar.

— Amanhã. Fica combinado para amanhã.

— Amanhã está ótimo.

Ele a puxou mais um centímetro.

— Estou deixando você nervosa.

— Não, não está. – Mentira. Ele a estava deixando nervosa.

— Você está tentando se esquivar. – Ele voltou a sorrir, surpreso por ficar tão satisfeito em saber que a deixara alterada.

— Preciso trabalhar, só isso.

— Eu também. Por que não passo aqui por volta das sete e meia? Meu cunhado tem um restaurante; acho que você vai gostar.

— Vestida a caráter ou comum?

— O que está vestindo agora?

Ela olhou para o blusão e a calça comprida.

— Roupa comum.

— Está bem assim. – Ele ergueu-se e segurou-lhe o queixo com o dedo para que os olhos ficassem frente a frente. – Você tem um rosto um bocado estranho – disse, quase que para si mesmo. – Você devia ser feia.

Ela sorriu, sem sentir-se ofendida.

— Eu era. Queimei todas minhas fotografias antes dos 18 anos. – A covinha do rosto apareceu ao sorrir para ele. – Imagino que você tenha sido sempre lindo.

Alex recuou, embora Bess soubesse que ele devia estar acostumado a ouvir esse termo aplicado a ele.

— Minhas irmãs são lindas – respondeu. – São mesmo. Eu e meu irmão somos atraentes.

— Ah, os homens!

— Você entendeu.

— E cresceram cercados por montes de mulheres apaixonadas.

— Começamos com montes e depois passamos a hordas.

Os olhos dela iluminaram-se de prazer e curiosidade.

— Como era...

Ele interrompeu-a do modo mais sensato. Gostava do rápido recuo do corpo dela antes de encaixar-se ao dele. E do modo como a boca suavizava-se, aceitando-o. Ali não havia fingimento, pensou, quando ela deu um suspiro e entregou-se ao beijo. Era simples e fácil, tão básico quanto respirar.

Se seu corpo ameaçasse exagerar, sabia como controlá-lo. Talvez ele tenha se demorado mais do que pretendia, aprofundado o beijo mais do que o planejado. Mas ainda estava sob controle. Talvez, por apenas um segundo, imaginou como seria fechar a porta, afastar todos os papéis da mesa e tomar Bess em seus braços, num amor rápido e ardente, bem ali em cima daquela mesa.

Mas não era um maníaco. Lembrou-se disso, mesmo quando o sangue começou a ferver. Um toque lento e gentil trazia prazer a ambos e deixava uma mulher perceber ser apreciada por tudo que era.

— Perigosa – murmurou em ucraniano, ao afastar os lábios. – Uma mulher muito perigosa.

— O quê? – Ela piscou, os olhos enevoados, pesados. – O que isso significa?

Ele teve que fazer um esforço sobre-humano para manter as mãos gentilmente em seus ombros.

— Eu disse que preciso ir. Fique longe das ruas, McNee.

Ela o chamou quando ele chegou à porta.

— Detetive! – O coração palpitava, a cabeça girava, mas ela realmente detestava não ter a última palavra. Sem nada melhor a dizer, ela saiu-se com uma frase antiga de *Hill Street Blues:* – Cuidado lá fora.

Sozinha, ela sentou-se na cadeira, com tanto cuidado quanto uma vovó idosa. Cinco minutos depois, Lori a encontrou no mesmo lugar, ainda fitando o vazio.

— Ih! – Bastou um olhar para Lori sentar-se a seu lado. Com uma sacudidela de cabeça, entregou a Bess um refrigerante gelado. – Eu sabia. Sabia que isso ia acontecer no instante em que vi aquele policial maravilhoso em sua festa.

— Ainda não aconteceu. – Bess tomou um gole grande. Engraçado, não notara ainda como a garganta havia ficado ressecada. – Tenho medo que vá acontecer, mas ainda não aconteceu.

— A expressão no rosto era igual, quando se apaixonou por Charlie. E por Sean. E por Miguel. Sem mencionar...

— Então não mencione. – Franzindo o cenho, encarou Lori. – Miguel? Tem certeza? Eu estava certa de ter um gosto melhor.

— Miguel sim – disse Lori com agressividade. – Por sorte, você recobrou o juízo em 48 horas, mas quando ele a levou para a ópera, no dia seguinte você estava com a mesma expressão idiota no rosto.

— Assistimos Carmen – mencionou Bess. – A expressão no rosto não tinha nada a ver com ele. Além do mais, não estou apaixonada por Alexi. Só vamos jantar amanhã.

— É o que sempre diz. Lembra do George?

Os ombros de Bess encolheram-se.

— George foi o homem mais doce que jamais conheci. Ficar noiva dele me ensinou um bocado sobre compreensão e compaixão.

— Eu sei. Você foi compreensiva o bastante para ser madrinha do primeiro filho dele.

— Bem, afinal, fui eu quem o apresentei a Nancy.

— E ele imediatamente largou você e fugiu com ela.

— Ele não me largou. Gostaria que você não o acusasse, Lori. Terminamos o noivado de mútuo acordo.

— Foi a melhor coisa que podia ter acontecido a você. George era um fraco. Um carente.

Por ser a pura verdade, Bess suspirou.

— Ele só precisava de muito apoio emocional.

— Pelo menos você nunca dormiu com ele.

— Ele estava se guardando.

Elas se entreolharam e caíram na gargalhada. Quando recuperou o fôlego, Bess balançou a cabeça.

— Nunca deveria ter lhe contado. Foi indiscreto.

— Só uma observação – anunciou Lori e Bess gesticulou dando-lhe autorização para prosseguir. – O tira não vai se guardar.

— Eu sei. – Bess sentiu um frio no estômago. Pensativa, passou o dedo na garrafa. – Vou atravessar esta ponte quandochegar nela.

— Bess, você não cruza pontes, você as queima. – Lori apertou-lhe a mão. – Não se machuque.

Havia um toque de arrependimento no sorriso de Bess.

— E eu alguma vez me machuco?

Alex gostava do jeito como ela se vestira. Exigia certa segurança, imaginava, ter coragem de usar uma blusa cor de jade com calças azuis brilhantes, particularmente se você fosse usar sapatos de salto alto rosa-choque. Mas Bess tinha estilo. Tudo nela era vibrante. Sem dúvida, por esse motivo ele fora ao escritório dela pedir desculpas e acabara convidando-a para sair.

Por esse motivo, provavelmente, ele não fora capaz de tirá-la da cabeça, ou esquecer a idéia de levá-la para a cama, desde que a encontrara.

Quanto a ela, deu uma olhada no bar de Zackary Muldoon *Lower the Boom,* e sabia que a noite seria descontraída e *agradável.* Havia música do jukebox, um murmurinho de vozes, uma miscelânea de aromas fortes e agradáveis. As pedras preciosas em formato de pêra nas orelhas balançaram quando ela se virou para Alex.

— Que lugar fantástico! A comida é tão gostosa quanto o cheiro?

— Melhor. – Ele acenou em direção ao bar quando encontrou uma mesa.

Como de hábito, o bar estava lotado e barulhento. Desde que a irmã se casara com Zack, Alex adquirira o hábito de passar por lá mais ou menos uma vez por semana e conhecia quase todos pelo nome. Ele sorriu para a garçonete que veio atendê-los.

— Oi, Lola. Tudo bem?

— Tudo indo, gracinha. – Colocando a bandeja no quadril, Lola examinou Bess de cima abaixo. Embora pouco mais de dez anos mais velha que Alex, Lola nutria um instinto maternal por ele. Não era comum Alex trazer uma namorada no bar e Lola cuidou de examinar com atenção a atual. – Então, o que posso trazer para você?

— Tequila. – Bess colocou a bolsa na cadeira vazia a seu lado com estrondo. – Pura.

Alex ergueu a sobrancelha diante da escolha de Bess.

— Para mim uma cerveja. Rachel está aqui?

— Lá em cima. Deve estar com as pernas para cima. – Lola olhou, de cara feia, para o teto. – Provavelmente vai dar uma passadinha aqui embaixo antes de a noite terminar. Não consigo mantê-la afastada do chefe.

— Qual o prato especial de Rio hoje?

— *Paella*.– Os olhos iluminaram-se, com apreço. Ela provara um pouco. – Ele está deixando Nick louco, fazendo-o descascar camarão.

— Quer provar? – perguntou Alex a Bess.

— Pode apostar. – Quando Lola se afastou, Bess colocou as mãos no queixo. – Então, quem é o chefe, quem é Rio e quem é Nick?

— Zack é o dono. – Ele apontou um homem alto e de ombros largos trabalhando no bar. – Rio é o cozinheiro, o gigante jamaicano que vai lhe servir a melhor comida neste lado do paraíso. E Nick é o irmão de Zack.

Bess meneou a cabeça. Gostava de conhecer os personagens.

— E Rachel é casada com Zack. – Depois de examinar detidamente o homem atrás do bar, sorriu. – Impressionante. Como ela o conheceu?

— Ela foi advogada de Nick depois que eu o prendi por tentativa de roubo.

Bess não piscou ou pareceu chocada; simplesmente inclinou-se.

— O que ele estava roubando?

Alex ficou ligeiramente desapontado pela ausência de reação.

— Aparelhos eletrônicos. E sem muito sucesso. Ele estava metido com uma gangue na época. Já tem mais ou menos um ano e meio. – Distraído, brincou com a águamarinha quadrada, vendo como brilhava na luz. – Nick era meio problemático. Na verdade, ele é meio-irmão de Zack. Nick ainda era criança quando Zack se mandou, se alistou na marinha e a mãe morreu. Bem, quando Zack voltou alguns anos depois, o pai estava à beira morte e o garoto estava enfiado até o pescoço em confusão.

— Isso é incrível. – Bess abriu um sorriso franco para Lola quando as bebidas foram servidas. – Obrigada.

O sorriso a conquistou. Lola lançou um olhar de aprovação para Alex antes de

voltar ao bar para relatar a Zack.

— Não pare agora.

Alex levantou a caneca de cerveja. Sabia muito bem que Lola passava a Zack um relatório completo das impressões e opiniões sobre a acompanhante escolhida por Alex.

— Quer ouvir a história toda?

— Claro! – Bess salpicou sal no pulso, lambeu e depois entornou a tequila com a habilidade de um bandido mexicano. Quando chupou o pedaço de limão trazido por Lola com a bebida, sorriu para Zack. – Gosto da sensação.

— Quantas vezes pode fazer isso e continuar viva?

— Ainda não testei. – A bebida desceu deixando uma gostosa sensação de calor em sua garganta e no seu estômago. – Uma vez tomei dez, mas eu era mais jovem e tola. Continue. – Ela voltou a inclinar-se à frente. – Zack voltou depois de ter cruzado os sete mares e encontrou o irmão encrencado.

— Bem, Nick estava envolvido com os Cobras... – começou Alex. Quando a comida foi servida, ele estava se divertindo. O ego de um homem sempre ficava inflado ao capturar a atenção total e fascinada de uma mulher. – Então foi assim que aconteceu, e eu vou acabar ganhando uma sobrinha ou um sobrinho irlandês-ucraniano.

— Fantástico. Você tem talento para contar histórias Alexi. Deve haver algum sangue cigano aí dentro.

— Naturalmente.

Ela sorriu para ele. Tudo de que ele precisava era uma argola dourada numa orelha e um violino, pensou. Mas podia apostar que ele não gostaria de ouvir isso.

— Não atrapalha em nada ter esse ligeiro sotaque de vez em quando. E, claro, o material é de primeira qualidade, também. Sou doida por finais felizes. Não consigo muitos em minha profissão. Quando a gente amarra tudo direitinho, temos que embaralhar tudo de novo ou perdemos a audiência.

— Por quê? Achei que quase todo mundo gostasse de finais felizes.

— E gostam. Mas em telenovelas, um personagem perde o interesse se não está atravessando alguma crise ou vivendo uma tragédia. – Bess provou a *paella* e suspirou em sinal de aprovação. – Foi por isso que Elana se casou duas vezes, teve amnésia, foi violentada, sofreu dois abortos e uma crise nervosa, ficou temporariamente cega, baleou um antigo amante para se defender, superou o vício do jogo, os gêmeos foram seqüestrados por uma babá psicopata,e os recuperou depois de uma longa, desesperada e perigosa busca, pelas selvas sul-americanas. – Ela deu outra garfada gloriosa. – Não necessariamente nessa ordem.

Antes que Alex pudesse perguntar quem era Elana, Lola serviu outra rodada de bebidas.

— Você vê *PecadosSecretos?*– perguntou a Bess.

— Religiosamente. E você?

— Bem, vejo. – Deu de ombros, sabendo que vários fregueses no bar iriam debochar dela. – Não perco um capítulo desde quando estava no hospital para o parto do meu filho mais novo. Ele já tem 10 anos agora. Isso foi na época em que Elana estava no primeiro ano de residência no hospital, quando ela estava apaixonada por Jack Banner. Ele era um personagem fantástico.

— Um dos melhores – concordou Bess. – Escandaloso e autodestrutivo.

— Fiquei triste quando ele morreu naquele incêndio no depósito. Não acreditei que Elana pudesse superar a dor.

— Ela é uma mulher de fibra – comentou Bess.

— Tinha que ser. – Quando alguém a chamou, Lola fez sinal para que esperassem. – Se não fosse por ela, Storm nunca teria tomado jeito e se tornado o homem que é hoje.

— Você gosta de Storm?

— Puxa, quem não gostaria? – Com uma risada, Lola revirou os olhos. – O cara é a fantasia de toda mulher, sabe? Estou torcendo por ele e Jade. Eles merecem encontrar a felicidade, depois de tudo que sofreram. Caramba, Harry, está bem, já estou indo. Bom jantar – disse para Bess e saiu apressada.

Bess virou-se para Alex com um sorriso.

— Você parece confuso.

Ele apenas meneou a cabeça.

— Vocês estavam falando sobre esses personagens como se fosse gente de verdade.

— E são – disse Bess e pegou um camarão. – Uma hora por dia, cinco dias na semana. Você nunca acreditou em Batman ou em Sam Spade? Scarlett 0'Hara, Indiana Jones?

— É ficção.

— Boa ficção cria sua própria realidade. Isso é o mundo do entretenimento. – Pegando o saleiro, sorriu. – Vamos lá, Alexi, mesmo um policial precisa fantasiar de vez em quando.

Ele a olhou tempo suficiente para fazer seu pulso acelerar.

— Faço a minha parte.

Bess engoliu a tequila, mas o efeito da bebida forte diluiu-se diante do efeito que a afirmação de Alex lhe causou.

— Você vai precisar me contar a respeito um dia desses. – Ela virou o rosto ao ouvir o som do piano.

Encostado na parede dos fundos, um enorme piano. Um jovem magro, de cabelos castanhos claros tirava um *blues*das teclas.

— Este é Nick – disse Alex.

— Sério? – Bess colocou a cadeira enviesada para poder olhar melhor. – Ele é muito bom.

— É. Convencemos Zack a colocar um piano no bar um ano atrás. Rachel e Muldoon tentaram fazê-lo voltar para a escola, estudar mais, mas não colou.

— Tem coisas que não podem ser ensinadas – murmurou Bess.

— Parece. De qualquer jeito, ele ainda trabalha com Rio na cozinha e vem tocar quando lhe dá na telha.

— E todas as mulheres presentes suspiram por ele.

— Ele é só uma criança – disse Alex rápido; rápido demais.

Com expressão zombeteira, Bess voltou-se.

— Homens jovens exercem um atrativo especial em mulheresexperientes. Na verdade, no momento, Jessica está tendo umcaso apaixonado com Tod dez anos mais moço queela. Temos recebido e-mails de aprovação na proporção de 5 contra 1.

— Estávamos falando de você.

Ela apenas sorriu.

— Estávamos?

Zack apareceu e deu um tapa nas costas de Alex.

— Que tal a comida?

— Fantástica. – Bess estendeu a mão. – Você é Zack? Eu souBess.

— Prazer em conhecê-la – Zack manteve a mão no ombro de Alex depois de apertar a mão de Bess. – Você deve ser a Bess que Rachel encontrou na delegacia.

— Eu mesma. Você está de parabéns, o espaço aqui é maravilhoso.Agora que conheci, vou voltar.

— Adoramos ouvir isto. – Os olhos azuis faiscaram comcuriosidade amigável. – Alex não traz as amigas por aqui commuita freqüência. Gosta de deixar a gente em suspense.

Ela não pôde evitar responder ao humor transparecendo nos olhos de Zack.

— É mesmo?

— Devagar, Muldoon – murmurou Alex.

— Ele ainda está zangado comigo por ter roubado sua irmãzinha caçula.

Alex deu-lhe um olhar enviesado.

— Eu só pensei que ela tivesse mais bom gosto. – Ergueu a cerveja. – E por falar nela. – Ele fez um gesto com a caneca.

Bess viu os olhos de Zack mudarem e, reconhecendo o amor, o coração

suspirou. Não ficou surpresa quando Rachel foi até a mesa.

— O que é isso? – perguntou Rachel. – Uma festa e ninguém me convidou?

— Sente-se. – Zack e Alex disseram em uníssono.

— Estou cansada de ficar sentada. – Ignorando os dois, virou-se para Bess. – Prazer em revê-la. – Inspirou profundamente demonstrando aprovação. – A *paella* de Rio. Incrível, não é?

— Se é! Alex estava me contando como vocês dois se conheceram.

— É? – Rachel ergueu a sobrancelha.

— Por que não se junta a nós e me conta a sua versão?

Vinte minutos depois, Alex foi forçado a admitir que a descontração de Bess fizera Rachel se sentar e relaxar de um jeito que nem ele nem Zack conseguiriam com suas preocupações e exigências. Por ser uma mulher tão cheia de energia e vivacidade, ela possuía o dom de colocar as pessoas à vontade, percebeu.

O dom de ouvir detalhes e fazer a pergunta certa. E quanto a manter uma conversa, refletiu, saía-se bem sem o menor esforço.

Não se surpreendeu por ela ser capaz de discutir música com Nick quando o chamaram para se juntar a eles, ou comida com Rio quando ela pediu para ir até a cozinha cumprimentá-lo. Também não se surpreendeu quando ela e Rachel combinaram um almoço para a semana seguinte.

— Gosto de sua família – afirmou Bess quando entraram no táxi.

— Você só encontrou uma fração dela.

— Bem, gosto da que eu encontrei. Faltam muitos?

— Meus pais. Uma irmã, o marido e os três filhos. Um irmão, a mulher e o filho. E você?

— Hã?

— Família.

— Ah, sou filha única. Todos moram em Nova York?

— Todos, exceto Natasha. – Ele brincou com os fiapos na nuca dela. – Você não fala da sua vida.

— Está brincando? – Ela riu, embora quisesse se enroscar como um gato nos dedos tocando-lhe a pele. – Nunca paro de falar.

— Você faz perguntas. Fala sobre coisas, sobre outras pessoas, sobre seus personagens. Mas não fala sobre Bess.

Ela devia saber que um policial repararia o que a maioria das pessoas não reparava.

— Não conversamos tantas vezes assim – afirmou. Quando ela virou a cabeça, a boca estava próxima da dele. Ela queria beijá-lo, pensou. Não apenas para distraí-lo. Afinal, nada tinha a esconder. Mas não falou, apenas moveu os lábios à procura dos dele.

Os dedos em sua nuca retesaram-se quando ele mudou o ângulo do beijo e o espírito. Leve e amigável por apenas um instante. Depois, profundo, demorado. Misturado com o gosto, a textura, havia o prenúncio do que estava por vir.

Uma tempestade se formava, Bess pensou, tonta. E, ah, ela nunca fora capaz de resistir a uma tempestade. O coração pulava quando os lábios dele se moveram para sua têmpora.

— Você sabe como mudar de assunto, McNee.

— Que assunto?

Ele desceu a mão até seu pescoço, envolveu-o. Sentiu a rápida pulsação. O ritmo era tão sedutor quanto tambores na selva.

— Você. Agora fiquei ainda mais curioso.

— Não há muito a contar. – Desconcertada e confusa com a sensação, ela se afastou quando o táxi parou no meio-fio. – Parece que chegamos. – Saltou do carro enquanto Alex pagava o motorista. Os joelhos estavam um pouco fracos, percebeu. Outro indicativo. Alexi Stanislaski ia requerer alguma reflexão. – Você não precisa me levar – disse, surpresa por irritar-se ao ver o táxi ir embora e deixar os dois sozinhos na rua escura.

— O que significa que você não vai me convidar para subir.

— Não. – Ela sorriu um pouco, passando os dedos pela alça da bolsa. Mas queria. Incrível o quanto queria. – Acho que seria mais sensato se eu não o convidasse.

Ele aceitou; afinal, a decisão deveria partir dela. E a perspectiva de fazê-la mudar de idéia era tremendamente atraente.

— Vamos fazer isso de novo.

— Vamos.

Ele segurou-lhe a mão inquieta e a levou aos lábios.

— Breve.

Ela sentiu algo, um pequeno e vago aperto centrado no coração. Confusa com a sensação, puxou a mão.

— Está bem. Breve. Boa noite.

— Espere. – Antes que ela pudesse se virar, ele pegou-lhe o rosto nas mãos e o segurou por um instante antes de dar-lhe um beijo.

A pressão era íntima, persuasiva, invasiva. Mesmo quando ela retribuiu o beijo, o estranho aperto espalhou-se. Indefesa, levou as mãos aos punhos dele, segurando-se para se equilibrar. Embora a boca continuasse gentil, a pulsação sentida sob os dedos era tão acelerada quanto a sua.

Então ele a deixou ir, deu um passo atrás. Os olhos fixos nos dela.

— Boa noite – disse. Ela conseguiu acenar antes de correr para dentro.

Havia algo em Bess, pensou Alex, enquanto esperava paciente que a luz do

apartamento acendesse. Alguma coisa. Ele só teria que descobrir o que era.

CAPÍTULO CINCO

A última pessoa que Bess esperava ver ao sair do escritório alguns dias depois era Rosalie. Mesmo em meio ao alvoroço da multidão em *midtown,* a mulher sobressaía. Depois de um momento de pura surpresa, Bess sorriu e atravessou a calçada.

— Oi. Você estava me esperando?

— Hum-hum.

— Você devia ter entrado. – Bess ajeitou a bolsa e a pasta pesadas.

— Achei que seria melhor para você se eu esperasse do lado de fora.

— Não seja tola... – As palavras desapareceram quando tentou enxergar por trás dos imensos óculos escuros de Rosalie. Aquelas cores arroxeadas em torno do olho esquerdo não era maquilagem. O sorriso amigável de Bess sumiu. – O que aconteceu com você?

Rosalie deu de ombros.

— Bobby. Ele ficou um pouco enfezado a respeito daquela noite.

— Que atitude desprezível!

— Já enfrentei piores.

— Filho da mãe – disse entre os dentes, mas a fúria trazia um terrível sentimento de culpa. – Desculpe. Lamento tanto. Foi minha culpa.

— Não foi culpa de ninguém, amiga. É a vida.

— Mas não é do jeito que devia ser. E se eu não tivesse... – Ela calou-se, sabendo que só dava para voltar atrás e mudar as coisas nos roteiros. – Você quer ir dar queixa na polícia? Eu vou com você. Podíamos...

— De jeito nenhum. – Rosalie emitiu um som parecido com uma risada. – Se eu tentasse, um olho roxo ia ser pouco. E se você acha que existe um policial no mundo que se importa com uma prostituta com o olho roxo, você *é* tão estúpida quanto parece.

Alex se importaria, pensou Bess. Recusava-se a acreditar no contrário.

— Você decide.

Rosalie pegou um cigarro, fazendo pose ao acendê-lo.

— Escuta, você disse que me pagaria para falar. Pensei melhor e acho que posso usar uma grana extra. E estou no meu tempo livre.

— Está certo. – Idéias começavam a pintar. – Quanto você tira por noite?

Para se valorizar, Rosalie pensou em aumentar o valor, mas ficou com a mentira entalada na garganta.

— Depois que Bobby pega a parte dele, em torno de 75. Talvez 100. O mercado não anda tão bom quanto antes.

— Vamos conversar. – Desenvolta, Bessprocurou um táxi. – Nunca vamos conseguir um táxi a essa hora – murmurou. – Eu moro em *uptown*, a uns vinte quarteirões. Você se importa de andar?

Desta vez Rosalie deu uma boa gargalhada.

— Garota, andar nas ruas é a coisa mais natural do mundo para mim.

Quando chegaram ao apartamento de Bess, Rosalie abaixou os óculos e assobiou. Incapaz de se conter, aproximou-se de uma das largas janelas. Podia ver um pedaço do East River entre os outros prédios. O som do trânsito, de tão distante era quase musical, se comparado ao barulho e estardalhaço que enfrentava todos os dias.

— Puxa, você mora bem pra caramba.

— Que tal jantarmos? – Automaticamente Bess descalçou os sapatos. – Vamos pedir. – Carne vermelha, pensou Bess. No momento, poderia comê-la crua. – Sente-se. Vou pegar um vinho.

Vinho, pensou Rosalie estirando-se nas almofadas fofas. Mas isso era um bocado chique.

— Você paga tudo isso só escrevendo?

— Basicamente. – Num impulso, Bess escolheu um dosmelhores vinhos da prateleira. – Você não é vegetariana, né?

Rosalie bufou.

— Cai na real.

— Ótimo. Quero um bife. – Depois de entregar urna taça a Rosalie, pegou o telefone para fazer o pedido.

— Não posso pagar.

— Eu estou convidando – assegurou-lhe Bess e se enroscou no sofá. – Preciso de um consultor, Rosalie. – Era um risco, mas respirar também era, decidiu. – Vou lhe dar quinhentos dólares por semana.

Rosalie engasgou com o vinho.

— Quinhentos dólares só para contar sobre a vida de uma garota de programa?

— Não. Quero mais. Quero saber o porquê. Quero que me fale sobre as outras mulheres. O que as levam a escolher essa vida. Do que têm medo, do que não têm. Quando eu lhe perguntar algo, quero uma resposta. – A voz agora séria, profissional. – Eu vou saber se mentir.

Os olhos de Rosalie continuavam astutos e firmes.

— Você precisa de tudo isso para um programa de TV?

— Você ficaria surpresa. – Mas havia bem mais interesse envolvido além do programa. A contusão no rosto deRosalie a indignava; se sentia responsável, refletiu Bess. E encontraria um modo de reparar o estrago. – Estou comprando

muito de seu tempo por quinhentos dólares a semana, Rosalie. Talvez você queira tirar umas férias de Bobby.

— O que eu faço depois de conversar com você é problema meu.

— *Com* certeza. Mas se você decidisse tirar uma folga das ruas, e precisasse de um lugar para ficar nesse período, eu poderia ajudá-la.

— Por quê?

Bess sorriu.

— Por que não? Não ia me custar muito mais.

Intrigada, Rosalie considerou a oferta.

— Vou pensar.

— Ótimo. Podemos começar já. – Ela levantou-se para pegar blocos, lápis e o gravador. – Lembre-se que sendo um programa diurno, não podemos colocar tudo. Vou precisar filtrar um bocado do que me disser. Por que não incluo você no roteiro?

Rosalie simplesmente deu de ombros.

— Você é quem manda.

— Tem razão. – Voltou a sentar-se e destrinchava os relacionamentos complexos e intrincados de Millbrook, para surpresa e assombro de Rosalie, quando ouviu a campainha do elevador privativo. Ainda explicando, caminhou até a porta para abrir a trava de segurança. – Bem, em resumo, a personalidade de Josie é diametralmente oposta à de Jade. Quanto mais forte Josie fica, mais confusa e assustada Jade se torna. Ela não se lembra onde esteve quando Josie vem à tona. E os lapsos estão ficando cada vez mais extensos.

— Parece que a moça precisa de um analista.

— Na verdade, ela vai consultar Elana. Ela é psiquiatra. Mas isso é um pouco mais adiante. E sob o efeito de hipnose. Ah, a comida chegou. – Quando o elevador parou, Bess abriu a porta. O sorriso congelou-se no rosto. – Alexi.

— Você não se preocupa em perguntar quem é antes de deixar alguém subir? – Balançou a cabeça antes de pegar-lhe o queixo e beijá-la.

— Sim, quer dizer, não quando estou esperando alguém. O que está fazendo aqui?

— Beijando você? – E neste momento ela não correspondia como ele esperava. Então lhe ocorreu que ela dissera estar esperando alguém. Um homem? Um namorado? Um amante? Os olhos esfriaram ao recuar. – Imagino que eu devia ter ligado antes.

— Não. Quero dizer, sim. Você... está de folga hoje?

— Volto ao trabalho daqui a duas horas.

— Ah. Bem. – O interfone voltou a tocar.

— Você sempre pode dizer a ele que eu sou o bombeiro.

Embaraçada, entrou para liberar o elevador.

— Dizer o que a quem?

— Ao cara que está subindo.

— Por que eu deveria dizer ao entregador que você é um bombeiro?

— Entregador? – Um som dentro do apartamento o deixou atento. Não estava com ciúmes, droga! Só estava curioso. – Calculo que já tenha companhia – começou e abriu a porta por completo.

— Na verdade tenho. – Desistindo, Bess fez um gesto convidando-o a entrar. – Nós íamos jantar.

Ele olhou para o sofá onde Rosalie estava. Pega entre os dois, Bess sentiu-se atingida por duplas ondas de hostilidade.

— Que diabos ela está fazendo aqui?

— Você chamou a polícia – disse Rosalie, acusando-a antes que Bess pudesse responder. – Você chamou o maldito tira.

— Não. Não. Não chamei.

Rosalie já estava atravessando a sala. Bess sabia que se a mulher chegasse à porta, teria perdido sua chance para sempre.

— Rosalie. – Segurou-lhe o braço. – Eu não o chamei.

— E porque diabos *não me* chamou? – retrucou Alex.

— Porque isto não é da sua conta. – Ainda agarrando o braço de Rosalie, Bess virou-se para ele. – Esta casa é minha e ela é minha convidada.

— E você é mais idiota do que eu pensei.

Avaliando a situação, Rosalie relaxou ligeiramente.

— Vocês dois têm um caso?

— Temos – retrucou Alex.

— Não! – repreendeu-o Bess, suspirando a seguir. – Não chega a ser um caso – murmurou. Pegou a carteira na bolsa ao ouvir o elevador chegar. – Com licença. Chegou o jantar.

Enquanto pedia ao entregador para entrar e colocar a comida na mesa, Alex e Rosalie ficaram parados olhando um para o outro com mútua antipatia e suspeita.

— Qual é o jogo, Rosalie?

— Jogo nenhum. – Ela arreganhou os dentes, num sorriso que mais lembrava as presas de um tubarão pronto para atacar. – Sou uma consultora paga. Sua madameme contratou.

— Vá para o inferno! – Ele fez uma pausa por um momento, examinando-lhe o olho roxo. – Foi o Bobby?

Rosalie levantou o queixo.

— Dei com a cara na porta.

— Com certeza. – Ele se importava. Bess ficaria surpresa com o quanto ele se importava. Rosalie certamente ficaria estupefata. Mas ele também sabia que algumas coisas não tinham jeito. – Melhor prestar atenção por onde anda.

— Não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

Ele afastou-se dela, os punhos fechados nos bolsos.

— McNee, quero falar com você.

— Ah, cale a boca. – Ela não se preocupou em olhar para cima enquanto contava as notas. – Não pode entender que estou tentando calcular a gorjeta? Pronto, aqui está.

— Obrigado, senhora. – O entregador guardou o dinheiro. – Bom jantar.

— Tem o suficiente para três – afirmou Bess, virando-se na direção de Alex. – Mas você não vai ficar se for grosseiro.

— Grosseiro? – A simples palavra foi pronunciada num tom que fez o teto estremecer. Aproximou-se dela. – Você acha que é grosseiro da minha parte perguntar se você perdeu o juízo quando entro e descubro que convidou uma prostituta para jantar?

Osolhos de Bess estreitaram-se.

— Fora.

— Droga, Bess...

— Eu disse fora. – Ela deu-lhe um empurrão com força em direção à porta. – Nós saímos uma vez – lembrou-o. – *Uma.* Talvez eu tenha alimentado a idéia de algo mais, mas isso não lhe dá o direito de vir à minha casa e me dizer o que fazer e com quem falar.

Ele pegou-lhe a mão antes que ela pudesse empurrá-lo de novo.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Você tem razão. Razão absoluta. O que eu deveria ter dito é que eu cuido da minha vida, detetive. – Ela desvencilhou a mão para poder cutucar-lhe o peito com o dedo. – Eu. Sozinha. Dá para enfiar essa idéia em sua cabeça?

— Dá. – Ele pensou como ela reagiria a um soco naquele pequenino queixo pontudo. – Tenho uma idéia para você. – Ele a suspendeu e beijou-a apaixonadamente. Sem delicadeza, sem sutileza. Puro instinto. Durou apenas alguns segundos, mas conseguiu deixá-la muda. – As coisas mudam, McNee. – Olhos sombrios, furiosos, deixaram-na pregada no chão. – Acostume-se com isso.

E assim dizendo, saiu apressado batendo a porta às costas.

— Bem. – Bess respirou fundo uma, duas vezes. A garganta completamente seca. – Que audácia. Quem ele pensa que é, entrando aqui desse jeito? – Com as mãos nos quadris, virou-se para encarar Rosalie. – Viu só?

— Difícil não ver. – Sorrindo, Rosalie pegou uma batata frita de um prato.

— Se ele pensa que vai conseguir alguma coisa com essa... essa*atitude*,está muito enganado.

— O homem está louco por você.

— O que você disse?

— Garota, o cara parece um filhote apaixonado.

Bess pegou a taça de vinho e deu um gole.

— Não seja ridícula. Ele estava apenas se exibindo.

— Hum-hum. Se eu tivesse um homem que olhasse para mim desse jeito, eu só teria duas opções.

— Quais?

— Ou eu aproveitaria ou me mandaria para salvar minha vida.

Franzindo o cenho, Bess sentou-se e pegou o garfo.

— Não gosto de ser pressionada.

— Pra mim depende de quem está pressionando quem. – Ela sentou-se também, e atacou o bife. – Ele é um homem um bocado bonito para um tira.

Bess remexeu a salada.

— Não quero falar sobre ele.

— É você quem está pagando o tempo – disse Rosalie amavelmente.

Com um rosnar de consentimento, Bess tentou comer. Maldito tira, pensou. Ele arruinara seu apetite.

Sem dúvida era fantástico poder esmurrar objetos inanimados. Alex sempre considerara um par de luvas de boxe e um saco de areia uma terapia altamente compensadora. Eram facilmente acessíveis, por isso nunca pudera compreender oque levava tantas pessoas a sentirem necessidade de consultar um analista. Até recentemente.

Vinte minutos de suor e socos não haviam aliviado a frustração latente. Normalmente usava a academia no meio de um caso difícil, quando algo dava errado, quando uma prisão justa se tornava passível de liberação no tribunal. Os mesmos ingredientes funcionavam igualmente bem para ele sempre que brigava com a família ou com os amigos ou enfrentava problemas com as mulheres.

Mas não desta vez.

O poder que Bess McNee exercia sobre ele era mais forte. Esmurrar um saco de areia não estava aliviando sua frustração.

— Tanta energia, tão cedo.

A voz familiar fez Alex afastar o suor escorrendo da testa para os olhos. O irmão Mikhail e o filho, Griff, estavam parados de mãos dadas, dando sorrisos idênticos.

— Fez seu pai levantar cedo, hein, garotão? – Alex pegou Griff no colo e tascou-lhe um beijo estalado.

Griff deu uma risada, feliz. A única palavra que Alex podia decifrar da estranha linguagem do bebê era *Mama.*

— Sydney está cansada – explicou Mikhail. – Ela tem andado preocupada com uma negociação que lhe tem tirado o sono. Este aqui é um madrugador. – Ele despenteou os cabelos do filho. – Então pensei em vir para a academia levantar pesos, certo?

Griff sorriu e ergueu os cotovelos.

— Papa.

— Seu músculo está mesmo maior – garantiu Alex.

— Ei, vejam se não é o super Griff! – Rocky, o antigo lutador peso leve que cuidava da academia deu um assobio, e abriu os braços. – Venha me dar um abraço, campeão.

Com um gritinho de prazer, Griff escapuliu dos braços de Alex e saiu dando passos com suas perninhas quase firmes. Mikhail gritou:

— Melhor ficar de olho, Rock. Ele é danado.

— Posso cuidar dele. – Com a experiência de alguém quatro vezes avô, ele suspendeu Griff. – Você tem mais o que fazer – disse a Mikhail. – Por que não conversa com seu irmão e descobre por que esta é a terceira vez na semana que ele vem socar meu equipamento?

— Como é fuxiqueiro! – resmungou Alex. – Pior do que uma velha.

Mikhail franziu a testa quando Alex voltou a socar o saco.

— Por falar em mulheres...

— Não estávamos falando disso.

— Por que os homens vêm a este tipo de lugar senão para falar de mulheres? – A música do sotaque ucraniano tornava a voz de Mikhail especial. Alex se perguntou se o irmão tinha noção do quanto soava como o pai.

— Para socar coisas – retorquiu. – Para falar palavrão e suar.

— Isso também. Então, é uma mulher, certo?

— Sempre é uma maldita mulher – disse Alex entre os dentes.

— O nome da atual é Bess

O soco de Alex parou a meio caminho. Virando-se, usou o braço para enxugar a testa.

— Como você sabe a respeito de Bess?

— Rachel me contou. – Satisfeito, Mikhail sorriu. – Ela também me contou que essa Bess não é apenas linda, mas única, e que é inteligente. Ela não é seu tipo predileto, Alexi.

— Ela não é o tipo de ninguém. – Alex voltou-se para o saco, fingiu disparar

um golpe com a direita e depois golpeou com a esquerda. – Única – disse com um rosnar. – É a própria, isso mesmo. O rosto. É como se Deus estivesse distraído aquele dia e misturou os traços de cinco mulheres diferentes. Os olhos são grandes demais, o queixo pontudo, o nariz quebrado. – O punho enluvado afundou no saco. – E tem a pele de um anjo. Babo só de tocá-la.

— Hum, vou ter que dar uma olhada nela.

— Eu já desisti – disse Alex entre grunhidos. – Não preciso de provocações. Os circuitos dela não funcionam bem. Talvez Rachel a julgue inteligente por ela ter freqüentado uma universidade.

— Radcliffe – informou Mikhail. – Ela almoçou com Rachel e ela perguntou.

— Radcliffe? – Resfolegando, Alex encostou-se no saco de boxe. – Até parece.

— Ela também contou a Rachel que vocês dois se... desentenderam.

— Eu entendi perfeitamente. Olha, talvez ela tenha ido a uma universidade conceituada, mas você não conseguiria encher uma colher de chá com seu bom senso. Não preciso me envolver com alguém tão pretensiosa.

A gargalhada de Mikhail ecoou na academia.

— Vindo de um homem que uma vez namorou a srta. Oficina Mecânica.

— Era Maria Gasolina.

— Ah, é bem diferente!

Com um sorriso torto, Alex socou com toda força o saco. Malhar e suar não o relaxaram, mas cinco minutos com Mikhail surtiram efeito.

— De qualquer modo, terminamos antes de começar. E foi melhor para ambos.

— Sem dúvida você tem razão.

— Eu sei que tenho. Íamos sempre ver as coisas sob ângulos diferentes. O dela é sempre enviesado; não vê nada do jeito como deveria.

— Uma mulher difícil.

— Difícil. – Alex estendeu as mãos para que Mikhail soltasse as luvas. – E isso é só o começo da descrição. Ela parece tão meiga e doce que você julgaria poder domá-la. Depois, você menciona um erro óbvio, para o próprio bem dela, e ela vem com quatro pedras nas mãos e põe você para fora da casa.

Mikhail retrucou, com ar debochado:

— Você está melhor sem ela.

— E é você quem está me dizendo? – Alex atirou as luvas de lado e flexionou as mãos. – Quem precisa de mulheres descompensadas?

— Homens.

— Certo. – Com um suspiro, Alex deu um olhar miserável para o irmão. – Eu a quero tanto que mal consigo respirar.

— Sei do que está falando. – Mikhail deu um soco no ombro suado do irmão. – Então vá lá e pegue-a.

— Vá lá e pegue-a – repetiu Alex.

— Coloque-a em seu devido lugar.

Uma luz perigosa, reconheceu Mikhail, brilhou nos olhos de Alex.

— Em seu devido lugar. Certo.

— Ei! – chamou Mikhail quando o irmão saiu andando. – Os chuveiros são do outro lado.

— Tomo banho na delegacia. Vejo você mais tarde.

— Mais tarde – concordou Mikhail. Procurou o filho, pensando quando encontraria essa mulher única e descompensada, sem bom senso.

Ela parecia perfeita para o irmão caçula.

Bess nunca estava em seu melhor humor pela manhã e suspeitava que ninguém estivesse. A campainha tocava quando ouviu a batida na porta. Ignorara o interfone por cerca de dez minutos, mas a batida incessante a fez sair da cama.

Com os olhos turvos, colocou um roupão de seda minúsculo por cima de uma igualmente minúscula camisola e foi aos tropeções até a porta.

— Que diabos está acontecendo? – perguntou. – O prédio está pegando fogo ou o quê?

— Ou o quê? – perguntou Alex quando ela escancarou a porta.

Lutando para conseguir se concentrar, passou a mão no cabelo. O roupão escorregou por um dos ombros.

— Como você veio parar aqui?

— Mostrei meu distintivo ao segurança. – Depois de fechar a porta, olhou o objeto de seu desejo. Havia um bocado a dizer a uma mulher sonolenta envolta em seda branca amarrotada. – Acordei você, McNee?

— Que horas são? – Ela virou-se, seguindo o aroma da máquina de fazer café, programada para funcionar às 7h20. – Que dia é hoje?

— Quinta. – Ele seguiu-lhe os passos cambaleantes através da sala de estar até a grande cozinha branca e azul-marinho, onde sobressaía um enorme arranjo na ilha. Orquídeas na cozinha, refletiu. Só Bess mesmo. – Umas 7h30.

— Da manhã? – Desnorteada, procurou uma caneca. – O que está fazendo aqui às 7h30 de uma quinta-feira?

— Isso. – Ele a virou. O gosto de sua boca, quente e macia de sono, o deixou excitado. Antes que ela pudesse pensar, ele não queria que nenhum dos dois pensasse, ele enfiou a língua entre seus lábios para seduzi-la. O dela ficou tenso, depois se desmanchou, amolecendo contra o dele como a cera da vela tocada

pela chama.

Percebendo o palpitar do próprio sangue, ouviu o barulho quando a caneca de porcelana que ela segurava escorregou-lhe dos dedos e espatifou-se em pedaços.

Ainda estou sonhando? pensouBess. Os sonhos sempre tinham sido muito vívidos, mas esse... Não seria possível sentir tanto, necessitar tão desesperadamente num sonho.

E podia sentir o gosto dele; sentir de verdade. Um misto de homem, desejo e suor salgado. Delicioso. A boca era tão quente, tão exigente... Exatamente como as mãos por cima do fino tecido de seda que usava.

Sentia o ladrilho frio debaixo dos pés, um tremendo contraste em comparação com o calor vibrando à sua volta. Sob as palmas da mão, o rosto dele era áspero, excitantemente áspero. E ela ouviu a própria voz, um som abafado, confuso, ao tentar dizer-lhe o nome.

— Preciso acordar – conseguiu dizer quando a boca abandonou a sua para percorrer-lhe o pescoço. – Realmente preciso.

— Você está acordada. – Ele precisou tocá-la. Só uma vez. Embora fosse injusto tirar vantagem, ele precisava fazê-lo. Então, pegou-lhe os seios nas mãos, sentindo a firmeza através da seda, esfregando os polegares suaves como pluma nos mamilos intumescidos. – Está vendo?

Ela nunca tinha sido do tipo que desfalecia, mas teve medo de que essa fosse a primeira vez.

— Eu preciso... – gaguejou, pois quando começou a recuar, ele a pegou nos braços. Um tremor de pânico, totalmente desconhecido, subiu-lhe pela espinha. – Alexi, não.

Ele cobriu-lhe a boca de novo, sentiu-a entregar-se, trêmula. E sabia que podia. E não podia.

— Você está descalça – disse e sentou-a na bancada – Eu fiz você deixar cair a caneca.

Trêmula, ela olhou para os cacos no chão.

— Você tem uma vassoura?

— Uma vassoura. – Agora ela estava desperta, super desperta. Mas a mente ainda estava embaçada. – Em algum lugar. Por quê?

Ele a estava deixando tola, percebeu e sorriu.

— Para que eu possa limpar tudo antes que você se corte. Fique aí. – Ele olhou para o que parecia ser um armário e localizou uma pá de lixo e uma vassoura. Por ser um homem cuja mãe o treinara bem nas tarefas domésticas, varreu tudo rápido e eficientemente. – Então, sentiu falta de mim?

— Nem pensei em você. – Ela soprou o cabelo dos olhos. – Mal pensei em você.

— Eu também não. – Ele jogou os cacos na lixeira, guardou a vassoura e a pá de lixo. – Que tal um café?

— Claro. – Talvez isso a ajudasse a recuperar a compostura. Quando ele a serviu, ela sentiu-lhe o cheiro, em meio ao aroma matinal da casa. – Você está cheirando a vestuário masculino.

— Desculpe. Estava na academia. – Quando ele estendeu-lhe a xícara de café, ela sentou-se e bebeu. Meia xícara depois, foi capaz de dar a primeira olhada, após ter recuperado a lucidez.

Ele estava fabuloso. Bruto, suado e pronto para a ação. Uma mecha de cabelo caía por cima de uma desbotada bandana cinza. O rosto sem barbear, a camiseta do Departamento de Polícia de Nova York rasgada e escurecida no decote em V descendo pelo peito, as calças de moletom frouxas e desfiadas na barra. Quando ela levantou o olhar e encontrou o dele, ele sorriu.

— Bom dia, McNee.

— Bom dia.

Ele passou o dedo por sua coxa. Esse era um ponto sensível, notou. Ficou evidente pelo modo como os olhos dela se ensombreceram e o batimento do pulso acelerou.

— Não estou pedindo desculpas desta vez.

— Deveria.

— Não. Eu tenho certeza. – Ele colocou um dedo em seus lábios antes que ela falasse. – Confie em mim. Sou um policial.

Ele poderia tê-la seduzida na própria cozinha antes que pudesse abrir os olhos, mas ela precisava se impor. Fechando a mão no punho dele, afastou-lhe a mão.

— Minhas decisões pessoais, quer digam respeito à minha vida profissional ou pessoal, são minhas. Pessoais. Venho tomando essas decisões, certas ou erradas, há muito tempo. E não pretendo parar agora.

— Não quero ver você se machucar.

— É muito amável de sua parte, Alexi. – Abrandando um pouco, passou a mão no cabelo dele. – Não pretendo me machucar.

— Você não sabe com o que está lidando. Claro, você acha que sim – continuou, reconhecendo o olhar. – Mas tudo que sabe é superficial. Há coisas que acontecem nas ruas, todos os dias, todas as noites, das quais não faz idéia. E nunca fará.

Ela não podia discutir, não depois do que viu em seu rosto.

— Talvez não. Não vejo o que você vê ou sei o que você sabe. E talvez eu não queira. Minha amizade com Rosalie...

— Amizade?

— Sim. – A expressão no rosto desafiou-o a contradizê-la. – Sinto algo por

ela, a respeito dela. – Com um gesto indefeso, Bess colocou a xícara de lado. – Possivelmente não posso explicar para você, Alexi. Você não é uma mulher. Eu posso ajudá-la. Não me diga que é um conto de fadas acreditar que posso tirá-la das ruas e da vida que escolheu. Já recebi esse conselho.

— De alguém com pelo menos metade de um cérebro. Não fazia idéia de que a situação estivesse tão fora de controle. Você disse que queria conversar com ela para ter material para sua história.

— É verdade. – Mas Bess lembrava-se com clareza da contusão no rosto de Rosalie. – É tão impossível que eu seja capaz de fazer algo por ela? Ser um policial tornou-o tão duro que você não pode oferecer a alguém a chance de mudar?

Ele pegou-lhe as mãos com força.

— Eu não sou assim.

— Não – disse e sorriu. – Não é.

Ele soltou um palavrão e a deixou dirigir-se à máquina de café.

— Ok, aceito seu argumento. Não é problema meu. Mas vou pedir que me faça uma promessa.

— Pode pedir.

— Não saia nas ruas com ela. E não chegue perto do território de Bobby.

Ela pensou no homem de cabelo prateado e olhos cruéis.

— Isso eu posso prometer. Sente-se melhor?

— Ainda não terminei. Não a deixe entrar aqui a não ser que tenha certeza de que ela está sozinha. Encontre-a em seu escritório ou em algum lugar público.

— Sério, Alexi...

— Por favor.

Ela nada disse por um momento e depois, percebendo o quanto lhe custara usar essa palavra, ficou com pena.

— Está bem. – Bess afastou-se da bancada e abriu a cesta de pão. – Quer um *bagel?*

— Claro.

Ela colocou dois na torradeira antes de buscar *cream chease* na geladeira.

— Preciso contar uma coisa para você.

— Espero que tenha um monte de coisas para me contar.

Com um sorriso confuso, ela se voltou.

— O que disse?

— Quero saber sobre sua vida pessoal, McNee. Quero saber tudo sobre você, depois quero levá-la para a cama e fazer amor com você até que nós dois esqueçamos nossos nomes.

— Ah... – Parecia que bastava um daqueles olhares compridos e penetrantes

para fazê-la esquecer bem mais do que seu nome. – De qualquer jeito...

— De qualquer jeito – ele repetiu incentivando-a a prosseguir.

— Eu ia lhe contar sobre Angie Horowitz.

O sorriso despreocupado sumiu. Os olhos ficaram frios e duros.

— O que sabe sobre ela?

— Cara, você realmente se transforma num estalar de dedos – murmurou Bess. – Sinto como se tivesse acabado de entrar numa daquelas salas de tortura com mangueiras de borracha.

— Angie Horowitz – repetiu. – O que sabe a respeito?

— Não sei muito, mas pensei que deveria lhe contar o que Rosalie me disse. – Ela tirou pratos e começou a passar o *cream chesse* com generosidade nos *bagels*. – Ela disse que Angie estava muito feliz por ter engrenado com um cara. Ele a contratou umas duas vezes e lhe deu dinheiro extra. Tratou-a bem, prometeu comprar-lhe presentes. Na verdade, lhe deu um pequeno pingente. Um coração de ouro com uma rachadura no centro.

O rosto de Alex permaneceu impassível. Angie foi encontrada com uma corrente partida enrolada na mão, exatamente como a primeira vítima. Aquele pequeno detalhe não fora revelado à imprensa. Não havia um coração, pensou agora. Mas alguém arrebentara a corrente por algum motivo.

Bess prosseguiu:

— Segundo Rosalie, Angie o usava sempre e também me contou que Mary Rodell tinha um igualzinho. Ela foi a outra vítima, não foi? – perguntou. – Ela o usava da última vez em que Rosalie a viu viva.

— É mesmo?

Bess ficou desapontada por ele não demonstrar satisfação com a informação.

— Há um pouco mais. – Um pouco aborrecida, ela mordeu o *bagel*. – Angie disse que o cara se chamava Jack, e contou para Rosalie que ele era um cavalheiro de verdade e bem dotado como um... – Ela emudeceu, limpou a garganta, mas os olhos brilhavam com mais humor do que embaraço. – As mulheres tem termos bem empolgantes para certas coisas, assim como os homens.

— Já entendi.

— Ele tinha uma cicatriz.

— De que tipo?

— Não sei. Uma cicatriz na coxa. Angie contou a Rosalie que ele ficou zangado quando ela lhe perguntou a respeito. Foi tudo que me disse, Alexi, mas achei que você gostaria de saber sobre o cara e sobre a coincidência dos pingentes.

— Mal não faz. – Ele lhe deu um sorriso franco, embora os instintos

estivessem a mil. – Provavelmente não vai me adiantar muito, mas vou investigar. – Afagou-lhe o cabelo. – Faça um favor a si mesma e não diga a Rosalie que me passou esses detalhes.

— Tenho o coração mole, detetive, não o miolo mole. Ela acha que você tem um bonito traseiro, mas ainda assim é um tira.

Ele fez uma careta.

— Acho que não me agrada você discutir minha anatomia com uma...

— Amiga – completou, erguendo a sobrancelha, num aviso óbvio. – Eu também almocei com sua irmã. Discutimos seu temperamento irascível.

— Ouvi dizer. – Ele roubou-lhe o *bagel*.– Radcliffe, hein?

— E daí?

— Daí nada. Quer sair para dançar comigo?

Ela refletiu por um segundo inteirinho.

— Quero. Hoje?

— Não posso. Amanhã?

Isso significava cancelar o jantar com L.D. Strater no *Le Cirque*. Esse debate levou quase metade de um segundo.

— Combinado. Sexy ou comportada?

— Sexy. Definitivamente.

— Ótimo. Por que você não vem por volta das... – Ela deu uma olhada no relógio, arregalou os olhos e soltou um berro. – Droga! Agora vou chegar atrasada. Devo a Lori vinte dólares se chegar atrasada mais uma vez este mês. – Começoua empurrar Alex para fora da cozinha. – Tudo sua culpa. Agora se manda, para que eu possa colocar a roupa e ir para o trabalho.

— Já que está atrasada... – Ele mostrava uma agilidade de movimentos impressionante. Enquanto ela o empurrava em direção à porta, ele virou-se para puxá-la mais perto. – Posso fazer você chegar bem mais atrasada.

— Pare com essa conversinha mole – disse, com uma risada. – Vai dar uma volta.

— Você já perdeu vinte dólares. Só estou oferecendo a chance de fazer com que esse dinheiro valha a pena.

— Eu não sei se posso resistir a esse incrível gesto romântico, mas de alguma maneira acho que tenho força suficiente.

— Você quer romance? – Havia um brilho em seus olhos quando ele se dirigiu à porta. – Amanhã à noite. Vamos ver se é tão forte quanto diz.

CAPÍTULO SEIS

Depois de passar mais da metade da manhã no tribunal, esperando impaciente para servir de testemunha num assalto, Alex voltou para a delegacia e encontrou o parceiro enfiado até os cotovelos na papelada.

— O chefe quer ver você – disse Judd com a boca cheia de chocolate.

— Certo. – Alex tirou a jaqueta e a gravata usada para se apresentar no tribunal. Com a mão livre, pegou um monte de mensagens.

— Acho que ele quer ver você agora – disse Judd, prestativo.

— Entendi. – Enquanto passava pela mesa de Judd. Alex espiou por cima de seu ombro o relatório na máquina de escrever. – Dois "e" em apreender, Einstein.

Judd voltou para a palavra e o fitou zangado.

— Tem certeza?

— Confie em mim. – Atravessou a sala e bateu na porta de vidro do capitão Trilwalter.

— Entre.

Trilwalter levantou a cabeça. Alex, com freqüência, pensava estar atolado de trabalho. Mas comparado com a papelada na mesa de trabalho do capitão, podia-se dizer que Alex quase não tinha trabalho. A mesa, entulhada com arquivos espalhados, pilhas de relatórios e correspondências davam a Trilwalter a aparência de um contador. O que era realçado pelos óculos de leitura apoiados na ponta do nariz comprido e estreito, a cabeça ligeiramente calva e o nó mal feito da gravata.

Mas Alex sabia. Trilwalter era um policial até o âmago dos ossos e poderia ainda estar nas ruas, não fosse uma bala que lhe perfurara o pulmão esquerdo.

— Queria me ver, capitão?

— Stanislaski. – Trilwalter estalou o dedo, depois o apontou num gesto para que Alex entrasse e fechasse a porta. Recostou-se na cadeira, dobrou as mãos por cima da barriga reta e olhou-o de cara feia.

— Pode me explicar que diabo de história de telenovelas é essa?

— Senhor?

— Telenovelas – repetiu Trilwalter. – Acabo de receber um telefonema do prefeito.

Pisando em ovos, Alex meneou lentamente a cabeça.

— O prefeito ligou para o senhor para falar sobre telenovelas?

— Você parece confuso, detetive. – Um sorriso raro e não inteiramente bem-humorado curvou a boca de Trilwalter. – Então somos dois. O nome McNee

significa algo para você? Bess McNee?

Alex fechou os olhos por um momento.

— Puxa vida.

— Caiu a ficha, não é?

— Sim senhor. – Alex se concedeu um breve momento planejando um assassinato. – A srta. McNee e eu temos um relacionamento pessoal, por assim dizer.

— Não estou interessado em seus relacionamentos pessoais, por assim dizer, ou seja lá do jeito que forem. Desde que não venham parar na minha mesa.

— Quando a prendi...

— Prendeu? – Trilwalter tirou os óculos e lenta e metodicamente, massageou o osso do nariz. – Acho que não preciso saber desse detalhe. Não, tenho certeza que não.

Apesar de tudo, Alex começou a achar certa graça na situação.

— Se posso dizer isso, capitão, Bess tem a tendência a trazer à tona esse tipo de reação num homem.

— Ela é uma escritora?

— Sim senhor. *Pecados Secretos.*

Trilwalter levantou os olhos cansados.

— *Pecados Secretos.* Aparentemente o prefeito é um fã e tanto e não apenas um fã, detetive, mas um velho amigo de sua Bess McNee. *Velho amigo* foi como ele se descreveu.

Achando melhor manter a discrição e o silêncio, Alex nada disse quando Trilwalter se levantou. O capitão andou até o bebedouro espremido entre dois arquivos no canto do escritório, encheu um copo de papel e bebeu a água.

— Sua Excelência, o prefeito, solicita que a srta. McNee receba autorização para acompanhar um dia de sua vida, detetive. – Alex fez um comentário normalmente restrito aos vestiários masculinos e salões de sinuca. Trilwalter acenou a cabeça com astúcia.

— Você externou meus sentimentos. Entretanto, um dos menos atraentes aspectos de trabalhar nesta mesa em particular é ser forçado a lidar com política. Você perdeu, detetive.

— Capitão, estamos fechando o caso sobre aquele assalto na Lexington. Tenho uma nova pista sobre os assassinatos das prostitutas e, ao chegar do tribunal, encontrei uma mensagem na minha mesa de um informante que talvez saiba algo sobre aquele cadáver encontrado na rua 23 East. Como vou conseguir trabalhar com uma mulher destrambelhada pendurada no meu ombro?

— Essa é a mulher destrambelhada com quem tem um relacionamento pessoal?

Alex abriu a boca e fechou-a. Como explicar Bess?

— De certa maneira – acabou confessando. – Ouça, capitão, já concordei em falar com McNee sobre o trabalho policial, em termos gerais, de vez em quando. Nunca concordei em entrar em detalhes específicos. Tenho certeza absoluta de que não a quero como parceira, sentada no banco da frente do carro, enquanto trabalho.

— Um dia da sua vida, Stanislaski. – Com o mesmo sorrisinho esperto, Trilwalter amassou o copo e o jogou fora. – Para ser exato, segunda que vem.

— Capitão...

— Vire-se – disse Trilwalter. – E certifique-se de mantê-la fora de qualquer confusão.

Dispensado, Alex voltou para a mesa. Ainda resmungava quando Judd chegou com duas xícaras de café.

— Problemas?

— Mulheres – disse Alex.

— Conte-me. – Por ter esperado a manhã inteira pela oportunidade, Judd sentou-se na beirada da mesa de Alex. – Por falar em mulheres, você sabia que Bess estava noiva de L.D. Strater?

Alex virou a cabeça abruptamente.

— O quê?

— Já foi – explicou Judd. – Uma das professoras na escola de Holly, uma fofoqueira de primeira, lê todas as notícias e revistas do gênero. Foi ela quem contou a Holly que eles eram noivos até alguns meses atrás.

— É mesmo? – Alex lembrou-se de como eles dançavam juntos na festa dela. Como se beijaram. A boca transformou-se numa linha fina quando levantou a xícara.

— Um verdadeiro redemoinho de emoções, de acordo com minhas fontes. Antes disso, ela foi noiva de Charles Stutman.

— Quem é esse cara?

— Você sabe, o escritor. Ele está com aquela peça na Broadway, *DusttoDust*, um verdadeiro sucesso. Holly quer muito assistir. Achei que talvez Bess pudesse arrumar umas entradas.

O som emitido por Alex não era nem de concordância nem de negativa. Assemelhava-se mais a um rosnar.

— E depois teve George Collaway... Sabe, o filho daquele famoso editor? Isso foi há três anos, mas ele casou com outra.

— A moça roda um bocado – disse Alex baixinho.

— É e nas altas rodas. E ei, Holly ficou realmente pasma quando descobriu que Bess é filha de Roger K. McNee. Você sabe, o cara das máquinas

fotográficas.

— Cara das máquinas fotográficas? – repetiu Alex, sentindo um buraco crescer na boca de seu estômago. – O da McNee-Holden?

— Isso. A primeira máquina que comprei foi uma Holden 500. Uso os filme deles até hoje, assim como o Departamento de Polícia. – Ele se levantou. – Bem, se tiver uma chance, talvez possa perguntar a Bess sobre as entradas. Com certeza, isso significa muito para Holly.

McNee-Holden. Alex repetiu os nomes mentalmente, enquanto o barulho da sala aumentava à sua volta. Pelo amor de Deus, ele já tivera uma máquina dessa marca. Ele comprara os rolos de filme vermelhos centenas de vezes ao longo dos anos. O Departamento de Polícia usava o papel para revelação. Ele tinha quase certeza que a NASA também o usava.

Mas essa Bess era cheia de segredos!

Então ela era rica. Podre de rica. Pegou as mensagens de novo, dizendo a si mesmo que não era nada demais. Não teria sido, corrigiu-se em silêncio, se ela mesma lhe tivesse contado.

Noiva, pensou, franzindo o cenho. Três vezes noiva. Dando de ombros, pegou o telefone. Não era da sua conta, lembrou-se ao discar o número do telefone. Se tivesse sido casada três vezes, continuaria a não ser da sua conta. Ele a estava levando para dançar, não em lua-de-mel.

Mas demorou um bom tempo antes de conseguir afastá-la para um canto da mente e dedicar-se ao trabalho.

Sexy, o homem dissera, lembrou-se Bess, virando-se na frente do espelho. Ela parecia disposta a agradá-lo.

Uma saia de seda verde azulada marcava cada curva e terminava abruptamente no meio da coxa. Por cima do *top*liso, sem alças, uma jaqueta curta fúcsia. Um brinco com pingentes de cristais pendurados nas orelhas. Depois de colocar os sapatos de salto alto, ajeitou mais uma vez o cabelo.

Sentia vontade de dançar.

Quando o interfone tocou, sorriu para seu reflexo. O policial era pontual. Pegando a pequena bolsa, estufada com o que considerava essencial, correu para atender.

— Estou descendo. Espere um minuto.

Ela o encontrou na calçada, perfeito numa calça cinza e uma camisa marinho, as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta de couro.

— Oi. – Ela beijou-o de leve e deu-lhe o braço. – Aonde vamos?

Ele sentiu um estremecimento diante do modo como os olhos e as bocas

ficaram à mesma altura. Como se estivessem na cama.

— *Downtown*– disse, sem meias palavras, e conduziu-a para o lado esquerdo da rua a fim de pegarem um táxi na esquina.

Ele não poderia tê-la deixado mais satisfeita ao escolher uma discoteca barulhenta e lotada. No momento em que entrou, o sangue de Bess começou a ferver. A música era alta, a pista de dança cheia. Eles se espremeram no bar esperando por uma mesa.

— Vodka pura – pediu Alex, levantando a voz em meio ao tumulto.

— Duas – decidiu Bess e sorriu para ele. – Acho que já estive aqui antes, há alguns meses.

— Não ficaria surpreso. – Não era da sua conta, lembrou-se Alex. Nem seu passado, nem os homens em sua vida. Nada.

Pro diabo que não era.

— Não parece o tipo de lugar para onde Strater a levaria.

— L.D.? – Os olhos sorriram. – Não, não faz o estilo dele. – Ela se colocou de lado. – Adoro ver as pessoas dançando. E você? É uma das poucas maneiras lícitas de exibicionismo neste país. – Quando ele lhe entregou a bebida, ela agradeceu. – Olhe aquele cara ali, por exemplo. – Fez um gesto com o copo para um homem pavoneando-se na pista, os polegares nas presilhas do cinto, remexendo os quadris. – Essa é definitivamente uma das danças de acasalamento típicas dos homens brancos urbanos.

— Você dançava muito com Stutman? – Alex ouviu-se perguntar.

— Charlie? – Ela provou a vodca, passou a língua nos lábios. – Não muito. Ele preferia sentar em algum bar enfumaçado ouvindo música esotérica, pela qual era obcecado. – Ainda observando a multidão, vislumbrou um homem trajando couro preto. Ele ergueu uma sobrancelha e veio em sua direção. Uma olhada para Alex e mudou o rumo. Bess riu.

— Você o afugentou. – Balançando o gelo, sorriu para ele. – Você nasceu com este talento ou precisou desenvolvê-lo?

Alex tirou-lhe o copo da mão e colocou-o de lado.

— Vamos dançar.

Sempre disposta a dançar, Bess deixou que ele a conduzisse à pista. Mas em vez de entrar no ritmo da batida, ele envolveu-a com os braços. Enquanto pernas e braços balançavam-se à volta ao som da música agitada, eles deslizavam.

— Muito bem. – Sorrindo enquanto o fitava, ela passou os braços em seu pescoço. – Agora estou vendo por que você gosta de tomar a iniciativa, detetive.

— Acredito ter lhe prometido romance. – Ele passou os lábios de sua mandíbula à orelha.

— Foi. – A respiração saiu lenta e quente ao mesmo tempo em que fechava os

olhos. – Foi, você prometeu.

— Não tenho certeza do que uma mulher como você considera romântico.

A pele arrepiou-se ao toque dos lábios dele.

— Esse é um bom começo.

— É difícil. – Ele afastou-se dos lábios dela por um centímetro. – É difícil para um policial competir com milionários e autores de peças teatrais.

Os olhos debaixo dos cílios estavam semicerrados e sonhadores.

— De que está falando?

— De dois de seus ex-noivos.

Os cílios ergueram-se uma fração.

— O que tem eles?

— Fiquei me perguntando quando ia mencioná-los. Ou o fato de seu pai ser dono de um dos maiores conglomerados pertencentes a um só homem. Ou o pequeno detalhe de seu amigo prefeito ligar para meu capitão.

Eles continuavam a dançar enquanto ele falava, mas Bess podia perceber a raiva crescendo em seus olhos.

— Você quer considerá-los como assuntos distintos ou discuti-los todos de uma só vez?

Ela era fria, pensou. Ele não sentia nada além de frieza.

— Por que não começamos com o prefeito? Você não tinha o direito.

— Eu não pedi que ele ligasse, Alexi – disse, de modo cauteloso, sentindo a tensão dos dedos dele na cintura. –- Estávamos jantando e...

— Você janta com freqüência com o prefeito?

— Ele é um velho amigo da família – respondeu, paciente. – Eu estava lhe contando como você foi prestativo e uma coisa levou a outra. Eu só soube que ele ligara para seu capitão depois do fato consumado. Admito ter gostado da idéia, mas se lhe trouxe algum tipo de problema, peço desculpas.

— Que maravilha!

— Meu trabalho é tão importante para mim quanto o seu para você – retrucou, lutando contra a própria irritação. – Se preferir, posso providenciar para acompanhar outro policial na segunda-feira.

— Você vai passar a segunda-feira num lugar onde eu possa manter os olhos em você.

— Está bem. Com licença. – Ela afastou-se e atravessou a multidão em direção ao toalete. A música pulsava nas paredes quando entrou no pequeno aposento, ignorando o bate-papo de duas mulheres passando batom diante do espelho. Perder a calma só seria improdutivo, lembrou-se. Melhor, muito melhor, tratar a situação com calma e serenidade.

Quando estava quase segura de que conseguiria obter êxito, saiu. Ele a

esperava. Pegando-a pelo braço, conduziu-a a uma mesa nos fundos, onde poderiam conversar sem precisar gritar.

— Acho que devíamos ir embora. Não faz sentido ficar quando você está tão zangado comigo – começou, mas ele simplesmente afastou a cadeira.

— Sente-se.

Ela obedeceu.

— Quando você ia me contar sobre sua família?

— Não vejo por que discutir esse assunto. – E era a pura verdade. – Por que deveria? Essa é apenas a segunda vez que saímos.

O olhar que ele lançou fez com que ela balançasse o pé de nervoso debaixo da mesa.

— Você sabe muito bem que existe mais entre nós dois do que dois encontros.

— Está bem, sim, eu sei. – Ela pegou a bebida e voltou a colocá-la na mesa, intocada. – Mas não é isso que está em questão. Você está agindo como se eu tivesse escondido deliberadamente algo de você ou mentido. E, simplesmente, não é verdade.

Ele pegou o drinque que pedira.

— Então me conte agora.

— O quê? Você já não mandou me investigar? – Os olhos apertados dele lhe deram uma mínima sensação de satisfação. – Está bem, detetive, vou informá-lo já que demonstra tanto interesse. Minha família é proprietária da McNee-Holden que, desde sua fundação, em 1873, expandiu-se de câmeras fotográficas e filmes para máquinas até cinema, televisão, satélites e todo tipo de produtos. Devo pedir-lhes que mandem um prospecto para seu endereço?

— Não banque a engraçadinha.

— Só estou aquecendo. – Ela passou o braço por cima das costas da cadeira. – Meu pai é presidente da empresa e minha mãe recebe convidados e faz serviços beneficentes. Sou filha única, temporão. O nome de meu pai é Roger e ele adora um bom jogo de pólo. O da minha mãe é Susan, nunca Sue ou Susie, e ela prefere uma desafiante partida de *bridge*. O que mais gostaria de saber?

Apesar da irritação, ele queria pegar-lhe a mão e acariciá-la.

— Droga, Bess, não é um interrogatório.

— Não? Deixe-me facilitar para você, Alexi. Nasci em Nova York, passei o início da infância em nossa propriedade em Long Island, cuidada por uma babá inglesa de quem eu gostava muito, antes de ir para o colégio interno que eu detestava. Isso, entretanto, deixou minha mãe livre para prosseguir com suas várias causas beneficentes e meu pai livre para cuidar dos negócios. Não somos íntimos. De tempos em tempos, viajávamos juntos, mas eu não era uma criança bonita nem obediente e meus pais, normalmente, me deixavam aos cuidados dos

empregados.

— Bess...

— Ainda não terminei. – Os olhos estavam duros e faiscantes. – Esta não é a história de uma pobre menina rica, Alexi. Não me sentia negligenciada nem infeliz. Já que eu tinha tanto em comum com meus pais quanto eles comigo, sentia-me contente em seguir meu caminho. Eles não interferem e nos damos muito bem, pois eu prefiro fazer tudo do meu jeito. Eu não alardeio o fato de ser a filhinha de Roger K. McNee, nem escondo. Caso contrário, teria mudado de nome. É um fato, nada mais. Satisfeito?

Ele pegou-lhe a mão, antes que ela pudesse levantar-se, a voz novamente calma e muito gentil, o que a impediu de resistir.

— Queria saber quem você é. Eu gosto de você, por isso era importante.

Aos poucos, a mão relaxou sob a dele. O olhar duro desapareceu dos olhos.

— Eu compreendo que alguém com seu passado acredite que a gente é fruto da família, de quem eles são e de onde vieram. Eu não me sinto assim.

— É claro que importa,Bess.

— De onde você vem importa mais. O que seu pai faz?

— Ele é carpinteiro.

— E por que você não é carpinteiro?

— Porque não era o que eu queria. – Tamborilouos dedos na mesa enquanto a observava. – Ponto para você – reconheceu. – Ouça, lamento tê-la pressionado. Eu apenas estranhei saber de tudo através de Judd.

— De Judd?

— Holly, que soube de tudo através de uma professora que adora ler notícias sobre celebridades. – Ao dizê-lo, se deu conta do ridículo da situação. Deu um risinho forçado.

— Está vendo? – Novamente relaxada, inclinou-se à frente. – A vida é uma telenovela.

— A sua é. *Três* ex-noivos?

— Depende de como você conta. – Ela pegou a mão de Alex; gostava de senti-la entre as suas. – Não fui noiva de L.D. Ele me deu um anel e não tive coragem de dizer-lhe que era muita ostentação. Mas casamento não foi discutido.

— Um dos dez homens mais ricos do país lhe dá um anel pra você exibir por aí, mas não discutem casamento?

— Isso mesmo. Ele é um homem muito legal. Um pouco pomposo, de vez em quando, mas quem não seria? São tantas as pessoas prontas para lamber o chão em que ele pisa. Podemos pedir uns salgadinhos ou alguma coisa para comer?

— Claro. – Fez sinal para a garçonete. – Então você não quis se casar com ele.

— Nunca pensei a respeito. – Já que ele perguntava, ela resolveu pensar

agora. – Não, acho que não gostaria. Nem ele. L.D. me acha divertida e um tanto quanto fora do convencional. Ser um magnata não é só divertimento e brincadeiras, você sabe.

— Se você diz.

Bess riu.

— Mas teria preferido um tipo diferente como próxima esposa. – Imediatamente atacou os salgadinhos e *pretzels* trazidos pela garçonete. – Eu gostei de me apaixonar por ele por algumas semanas, mas não foi o romance do século.

— E o outro, o escritor?

— Charlie. – Agora havia um traço de melancolia na voz. – Eu realmente me envolvi com Charlie. Ele tem aquela espécie de brilho. Interessa-se tanto por pessoas, emoções, motivações. – Ela fez um gesto com metade de um *pretzel.* – A verdade é que Charlie é bom. Bom pra valer. Bom demais para mim. – Terminou o *pretzel.* – Entende? Eu me alisto no Greenpeace. Charlie vai ao Alasca ajudar a limpar manchas de óleo. Ele se envolve. Por isso, Gabrielle é perfeita para ele.

— Gabrielle?

— A mulher dele. Eles se encontraram numa passeata em defesa das baleias. Estão casados há quase dois anos.

Alex estava determinado a esclarecer tudo.

— Você ficou noiva de um homem casado?

— Não. – Insultada, fez beicinho. – Claro que não Ele se casou depois que ficamos noivos. Ou melhor, depois que terminamos o noivado. Charlie jamais trairia Gabrielle. Ele é um homem decente.

— Desculpe. Entendi mal. – Alex considerou mudar de assunto, mas esse era simplesmente fascinante. – E George? Foi entre Charlie e Strater?

— Não. George foi antes de Charlie e depois de Troy. Praticamente em outra vida.

— Troy? Teve outro?

— Ah, você não sabia a respeito dele. – Bess pousou o queixo na mão. – Acho que sua fonte não pesquisou o bastante. Troy foi durante a faculdade e não ficamos noivos por muito tempo. Umas duas semanas. Ele nem conta.

Alex pegou novamente o drinque.

— Nem conta.

— De qualquer modo, George foi um erro, embora eu nunca tenha admitido para Lori. Ela ia dar pulos de alegria.

— George foi um erro? E os outros não?

Ela sacudiu a cabeça.

— Ganhei experiência. Mas George, bem... Eu agi de forma precipitada com ele. Sentia pena, porque ele acreditava que ia pegar uma doença grave e fazia terapia desde *o* jardim-de-infância. Nunca deveríamos ter nos envolvido romanticamente. Fiquei realmente aliviada quando ele decidiu se casar com Nancy.

— É uma espécie de h*obby?* – perguntou Alex, após um momento de silêncio.

— Não, as pessoas escolhem *hobbies.* Eu nunca escolho me apaixonar. Simplesmente acontece. – O sorriso demonstrava divertimento e tolerância. – É bom; e quando termina, não deixa mágoas. Não é um instinto sexual, como acontece com Vicki. Ela passa de um homem para outro devido à sensação de poder sexual que isso lhe proporciona. Eu sei que a maioria das pessoas pensa que se você tem um relacionamento com um homem, especialmente se fica noiva dele, você deve estar dormindo com ele. Mas nem sempre é verdade.

— E se você não está noiva dele?

Como a pergunta exigia uma resposta, ela encarou-o.

— Cada situação tem suas regras próprias. Eu ainda não sei quais são as regras neste relacionamento.

— O relacionamento pode ficar sério.

Sentiu um leve aperto no coração.

— É sempre uma possibilidade.

— Já está sério o bastante agora para que eu lhe pergunte se está saindo com outra pessoa.

Sabia o que estava acontecendo. Bess nunca fora capaz de evitar aquele resvalar lento e indolor rumo à paixão.

— Você está me perguntando se eu estou saindo ou está me dizendo para não sair?

Não era indolor para ele. Era aterrorizante. Com a determinação que lhe restava, Alex agarrou-se àquele tênue e acanhado fio.

— Estou pedindo para não sair. E estou dizendo que não quero mais ninguém envolvido. Não consigo nem imaginar outra pessoa.

Os olhos dela eram afetuosos quando se inclinou e encostou os lábios aos dele.

— Não existe mais ninguém.

Ele colocou a mão em seu rosto para manter a boca na sua por outro momento. Mesmo ao beijá-la, pensava em quantos outros homens a ouviram dizer as mesmas palavras.

Disse a si mesmo que era um idiota ciumento. Com esforço, conseguiu reprimir o sentimento. Levantando-se, pegou-lhe as mãos e a colocou de pé.

— Nós devíamos estar dançando.

— Foi o que me disseram, Alexi. – Tão à vontade com o amor que brotava, como se sentiria num roupão confortável, ela segurou-lhe o rosto com as duas mãos.

— O quê?

— Só estou olhando. Só para me certificar de que não está mais zangado comigo.

— Não estou zangado com você. – E, para prová-lo, beijou-lhe a ponta do nariz torto.

Não, zangado não, pensou procurando os olhos dele. Mas havia algo escondido. Ela não conseguia identificar o quê.

— Meu nome do meio é Louisa.

Com a sombra de um sorriso nos lábios, ele meneou a cabeça.

— Estou tentando adivinhar se deixei de contar alguma coisa que você poderia querer saber. – Precisando da proximidade, recostou o rosto no dele. – Eu realmente não tenho segredos.

Ele enfiou o rosto em seus cabelos. Céus, o que ela estava fazendo para prendê-lo com nós tão fortes desse jeito? Ele a puxou contra si, apertando-a com força entre os braços.

— Sei tudo que preciso saber – disse baixinho. – Vamos ter que estabelecer as regras, Bess. Vamos ter que estabelecê-las rápido.

— Tudo bem. – Ela não sabia ao certo o que a prendia ali. Teria sido tão fácil sair da discoteca com ele, ir para casa e ficar com ele. O corpo ansiava pelo dele. Apesar disso...

O primeiro tremor de pânico causou-lhe tamanho choque que ela afastou-se e sorriu, animada demais. Não estava com medo, assegurou-se. E não precisava analisar em excesso. Quando chegasse a hora de seguir em frente, saberia. E ponto final.

— Vamos, detetive. – Ainda sorrindo, afastou-o da mesa. – Vamos ver se você consegue me acompanhar na pista de dança.

CAPÍTULO SETE

Alex leu um relatório de autópsia particularmente medonho sobre um suspeito assassinato ou suicídio e tentou ignorar o fato de que Bess sentava-se na cadeira à sua direita, rabiscando no caderno de notas. Ela cumpria o prometido, foi forçado a admitir. Embora tivesse a tendência de falar sozinha de vez em quando, mantinha-se quieta, discreta e quando percebeu que ele não responderia a suas perguntas – tampouco admitiria sua presença – dirigiu-as a Judd.

Ele não podia dizer que ela era um problema. Mas, é claro, ela *era*um problema. Estava ali. E por estar ali, ele pensava nela.

Vestira-se discretamente. Calças marfim e um blazer azul-marinho. Como se, pensou, as roupas conservadoras a ajudassem a misturar-se ao ambiente e o fizesse esquecer que ela o perturbava. Até parece! Ele estava ciente dela em cada célula.

Podia sentir seu perfume, não podia? pensou com ressentimento. Aquele perfume fresco e sedutor pairava no ar invadindo-lhe os sentidos durante toda a manhã. Esgueirando-se em seu cérebro como um gatuno especialista em invadir andares altos se esgueira através de uma janela.

E podia senti-la também. Não precisava ter os instintos de um policial para saber que ela estava às suas costas, para descrever aqueles grandes olhos verdes atentos a cada movimento dele. Para imaginar aquelas mãos sempre irrequietas tomando notas ou aquela boca macia e ágil retorcendo-se com o surgimento de uma nova idéia.

Ela podia estar vestida numa caixa de papelão e o deixaria excitado.

Ele era tão bonito, pensava Bess, sorrindo e fitando a nuca dele. Gostava de vê-lo trabalhar – o modo como ele enfiava a mão naqueles maravilhosos cabelos negros quando pensava. Ou mudava o telefone de uma orelha para outra para poder tomar notas. O som da voz dele, cortante e séria ou dissimulada e persuasiva, dependendo do que queria do ouvinte.

E gostava especialmente do modo como ele movia os ombros, inquieto, cada músculo tenso por ter consciência de sua presença.

Ela sentia uma vontade incrível de dar-lhe um beijo na nuca – e de ver o que ele lia.

Depois de uns dois olhares emburrados por parte dele, Bess empurrou a cadeira para trás e parou de espiar-lhe por cima do ombro.

Ela cooperava cem por cento, Alex era forçado a admitir. O que só tornava tudo pior. Ele queria que ela fosse embora. Como poderia explicar ser impossível se concentrar no trabalho quando a mulher por quem começava a se apaixonar o

observava ler o relatório de uma autópsia?

— Aqui está. – Bess deu-lhe uma xícara de café e um sorriso confortador. – Você parece estar precisando.

— Obrigado. – Creme, sem açúcar, notou ao provar o café. Ela se lembrava. Isso fazia parte de seus atrativos? O fato de absorver cada mínimo detalhe sobre as pessoas? – Você deve estar ficando aborrecida.

Aproveitando a chance, sentou-se na beirada da mesa.

— Por quê?

— Não há muita coisa acontecendo. – Fez um gesto indicando a pilha de papéis. Talvez, quem sabe, pudesse convencê-la de estar perdendo tempo. – Se você colocar seu policial de TV fazendo isso, não vai aumentar o IBOPE.

— Nós queremos mostrar diferentes aspectos do trabalho dele. – Ela partiu uma barra de chocolate ao meio e ofereceu a Alex. – Gosto do fato de que ele tem que se concentrar e tratar desse tipo de documento e detalhe no meio de todo esse caos.

Ele deu uma dentada.

— Que caos?

Ela voltou a sorrir. Ele nem percebia mais, reparou. Ou ouvia. Todo barulho, movimento, agitação. Dúzias de pequenos dramas tiveram lugar naquela manhã. Ela estava fascinada; ele, nem notara.

— Eles trouxeram um traficante de drogas. – Fez um gesto com a cabeça enquanto continuava a escrever. – Um cara magrelo usando um chapéu fedora branco e paletó listrado e uma dose exagerada de perfume francês.

— Pasquale – disse Alex ao ouvir a descrição. – E daí?

— Você o viu?

— Senti o cheiro. – Deu de ombros. – E não vinha do meu colarinho.

Rindo para si mesma, Bess cruzou as pernas e sentou-se confortavelmente.

— Um lojista coreano entrou correndo, aos gritos, avisando sobre vandalismo em sua loja. Estava tão nervoso que esqueceu quase todo seu inglês. Tiveram que mandar chamar um intérprete.

— É, acontece. – Aonde ela queria chegar? refletiu. Ela apenas sorriu e terminou de comer o chocolate.

— Logo depois trouxeram uma mulher que havia sido espancada pelo namorado. Sentou-se ali e o defendeu, embora com o rosto inchado. O detetive da mesa do fundo brigou com a mulher no telefone. Ele esqueceu o aniversário de casamento.

— Deve ser Rogers. Ele sempre briga com a mulher. – A impaciência voltou a inquietá-lo. – O que tem isso a ver?

— Atmosfera – disse. – Você parou de reparar e se tornou parte de tudo. É

interessante ver. E você é muito organizado – acrescentou, lambendo o chocolate do polegar. – De um jeito diferente do de Judd que mantém as pequenas pilhas de papéis organizadas. Você espalha as coisas, mas sabe onde encontrar o papel que procura na mesma hora.

— Odeio que fiquem me examinando enquanto trabalho. – Afastou-lhe a mão do relatório de autópsia.

— Eu sei. – Sem sentir-se ofendida, sorriu. Inclinou-se um pouco mais. Havia algo nos olhos além de humor, notou. Não tinha certeza de ter visto desejo e divertimento emergirem na mesma expressão antes. E certamente não percebeu como a combinação podia fazer o sangue de um homem ferver. – Você fica muito sexy lendo relatórios, trabalhando, a arma presa na cintura, os cabelos despenteados de tanto você enfiar os dedos neles. Este olhar perspicaz e perigoso.

Em agonia, ele mexeu-se na cadeira.

— Pode parar, McNee.

— Gosto do jeito como seus olhos ficam intensos e misteriosos quando recebe alguma migalha de informação no telefone.

— Para sua informação, era da lavanderia.

— Hum-hum. – Ela pegou o café dele para engolir a última dentada da barra de chocolate. – Diga-me uma coisa, Alexi. Você está irritado ou nervoso com a minha presença?

— Ambos. – Levantou-se. Devia ter algo a fazer em algum lugar.

— Foi o que pensei. – Ela enfiou o dedo na alça do coldre. Não demonstrava medo da arma. Na verdade, contava em convencê-lo a deixá-la segurá-la um dia. Para conhecer a sensação. Saber como ele se sentia ao ser forçado a empunhá-la. – Você sabe, ainda nem me beijou.

— Não vou beijá-la aqui.

Ela levantou os olhos, devagar. Definitivamente desafiando-o.

— Por que não?

— Porque da próxima vez que beijar você, – olhando-a, passou a mão em volta de seu pescoço, o polegar acariciando-a na altura da gola até o sorriso afetado se desvanecer – de verdade, só vamos estar nós dois. Sozinhos. E eu vou continuar beijando você e fazendo todo tipo de loucuras, até não existirem mais regras. Nem motivos.

Era isso que queria? Ela achou que sim. No momento, quando a pele ardia onde os dedos dele estavam pousados, pensou ser exatamente o que queria. Mas havia algo mais, uma mistura complexa de desejo e medo, tão estranha que ela deu um passo atrás.

— O que houve, McNee? – Satisfeito com a reação, deixou a mão escorregar

até seu ombro e retirou-a. – Quem está deixando quem nervoso agora?

— Devíamos estar trabalhando – lembrou-o. – E não despertando nervosismo um no outro.

— Hoje, quando eu terminar o expediente, você vai junto.

— Stanislaski.

Os olhos de Alex permaneceram presos ao de Bess outro momento antes de concentrarem-se na figura atrás dela.

— Capitão.

— Desculpe interromper a hora de lazer – disse, azedo. – Preciso desse relatório.

— Está aqui. – Quando Alex se virou para pegá-lo, Bess estendeu a mão a Trilwalter.

— Capitão, prazer em conhecê-lo. Sou Bess McNee. Queria lhe dizer o quanto aprecio a cooperação do pessoal de seu departamento hoje.

Trilwalter olhou-a de cara feia por um momento, depois, ao se lembrar, deixou escapar um suspiro.

— Certo. Você é a escritora. – O escárnio contorceu-lhe a boca. – Telenovelas.

— Sim, sou eu. – O sorriso fez as luzes florescentes do teto perderem o brilho. – Estava pensando... Poderia tomar um minuto do seu tempo? Sei o quanto é ocupado, mas será rápido.

Ele não queria nenhum envolvimento com ela. Sabia muito bem e ela também, assim como todos os policiais volteando por perto para ouvir. Mas chegar ao posto que ocupava lhe ensinara que a diplomacia era com freqüência sua única arma. Além disso, uma vez que deixasse claros seus sentimentos, ela largaria do pé dele e procuraria outra Jurisdição para freqüentar.

— Por que não me acompanha até meu escritório, srta. McNee?

— Obrigada. – Lançou um sorrisinho por cima do ombro para Alex enquanto seguia Trilwalter.

— Vai deixá-la entrar sozinha? – murmurou Judd.

— Claro. – Alex engoliu o riso ao ouvir a porta de vidro de Trilwalter bater. – Ah, se vou! E vou adorar.

Dez minutos depois, Alex surpreendeu-se com a explosão de gargalhadas. Rodando a cadeira, viu Trilwalter saindo com Bess do escritório. Os dois riam como dois amigos de uma piada particular.

— Vou me lembrar dessa, Bess.

— Só não conte ao prefeito onde a ouviu.

— Sei respeitar uma fonte. – Ainda sorrindo, olhou para um Alex boquiaberto. – Detetive, cuide bem da srta. McNee. Certifique-se de que ela consiga o que precisa.

— Senhor. – Ele desviou os olhos para Bess. Ela simplesmente bateu as pestanas, conseguindo parecer tão inocente quanto uma arma fumegante. – Tenho a intenção de dar à srta. McNee exatamente o que ela precisa.

Bess estendeu a mão para Trilwalter.

— Obrigada novamente, Donald.

— O prazer foi todo meu. Não desapareça.

— Donald? – repetiu Alex, no momento em que o capitão se distanciou e não podia ouvi-lo.

— Sim. – Bess abanou a poeira da manga, simulando indiferença. – É o nome dele.

— Nós usamos vários outros nomes para ele por aqui. Que diabos você fez lá dentro?

— Eu hein?! Conversamos. O que mais poderia fazer?

Olhando por cima do ombro dela, Alex notou o dinheiro mudando de mãos. A aposta fora de que Trilwalter a trucidaria e depois a cuspiria em dez minutos. Como ele mesmo perdera vinte dólares, não estava particularmente satisfeito.

— Sente-se e fique quieta – disse. – Tenho trabalho.

— Claro.

Antes que ela pudesse se sentar, o telefone dele tocou.

— Stanislaski. Eu mesmo. – Ouviu um momento, depois pegou o caderno de notas para escrever. – Estou ouvindo. Você sabe como funciona, Boomer. Depende de quanto vale. – Sacudindo a cabeça, afastou o bloco. – Sim, vamos conversar. Estou saindo. Em dez minutos.

Quando Alex desligou o telefone e pegou a jaqueta, Bess estava atrás dele.

— O que foi?

— Tenho de ir a um encontro. Judd, vamos lá!

— Vou com vocês.

Alex nem olhou para trás ao sair. Já planejava colocá-la num canto afastado da mente.

— Esqueça.

— Vou com vocês – repetiu e segurou-lhe o braço. – Foi o combinado.

Ficou surpreso ao tentar livrar-se dela e ela não se mexer. A moça tinha uma pegada e tanto, refletiu.

— Eu não combinei nada.

Ela podia ser tão durona e sangue-frio quanto ele, pensou. Plantou-se nos pés, levantou o queixo.

— Seu capitão combinou. Vou com vocês, detetive, para onde quer que vá. Um dia em sua vida, lembra-se?

— Está certo. – A frustração parecia emitir ondas elétricas ao encará-la. –

Você vai conosco, mas fica no carro. Não vai assustar meu informante de jeito nenhum.

— Quer que eu dirija? – ofereceu Judd quando desceram até a garagem.

— Não. – A resposta de Alex era definitiva e não deixava espaço para argumentações. Judd sacudiu os ombros para Bess em tom de brincadeira. Depois, como Alex não tomou a iniciativa, abriu a porta traseira do carro comum, sem nenhuma insígnia, para ela.

— Aonde vamos? – perguntou Bess, determinada a ser agradável.

— Falar com a escória do planeta – respondeu Alex ao sair da garagem.

— Parece fascinante – replicou, e falava sério.

Ela jamais imaginou que um dia iria àquela parte da cidade. A maioria das lojas fechadas com tábuas de madeira nas vitrines. As que permaneciam em funcionamento, imundas. Pessoas andavam como se estivessem apressadas, mas não davam a impressão de terem lugar algum para ir.

Engraçado, pensou Bess, como Alex parecia fundir-se a vizinhança. Não era apenas o jeans e a jaqueta velha que usava ou o cabelo que deliberadamente despenteara. Era o olhar, a postura do corpo, o esgar da boca. Ninguém *o* olharia duas vezes, pensou. Ou caso o fizessem, não veriam um policial, mas outro malandro de rua prestes a aprontar alguma.

Tentando imitá-lo, Bess pegou a bolsa de cosméticos, escureceu a boca, colocou delineador e sombra em demasia. Tentou alguns olhares no espelho do estojo e decidiu incrementar o penteado.

Alex olhou para ela de cara feia.

— Que diabos está fazendo com seu rosto?

— Entrando no personagem – disse, descontraída. – Assim como você. Vamos prender alguém?

Ele apenas virou-se e resmungou.

Que sorte, pensou. Queria entrar na loja de Boomer sem chamar a atenção e era obrigado a carregar uma ruiva que julgava estarem brincando de polícia e ladrão.

Sem se sentir ofendida, Bess afastou o espelho e examinou a área. Estacionamento não era um problema por ali. Se alguém deixasse o carro parado naqueles arredores por mais de dez minutos, ao voltar teria sorte em encontrar uma calota.

Alex parou no meio-fio e soltou um palavrão. Não podia deixá-la no carro ali, droga. Algum dos assaltantes ou drogados a comeria viva se a visse no carro sozinha.

— Preste muita atenção. – Virou-se, inclinando-se no banco para deixar bem claro o que esperava dela. – Fique perto de mim e mantenha a boca fechada. Nenhuma pergunta, nenhum comentário.

— Certo, mas aonde...

— Nenhuma pergunta. – Saiu, bateu a porta e esperou por ela. Com a mão firme em seu braço, guiou-a pela calçada. – Se sair da linha, juro que vou algemá-la.

— Ele é tão romântico, não é? – perguntou a Judd – Me deixa toda arrepiada.

— Controle-se, McNee – disse Alex, recusando-se a entrar na brincadeira. Empurrou-a através da porta suja de uma loja abafada.

Bess levou um minuto para enxergar na luz fraca. Prateleiras e mais prateleiras abarrotadas de mercadoria empoeirada: rádios, molduras, utensílios de cozinha. Uma tuba. Uma imensa bancada de vidro com uma rachadura diagonal dominava uma das paredes. Vidro blindado até o teto com uma janelinha com grades, como se fosse um caixa de banco.

— Uma casa de penhores – disse Bess, com tamanho encantamento que Alex rangeu os dentes para ela.

— Uma palavra sobre atmosfera e eu acabo com você.

Mas ela já tirava o caderno de notas.

— Vá em frente, faça o que tem que fazer. Não vai nem notar que estou aqui.

Com certeza, pensou. Como alguém saberia que ela estava ali, se aquele perfume primaveril simplesmente sobrepujava-se ao cheiro de imundície e mofo? Ele parou em frente à bancada quando um homem mirrado numa camisa branca folgada apareceu na porta dos fundos.

— Stanislaski.

— Boomer. O que tem para mim?

Sorrindo, Boomer passou a mão no cabelo preto emplastrado de gumex.

— Tenho um material de primeira e você sabe que eu sempre me esforço em cooperar com a lei. Mas um homem tem que ganhar a vida.

— Você ganha a sua depenando qualquer infeliz que atravesse essa porta.

— Uau, agora você está me magoando. – Os olhos azuis claros de Boomer faiscaram. – Novato? – perguntou, apontando Judd com a cabeça.

— Ele era.

Depois de um olhar de avaliação, Boomer olhou Bess. Ela estava ocupada remexendo a mercadoria.

— Parece que você conseguiu uma cliente para mim. Agüenta aí.

— Ela está comigo. – Alex lançou-lhe um olhar cortante como faca, capaz de calar qualquer pergunta. – Esqueça que ela está aqui.

Boomer já avaliava os três anéis na mão direita e os brincos de topázio azul

nas orelhas de Bess. Suspirou desapontado.

— Você manda,Stanislaski. Mas preste atenção, gosto de discrição.

Alex encostou-se na bancada, como um homem disposto a bater papo por horas. A voz era baixa, mas mortífera.

— Tente me enganar, Boomer, e vou ter que vir aqui dar uma olhada no que guarda naquela sala dos fundos.

— Estoque. Só estoque. – Sorriu. Não tinha ilusões a respeito de Alex. Boomer sabia quando o detestavam, mas também sabia que tinham uma espécie de acordo. E, por enquanto, tinha sido vantajoso para ambos.

— Tenho informação sobre as prostitutas que foram esquartejadas.

Embora a expressão não se alterasse, embora não tivesse movido um músculo, Alex ficou em estado de alerta.

— Que tipo de informação?

Boomer deu um risinho e esfregou o polegar no indicativo. Quando Alex tirou uma nota de vinte dólares ela desapareceu rapidamente entre as grades.

— Mais vinte dólares se gostar do que eu tenho a dizer

— Se valer a pena...

— Sabe que confio em você. – Cheirando a gumex e suor, Boomer inclinou-se para chegar mais perto.

— Dizem por aí que você está procurando por um cara que gasta um bocado de grana. O nome do cara é Jack.

— Por enquanto não estou impressionado.

— Só pra aquecer, camarada. A primeira que dançou era uma das mulheres do Big Ed. Eu a reconheci na foto do jornal. Ela era bonita. Não que eu tenha usado seus serviços.

— Vire a página, Boomer.

— Fica frio! – Ele deu um risinho para Judd. – O cara não gosta de papo. Ouvi dizer que as duas infelizes estavam de posse de certa peça de jóia.

— Você tem bons ouvidos.

— Um cara na minha posição ouve muitas coisas. Acontece que uma jovem veio aqui ontem. Trouxe certa peça de jóia que queria vender. – Abrindo uma gaveta, Boomer tirou uma fina corrente de ouro com um coração rachado no centro. Quando Alex esticou a mão, Boomer sacudiu a cabeça. – Paguei vinte dólares por isso.

Sem nada dizer, Alex tirou outra nota da carteira.

— Parece justo eu ter direito a um lucro.

Olhos firmes, Alex puxou a nota de volta.

— Você tem direito a entrar na sala de interrogatório da delegacia e responder a um monte de perguntas.

Dando de ombros, Boomer trocou a nota pelo coração. Só pagara dez dólares mesmo.

— Ela não passava de uma menina – acrescentou Boomer. – Uns 18, 20 anos no máximo. Ainda bonita. Loura de farmácia, olhos azuis. Um sinal bem aqui. – Bateu com a mão na sobrancelha esquerda.

— Tem o endereço?

— Ah, aí...

— Vinte dólares pelo endereço, Boomer – O tom de Alex disse ao homem que aceitasse. – E é só.

Satisfeito, Boomer deu o nome de um hotel a algumas quadras.

— Assinou o nome Crystal – acrescentou, querendo manter a parceria intacta. – Crystal LaRue. Deve ter inventado.

— Vamos checar – disse a Judd, depois bateu no ombro de Bess, aparentemente absorta num horroroso abajur de metal dourado no formato de um cavalo empinando. – Vamos.

— Num minuto. – Ela deu um sorriso para Boomer. - Quanto custa?

— Ah, para você...

— Esqueça – Alex a arrastou porta afora.

— Quero comprar...

— É feio.

Aborrecida com a perda, mas satisfeita por ter gravado toda a conversa, suspirou.

— Por isso mesmo. – Mas entrou dócil no carro e começou a anotar as impressões no caderninho.

Lojaapertada.Muitosuja.Quasetudolixo.Lugarexcelenteparacomprarpeçaspa umaespéciedejogo.Enojado,masdispostoausarasferramentasà disposição.

Mal acabara de escrever, Alex parou de novo no meio-fio.

— Mesmas regras – disse a Bess ao saltarem do carro.

— Com certeza. – Os lábios contraídos, examinou o hotel em ruínas. Reconheceu ser um daqueles que se paga por hora. – É aqui que ela mora?

— Quem?

— A garota sobre a qual falavam. – Ergueu a sobrancelha. – Também tenho orelhas, Alexi.

Ele deveria saber.

— Desde que mantenha a boca fechada.

— Não precisa ser grosseiro – disse quando entravam. – Vamos fazer o seguinte. Para provar que não guardo ressentimento, pago o almoço para os dois.

— Ótimo. – Galante, Judd abriu a porta para ela.

— Você é tão sociável – resmungou Alex ao parceiro ao entrarem no

*lobby*nojento.

— Ei, a gente precisa comer de vez em quando.

Odiava levá-la ali, percebeu Alex. Neste lugar imundo cheirando a lixo e sonhos baratos. Como ela podia não ser afetada? Depois lutou para colocar os pensamentos sobre Bessde lado ao se aproximar da recepção.

— Tem uma Crystal LaRue?

O recepcionista olhou por cima do jornal, com um cigarro sem filtro pendurado no canto da boca e total desinteresse nos olhos.

— Não pergunto nomes.

Alex simplesmente mostrou o distintivo.

— Loura, mais ou menos 18 anos. Bonita. Um sinal ao lado da sobrancelha. Garota de programa.

— Também não pergunto como ganham a vida. – Dando de ombros, voltou a atenção para o jornal. – 212.

— Ela está?

— Não a vi sair.

Com Bess nos calcanhares, começaram a subir as escadas. Para se distrair, Bess leu as sugestões de vários inquilinos e frases rabiscadas nas paredes.

Uma briga de casal num dos quartos do primeiro andar. Um vizinho batia na parede do quarto pedindo – em termos pesados – que os dois oponentes ficassem quietos.

Um saco de lixo entornado nas escadas entre o primeiro e segundo andares. Sujeira por todo lado.

Alex bateu na porta do 212 e esperou. Bateu de novo e gritou:

— Crystal. Preciso falar com você.

Dando uma olhada para Judd, Alex girou a maçaneta e a porta abriu-se com facilidade.

— Num lugar como este, era de se esperar que estivesse trancada – comentou Judd.

— E protegida com explosivos – acrescentou Alex. Tirou a arma e Judd fez o mesmo. – Fique no corredor – ordenou a Bess sem olhá-la. Eles entraram, armas em punho.

Ela fez exatamente o que ele mandou, o que não a impediu de ver. Crystal não saíra e não voltaria a andar nas ruas. Quando a porta abriu, Bess olhou o corpo nu atravessado no colchão velho. O fedor de sangue invadiu-lhe as narinas.

Morte. Morte violenta. Ela já escrevera, discutira a respeito, observara com alegria enquanto as câmeras filmavam. Mas nunca a vira cara a cara. Nunca soubera como um ser humano poderia ser transformado numa coisa.

De longe, ouviu Alex xingar sem parar, mas só conseguia olhar, imóvel, até

que o corpo dele bloqueou-lhe a visão. Segurava-lhe os ombros, apertando-os. Meu Deus, como estava fria, pensou Bess. Nunca ficara tão fria.

— Quero que desça.

Ela conseguiu levantar o olhar do queixo para os olhos de Alex. A fúria gelada a estremeceu.

— O quê?

Ele quase voltou a xingar. Ela estava branca como uma folha de papel e as pupilas contraídas a ponto de ficarem menores que a cabeça de um alfinete.

— Desça,Bess. – Ele esfregou-lhe os braços, na tentativa de aquecê-la, sabendo que não poderia. – Você está me ouvindo? – perguntou baixinho, suave.

— Estou. – Umedeceu os lábios, apertou-os. – Desculpe, estou.

— Desça e fique no *lobby.* Não diga nada, não faça nada, até que Judd ou eu desçamos,Ok? – Ele sacudiu-a ligeiramente e se perguntou o que faria se ela desmaiasse. – Ok?

Ela respirou fundo e, em seguida, meneou a cabeça.

— Ela é... tão jovem. – Com esforço, engoliu a náusea que ameaçava subir-lhe até a garganta. – Estou bem. Não se preocupe comigo. Estou bem – repetiu, antes de virar-se para descer as escadas.

— Ela não devia ter visto isto – disse Judd, o próprio estômago embrulhado.

— Ninguém deveria ver isto. – Sufocando a emoção, Alex fechou a porta.

***

Ela agüentou firme, recusando-se a abandonar o local quando Judd desceu para levá-la para casa. Após encontrar uma cadeira velha, instalou-se num canto enquanto os procedimentos referentes ao assassinato prosseguiam à sua volta. De um ponto favorável, viu o pessoal do laboratório criminal, o fotógrafo policial, o pessoal do necrotério chegar e partir.

A distância, observou as pessoas que se amontoavam, peguntando coisas, tecendo comentários, para serem despachadas de novo por policiais de rostos impassíveis.

Sentia imensa pena da garota que não conhecera, raiva pelo desperdício de uma vida. Mas permaneceu lá. Não por causa do trabalho. Por causa de Alex.

Ele estava zangado com ela. Ela compreendia e não o questionou. Quando terminaram, ela sentou-se em silêncio no banco de trás do carro. De volta à delegacia, ela sentou-se na mesma cadeira que ocupara aquela manhã.

Horas se passaram. Num determinado ponto, ela deu uma escapada e comprou sanduíches para Alex e Judd numa *delicatessen.* Depois de um tempo, ele foi para outra sala. Ela seguiu-o, ainda em silêncio e notou um painel com fotografias afixadas. Fotografias horríveis.

Ela afastou o olhar, pegou uma cadeira e ouviu enquanto Alex e outros

detetives discutiam o último assassinato e a investigação em curso.

Mais tarde, ela voltou com ele à casa de penhores. Esperou, paciente, enquanto ele fazia novas perguntas a Boomer. Esperou mais ainda enquanto ele e Judd voltaram ao motel para interrogar de novo o recepcionista, os inquilinos.

Como os demais, ela soube pouco a respeito de Crystal LaRue. Seu nome era Kathy Segal e, no passado, morara em Wisconsin. Bess ficara chocada ao ouvir Alex informar os pais da moça sobre a morte, quando conseguiu localizá-los. Mais chocada ainda ficara ao compreender, pelo final da conversa de Alex, que os pais de Kathy não se importavam. Para eles, a filha já estava morta.

Ela nunca tinha sido amada. Trabalhara nas ruas por conta própria. Dois meses antes, se mudara para o minúsculo quarto com o colchão velho e lá morrera. Ninguém a conhecia. Ninguém queria conhecê-la. Ninguém dava a mínima.

Alex não podia falar com Bess. Era impossível. Intolerável. Nunca dividira esta parte de sua vida com ninguém que fosse importante para ele. É verdade que a irmã Rachel tinha noção das coisas como defensora pública, mas que soubesse, era só isso. Talvez este fosse o motivo de manter em segredo todos os detalhes que podia da família e das pessoas amadas.

Odiava recordar-se da expressão no rosto de Bess, parada naquela porta. Deveria ter havido um meio de protegê-la da cena, resguardá-la da própria teimosia.

Mas ele não a protegera, não a resguardara, embora tivesse jurado, no primeiro dia em que usara o distintivo, proteger qualquer pessoa, mesmo uma desconhecida. Entretanto, com relação a ela, a mulher por quem – sim, a mulher por quem estava apaixonado – ele mesmo abrira a porta e a deixara entrar.

Então não se dirigiu a ela, nem mesmo quando chegou a hora de se desligar e ir para casa. E no silêncio, a raiva crescia, inchava e comprimia-lhe as entranhas. Só encontrou as palavras ao entrar no apartamento dela e fechar a porta.

— Você viu o suficiente?

Bess não estava a fim de brigar. Suas emoções, sempre tão à flor da pele, tinham se ressecado diante do que vira e ouvira naquele dia. Ela o deixaria gritar, se fosse isso que ele precisasse, mas ela estava cansada, sofrida e ele sensibilizou-lhe o coração.

— Deixe eu lhe preparar um drinque – disse baixinho mas ele agarrou-lhe o braço e a virou.

— Está tudo em suas anotações? – Despejou aquela fúria fria, controlada a duras penas, em cima dela. – Pode achar um jeito de usar o que viu para entreter os milhões de telespectadores diurnos?

— Sinto muito. – Foi tudo que conseguiu pensar. – Alex, sinto tanto. – Respirou fundo. – Quero um *brandy.* Vou pegar para nós dois.

— Perfeito. Um *brandy* gostoso e civilizado é exatamente do que precisamos.

Ela afastou-se para pegar uma garrafa no armário laqueado.

— Não sei o que quer que eu diga. – Com cuidado, serviu duas doses. – Se isso ajudasse, pediria desculpas por ter escolhido justo hoje para observar seu trabalho. Pediria desculpas por tornar a situação ainda mais difícil para você devido à minha presença. – Ela levou o copo para ele, mas ele não o pegou. – No momento, adoraria dizer algo que você quisesse ouvir.

Ele não conseguia se perdoar, não importava o que ela dissesse. Não conseguia se perdoar por ter aberto a porta para aquele horror que ela jamais seria capaz de esquecer.

— Você não devia estar lá. Você não devia ter visto nada daquilo.

Com um suspiro, ela colocou os dois copos de lado.Afinal, talvez o *brandy* não ajudasse em nada.

— Você estava lá. Você viu.

Os olhos flamejaram.

— É meu maldito trabalho.

— Eu sei. – Ela ergueu a mão e acariciou-lhe o rosto. – Eu sei.

Descontrolado, agarrou-lhe o pulso com força por um momento antes de afastar-se.

— Não quero que isso a afete. Não quero nunca mais que meu trabalho a deixe vulnerável.

— Não posso lhe prometer isto. – Passou-lhe os braços em volta da cintura e recostou o rosto nas costas dele. Ele estava rígido como aço, inflexível como granito. – Não se você quer que exista algo entre nós.

— É exatamente por querer que exista algo entre nós.

— Alexi. – Tantas emoções, pensou. Antes sempre fora fácil anulá-las, afastá-las. Mas desta vez... Fora um dia longo e difícil, lembrou-se. Haveria tempo para pensar depois. – Se você quer alguém que possa deixar num canto confortável, escolheu a pessoa errada. O que você faz é parte do que você é. – Quando ele se voltou, ela passou as mãos em seu rosto novamente, recusando-se a deixá-lo recuar. – Você quer que eu diga que fiquei chocada com o que vi naquele quarto? Pois bem, fiquei. Fiquei chocada com a crueldade, enojada com o terrível, terrível desperdício.

A declaração lhe doeu como se lhe enfiassem uma comprida e fina lâmina no coração.

— Eu não deveria ter deixado você me acompanhar. Essa parte da minha vida jamais fará parte da sua.

— Pare. – A tristeza que lhe empalidecera o rosto transformou-se em firme determinação. – Você acha que porque escrevo ficção nada sei sobre o mundo

real? Estáenganado. Eu sei, simplesmente não permito que isso devaste minha vida. E sei que o que enfrentou hoje pode vir a enfrentar novamente amanhã. Ou pior. Eu sei que toda vez que você sair por aquela porta pode não voltar. – Orápido golpe de medo lembrou-a de que deveria se acalmar e falar com cautela. – Sua profissão transforma isso numa possibilidade real. Mas não vou deixar que me desestabilize, também. Porque eu não mudaria nada em você.

Por um instante, ele simplesmente a fitou, cem diferentes sentimentos lutando por assumir o controle em seu coração. Depois, devagar, ele colou a fronte à dela e fechou-lhe os olhos.

— Não sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Não precisamos falar.

Ele sabia o que ela lhe oferecia, antes mesmo que ela tivesse curvado a cabeça e lhe tocado os lábios. Ele queria os lábios, ele a queria. Mais do que qualquer coisa, queria impregnar-se dela até que o resto do mundo desaparecesse.

Ele levou as mãos aos cabelos dela, deixando os dedos brincarem com os cachos soltos e sedosos.

— Ainda não estabelecemos as regras.

Os lábios colaram-se aos dele.

— Vamos pensar a respeito mais tarde.

Ele demonstrou estar de acordo, puxando-a para mais perto.

— Quero você. Preciso estar com você. Acho que enlouqueceria se não pudesse ficar com você hoje à noite.

— Estou aqui. Bem aqui.

— Bess. – A boca afastou-se da dela para percorrer as salientes maçãs do rosto. – Estou apaixonado por você.

Ela sentiu o coração ratear. Era a única maneira de descrever a sensação nunca dantes experimentada.

— Alexi...

— Não. – Ele tapou-lhe a boca com a sua. – Não diga nada. É muito fácil para você. Venha apenas para a cama. – Ele mergulhou o rosto em seu pescoço. – Pelo amor de Deus, deixe-me levá-la para a cama.

CAPÍTULO OITO

Doía. Ah, ela lera romances e poesias, assistira a filmes. Tinha mesmo escrito cenas de amor. Mas nunca acreditara que amor e dor existissem juntos, pudessem se tornar um só sentimento, unidos para demolir a alma.

Ainda assim as palavras dele a feriram, de modo imensurável, justo agora em que abrira o coração para dar e receber. Desta vez era diferente. Como ela poderia explicar-lhe, quando ainda ela própria buscava as respostas? E de que valiam as palavras neste momento, quando havia tanto desejo?

Um toque seria suficiente, prometeu a si mesma quando se dirigiu para as escadas. Por hoje seria o suficiente e amanhã todas as dores seriam apenas lembranças.

A boca aproximou-se inquieta, insistente, quando começaram a subir. O primeiro arfar ficou preso na garganta quando ele a puxou mais para perto e a levou ao auge da excitação com um profundo e suntuoso encontro de lábios

Os dedos tremeram ao agarrar-se à jaqueta. Alguma vez tremera assim por um homem? Não. E quando o couro escorregou, deixando-a livre para segurar aqueles ombros magníficos, ela sabia que nada disso jamais acontecera. Nem o tremor, nem o nervosismo, nem as lágrimas prestes a escorrerem, nem a batida suave e doce do sangue em suas veias.

Essa era a primeira vez de tantas coisas.

Ele não sabia quanto tempo mais conseguiria manter o simples ato de inspirar e expirar o ar dos pulmões. Não quando o corpo dela tremia contra o seu. Não quando ouvia aqueles sons baixos, de desesperado desejo. A escada parecia não ter fim. Com um murmúrio abafado, ele a pegou no colo.

Os olhos encontraram os dele e embora o coração parecesse prestes a explodir, ela conseguiu sorrir. Sabia que ele precisava de sorrisos hoje.

— E eu disse que você não era romântico.

— Tenho meus momentos.

Emocionada, ela mergulhou o rosto na curva do pescoço dele.

— Estou muito feliz por estar aqui aproveitando um desses momentos.

— Continue – disse, numa voz tensa, quando ela cobriu-o de beijinhos do pescoço à orelha – e farei algo realmente romântico, como levar um tombo e deixar você cair.

— Acredito em você, detetive. – Ela prendeu-lhe o lóbulo da orelha entre os dentes e sentiu a sacudidela de reação – Totalmente.

Com o coração latejando na cabeça, ele chegou ao topo da escadaria. Ela agora o provocava lambendo-lhe o maxilar, emitindo sons de aprovação ao

provar-lhe a carne. Ele dirigiu-se à primeira porta.

— Melhor que seja o quarto.

— Hum-hum... – Enquanto ela procurava-lhe a boca, os dedos ocupavam-se em desabotoar-lhe a camisa.

Ele reconheceu o perfume dela primeiro. No exato momento em que atravessava a porta, o cheiro o envolveu como dedos femininos. Aquela fragrância alegre, sexy, pairava no ar, resultado sem dúvida de algumas gotas derramadas e de um vidro destampado de perfume. As roupas eram uma colorida bagunça de blusas de seda, calças brilhantes de algodão e meias enroscadas. A rápida olhada passou por uma avestruz empalhada, um par de árvores fícus flanqueando a larga janela e uma coleção de garrafas antigas, elegantes em cores fortes, antes de focar na cama.

Era um imenso e largo oceano de lençóis azuis claros, cobertos por uma montanha exuberante de almofadas em cores vivas. Tudo de cetim e seda.

Como a boca começava a aguar, ele inspirou profunda e lentamente. Mas o ar, tão perfumado, queimou-lhe os pulmões.

— Parece grande o suficiente para seis amigos íntimos.

— Gosto de bastante espaço. Costumava cair da cama um bocado quando era criança – Bess respondeu, mesmo com o estômago revirado diante das imagens evocadas.

— Foi assim que quebrou o nariz?

— Não, mas lasquei um dente uma vez.

Ele a colocou ao lado da cama, satisfeito, pois os braços continuaram presos em torno de seu pescoço.

— Acho que podemos evitar cair desta. Se nos esforçarmos.

Ela ficou na ponta dos pés, só um pouquinho, o suficiente para os olhos ficarem na mesma altura.

— Estou disposta a arriscar.

Determinado a manter-se firme, ele beijou-lhe a sobrancelha, as maçãs do rosto.

— Deixe-me tirar o revólver.

Tirou o coldre e o colocou no chão. Com dedos de repente dormentes e desajeitados, ela tocou os botões do próprio blazer.

— Não. – Foi aquele flash rápido de nervosismo nos olhos dela que atraiu seu olhar. Ele fechou as mãos sobre as dela. – Deixe que eu faça isso. – Desabotoou os botões, para depois colocar as mãos lentamente nas laterais do corpo dela, os polegares apenas tocando-lhe os seios. – Você está tremendo.

— Eu sei.

Fitando-a, tirou-lhe o blazer.

— Está com medo de mim?

— Não. – Ela não conseguia engolir. – Um pouco. Sei que é bobagem.

Ele brincou com o primeiro botão da blusa, com o segundo. A pele arrepiou-se quando os nós dos dedos deslizaram por cima da blusa.

— Gosto disso.

— É gostoso. – Ela tentou rir, mas só conseguiu respirar arfante. – Porque parece que não consigo parar.

— Tem muito tempo para relaxar. – A blusa caiu e o desejo aflorou dentro de si. A seda azul-noite cintilou na luz difusa, brilhando em contraste com a pele cor de marfim. – Não há pressa.

— Eu... – Jogou a cabeça para trás quando ele passou o dedo na seda de um jeito suave, tão suave sobre o monte dos seios, como se fosse o primeiro corpo que ele tocasse. O único que quisesse tocar. – Céus, Alexi...

— Passei bastante tempo imaginando este momento. Tire os sapatos – sugeriu enquanto abria o zíper da calça comprida. Atordoada, ela obedeceu enquanto a calça descia-lhe pelas pernas. – E vou passar ainda mais tempo deliciando-me com isso. Quero você toda. – Com vagar, testando, passou o dedo por baixo da renda na cava da calcinha. A pele parecia pétalas de rosa molhadas pelo orvalho da manhã. Os olhos de Bess arregalaram-se e ficaram sombrios; o corpo vibrou. – Você toda – repetiu.

Ela não podia se mover. Cada músculo do corpo parecia ter virado manteiga. Manteiga quente, desmanchada. Não podia falar; não quando tantas emoções obstruíam-lhe a garganta. Ele a fitou, parada, hesitante, seduzida, indefesa. Tocou-a. Dedos experientes roçavam, acariciavam, exploravam. Os dedos subiram pelos braços, deslizaram pelos ombros para percorrer o caminho de volta até a seda, deixando-lhe o corpo a arder em febre.

Os olhos nunca abandonavam os dela. Mesmo quando a beijou, suavemente, atormentando-lhe os lábios famintos com o leve contato, os olhos deles permaneceram abertos e atentos.

— Você está me deixando louca – exclamou com lábios trêmulos.

— Eu sei. E exatamente o que quero.

Ele pegou-lhe os pulsos quando ela tentou tocá-lo, entrelaçou-lhe os dedos, percorreu-lhe o corpo com os dedos entrelaçados para que ela sentisse a própria reação ao toque dele, dentro e fora, quando ele voltou a tocar-lhe a boca. Paciente, eroticamente ele aprofundou o beijo até as mãos dela ficarem moles e o pulso acelerado. Depois ele levantou-lhe as mãos e espalmou-as no peito dele. Juntos abriram a camisa. Com a boca ainda colada à dela, ele tirou a camisa. O coração pulou com força quando as mãos, quentes e ávidas, percorreram-lhe o peito.

Puxando-a para mais perto, ele tirou os sapatos. A pele dele já estava úmida quando ele tentou abrir o botão de pressão do jeans.

— Quero você debaixo de mim. – Ele afastou a boca para saborear-lhe o pescoço. – Quero sentir você se contorcendo debaixo de mim.

Eles reclinaram-se em direção à cama, rolaram uma vez, umasegunda, por cima da seda. Foi preciso muito controle muita força de vontade para não penetrá-la e liberar o corpo do desejo desesperado a consumi-lo. A mente e a alma queriam mais do que isso.

Ela parecia menor. Ligeiramente menor, o que o ajudou a se lembrar de que a ternura podia superar a paixão. Então, enquanto o sangue latejava e queimava-lhe as veias, ele a amou devagar.

Ela descobriu que uma mulher podia se deixar levar, por vontade própria, pela doçura. Sabia existir uma arma no chão ao lado deles e que ele a usara pelo menos uma vez para matar. Mas as mãos que se moviam em seu corpo eram as de um homem gentil. Um homem que se importava com ela. Pousou a palma da mão em seu rosto quando se afogou no beijo. Um homem que amava.

Que a amava.

Chocada com a constatação, deu tudo de si naquele beijo, na tentativa de demonstrar que ele era igualmente correspondido. Em seguida, a boca afastou-se da dela para trilhar seu pescoço, seu ombro. Todo pensamento, toda a razão esvaíram-se.

Numa piscina escorregadia e perigosa de seda e cetim, ele mostrou-lhe o que era desejar alguém. Ansiar pelo impetuoso, frágil toque de dor que os poetas denominam extase. Os quadris arquearam-se sob os dele, oferecendo-se em desespero. Mas ele continuou aquela jornada tormentosa pelo seu corpo com lábios provocantes e mãos gentis.

Quando sentiu o lamber da língua abaixo da tênue renda que lhe cobria os seios, gemeu, puxando-lhe a cabeça o gosto – mel, umedecido pela excitação – quase desmanchou o tênue nó de seu controle. Então ele satisfez a ambos, fechando a boca voluptuosa naquele seio intumescido firme e perfumado.

Gemendo de prazer, ela começou a mover-se debaixo dele, querendo mais, enfiando-lhe as unhas enfiadas nas costas, gemendo baixinho, num estado de exacerbação fora de controle. Excitado com o modo como ela reagia, ele voltou a colar a boca na sua, esmagando-lhe os lábios enquanto descia a mão para cobrir o calor entre suas coxas. Orações e pedidos vieram à ponta da língua, mas antes de poder expressá-los, ele enfiou a mão por debaixo da seda para acariciar.

O prazer incontrolável estilhaçou-se. Luzes fragmentadas, cores cambiantes giravam, cegando-a. Ela gritou o nome dele; quase um soluço. Depois ouviu o gemido, um som de doce satisfação quando seu corpo ficou sem energia, solto.

Nunca antes. As mãos afastaram-se dele, fracas. Deus do céu, nunca daquele jeito. Sentiu-se fraca, devastada, lacrimejante. Quando ela soluçou, quando os olhos fecharam-se, ambos souberam que sua mente, seu corpo, eram totalmente dele para o que bem entendesse.

Ele nunca se sentira tão forte. A resposta selvagem dela, a total submissão o encheu com uma espécie de poder intenso, nunca dantes experimentado. Seda esfregando-se em seda quando ele tirou-lhe a camisola, atirando-a para o lado. A pele, escorregadia de paixão, brilhava na sombra.

Ele tocou-a onde escolheu, olhando, fascinado, quando as mãos a moldaram. Ouro contra mármore. Ele saboreava tudo que lambia, sentindo-lhe os músculos tremerem involuntários quando ele, com a boca aberta, desceu beijando-a dotórax ao estômago. Os dois em êxtase.

Em seguida, desejando novamente aquele instante de puro prazer, ele a levou ao clímax uma segunda vez, ele próprio estremecendo quando o corpo dela entrou em convulsão, em agitados arroubos de prazer.

Finalmente, incapaz de esperar um segundo a mais, ele penetrou aquele corpo quente e úmido. O surpreso gemido de prazer de Bess ecoou seu próprio gemido.

Lentamente, como num sonho, os braços dela ergueram-se para envolvê-lo. Ela ergueu o corpo para encontrá-lo, recebê-lo todo. Moveram-se suavemente a princípio, valorizando a intimidade, desejando prolongá-la. Mas a necessidade os venceu, fazendo com que se movessem mais rápido até que, investida após investida, eles deslancharam rumo ao espasmo final.

A mão dele agarrou-lhe os cabelos quando o último elo de controle rompeu-se. O nome explodiu de seus lábios como um juramento quando ele esvaziou-se dentro dela.

Ela se perguntou como, algum dia, se julgara experiente. Embora não tivesse tido tantos homens quanto pensavam, não chegara a Alexi inocente.

Ainda assim, o que acontecera hoje nunca acontecera antes. E por ser uma mulher que se compreendia bem, sabia que nada do que experimentara ali jamais voltaria acontecer – a não ser que fosse com ele.

Relaxada, esfregou o rosto no peito dele, contente de permanecer na mesma posição desde que ele virara e a levara junto com ele. Presa no abrigo de seus braços, sentiu-seaconchegada como um gato e arqueou-se preguiçosamente quando ele passou a mão por sua espinha.

— Você vai repetir? – perguntou Bess.

— O quê?

Ela pressionou os lábios contra os de Alex, sentindo como o coração batia

forte e rápido.

— O que toda mulher quer ouvir.

— Eu amo você.

Quando ela ergueu a cabeça, ele pousou a mão suavemente em seus lábios. Justamente por amá-la, ficaria magoado em ouvi-la dizer algo que não sentia.

De súbito, ela ficou satisfeita por estar escuro e ele não poder ver o sorriso desaparecer-lhe do rosto.

— Mesmo depois do que aconteceu – disse, cautelosa – você não quer que eu ame você.

Éoquemaisqueronavida.Maisqueaprópriavida.

— Vamos deixar as coisas como estão. – Ele contornou-lhe o rosto com a ponta do dedo, apreciando aqueles ângulos estranhos. – Conte como quebrou o nariz.

Ela ficou em silêncio por um momento, recobrando a harmonia interior. Não podia oferecer o que ele não queria receber.

— Uma briga.

Ele gargalhou e embalou-a nos braços, instintivamente aliviando-lhe a tensão.

— Devia ter imaginado.

Ela esforçou-se por relaxar encostada nele. Haveria tempo para convencê-lo. Ele não dissera que tinham muito tempo?

— No colégio interno – acrescentou. – Eu tinha 12 anos e era oprotótipo do patinho feio. Magricela demais, cabeloesquisito, rosto inexpressivo.

— Gosto do seu rosto. E de seu cabelo. – A mão dele,segurou-lhe o seio sem pudor. – E de seu corpo.

— Você não me conheceu quando eu tinha 12 anos. Quandovocê é diferente dos outros, vira alvo de deboche.

— Eu sei.

Interessada, voltou a levantar a cabeça.

— Você sabe?

— Só aprendi inglês aos 5 anos. Antes dos negócios de meupai deslancharem, era uma barra. – Ele virou o rosto para sentir-lhe o perfume do cabelo. – Eu era aquele garotinho ucraniano, com as roupas remendadas do irmão mais velho. E, naquela época, os soviéticos não eram particularmente populares entre os americanos.

— Bem, vocês sempre deram vilões fantásticos. – Ela beijou-lhe o rosto, confortando o menininho que ele fora um dia. – Deve ter sido difícil para você.

— Eu tinha minha família. Tínhamos uns aos outros. A princípio era um tanto quanto complicado ir à escola. Apelidos, brigas no recreio. Mesmo alguns dos pais não se mostravam muito satisfeitos ao ver os filhos brincando com o russo.

Não adiantava explicar que éramos ucranianos. – Ele se mexeu, entrelaçou as pernas nas dela. – Então depois de alguns olhos roxos e narizes sangrando, ganhei a reputação de ser durão. Depois de um tempo, acabamos sendo aceitos pela vizinhança.

— Que vizinhança?

— Brooklyn. Meus pais ainda moram lá. Na mesma casa. – Sacudindo a cabeça, ele se afastou. Podia vê-la agora no escuro, ver como seus olhos sorriam para ele. – Como é que acabamos falando de mim, quando eu lhe perguntei sobre seu nariz?

— Gosto de ouvir suas histórias.

— Foi uma briga – disse, estimulando-a. Bess suspirou.

— Uma das garotas daquelas turminhas seletivas – começou. – Você conhece o tipo. As garotas perfeitas, cabelos e dentes lindos, comportamento impecável. Eu era a nerd com quem elas gostavam de implicar.

— Você nunca foi uma nerd.

— Eu era *a campeã* das nerds. Desajeitada, a primeira da classe, mas socialmente inepta.

— Você?

O tom de voz demonstrava total descrença. Ela riu.

— Surpreso com qual das descrições, Alexi?

Ele pensou por um momento.

— Com todas.

— Calculo que me sinto mais envaidecida do que ofendida. Eu era alta para a minha idade e magricela. Demorei um bocado a me desenvolver nos quesitos peito e bumbum.

— Você deve ter se desenvolvido devagar – começou, provando seu ponto com um gesto de mão –, mas você se desenvolveu muito bem.

— Obrigada. Minha mente, entretanto, era bastante desenvolvida. Só tirava 10.

— Sério? – Ele sorriu no escuro. – Então você era a garota que sempre deixava o resto da turma irritada com as notas baixas.

— Essa era a idéia. Além disso, eu me sentia mais à vontade com um livro ou com meus pensamentos, do que dando risadinhas histéricas. As garotas dão um bocado de risadinhas histéricas. Como eu era teimosa, automaticamente passei a detestar tudo que fosse popular ou estivesse na moda naquela época. Em conseqüência, tive que agüentar um bocado de deboche. Bess, a nerd, esse tipo de gracinha.

Bess fez uma pausa, tempo suficiente para ajeitar os travesseiros.

— De qualquer modo, a prova de história se aproximava. Uma das garotas

mais populares, o nome era Dawn Gallagher... Rosto em formato de coração, feições perfeitas, cabelos louros compridos e esvoaçantes. Dá para imaginar, né?

— A rainha do baile.

— Exatamente. Dawn corria o risco de ser reprovada e queria que eu a deixasse copiar minha prova. Ela havia transformando minha adolescência num inferno, mas calculou que se fosse boazinha comigo por uns dois dias, se me deixasse ficar a uma distância de uns dois metros dela, quem sabe até me deixasse sentar na mesma mesa para almoçar, eu ficaria grata e a deixaria colar.

— Mas você não se deixou enrolar.

— Não trapaceio nunca. Para encurtar a história, ela foi reprovada e os pais foram chamados à escola para uma reunião. Dawn vingou-se me beliscando toda vez que eu passava perto; entrava no meu quarto, quebrava minhas coisas, roubava meus livros. Terrorismo direto. Um dia, na quadra de basquete...

— Você jogava?

— Capitã do time. Eu era uma nerd atlética – explicou. – De todo modo, ela colocou o pé para eu tropeçar. Como se não bastasse, tinha umas amigas no time adversário que me encheram de cotoveladas durante o jogo. Fiquei com manchas roxas por todo lado.

Uma imediata onda de ressentimento o fez apertá-la com mais força.

— Que cretinas!

Satisfeita com o apoio, ela aconchegou-se.

— De repente tive uma revelação. Compreendi que o pacifismo, embora moralmente correto, podia ser posto por terra. Um dia, esperei por Dawn do lado de fora do laboratório de ciências. Começamos com palavras. Sempre fui boa com palavras. Progredimos para safanões e empurrões e reunimos uma multidão à volta. Ela bateu primeiro. Eu não esperava e ela atingiu meu nariz. Deixe-me dizer, detetive, a dor pode ser uma grande motivação.

— Separa os nerds dos durões.

— Você sacou. Foram precisos três para que eu a largasse, mas antes disso eu deixei seus lindos olhos azuis roxos, rachei sua boquinha de Cupido e a fiz perder vários dos dentinhos cor de pérola.

— Boa, McNee.

— Foi bom – disse, com um suspiro. – Na verdade, foi tão bom que desde então preciso controlar meu temperamento. Eu não queria só machucá-la, entende, eu queria mutilá-la.

Ele pegou-lhe a mão, fechou-a na sua e a levou aos lábios.

— Preciso me cuidar. Você levou muita bronca?

— Nós duas levamos uma suspensão. Meus pais ficaram arrasados, constrangidos com meu comportamento. Cancelaram meus planos de férias de

verão e me mandaram para outra escola.

— Mas... – Alex se calou. Nem toda família era tão protetora quanto a sua.

— Foi a melhor coisa que me podia ter acontecido. Comecei do zero. Ainda era feia, mas sabia me impor.

Mesmo que ela ainda não percebesse trazer algumas das barcas emocionais, ele percebia. Ele rolou, ficando por cima dela e segurou-lhe o rosto.

— Preste atenção, McNee, você é linda.

Brincalhona, sorriu.

— Claro que sou.

Ele não sorriu. Na luz difusa, os olhos dele eram muito

— Eu disse que você é linda. Caso contrário, por que não conseguiria tirar você da cabeça desde a primeira vez que a vi?

— Interessante – corrigiu-o. – Diferente.

— Maravilhosa – murmurou e a viu piscar, surpresa.

— Pele de mármore, cabelos de fogo, olhos de jade. E isso. – Ele passou a ponta do dedo sobre as sardas. – Poeira de ouro.

— Você já conseguiu me levar para a cama, Alexi – disse, descontraída. Precisava falar de modo descontraído ou iria se humilhar chorando. – Mas aprecio os elogios. – Com um sorriso, passou os braços em torno do pescoço dele. – E você nunca ouviu falar que os gestos valem mais que as palavras?

Ele arqueou a sobrancelha.

— Se insiste.

— Insisto sim – murmurou, quando a boca aproximou-se da sua. – Insisto veementemente.

Com a bolsa batendo no quadril, Bess entrou às pressas no escritório, dez minutos atrasada.

— Tenho uma boa desculpa – disse a Lori.

A amiga, sempre pontual, estava parada na máquina de café, as costas para a porta.

— Não tem problema. Eu também cheguei atrasada.

— Você? – Bess deixou a bolsa cair e massageou os ombros. Não tinha ido à academia de manhã, mas se sentia tão flexível quanto uma serpente. – O que houve, é feriado nacional? – Caminhou até a amiga, conversando enquanto se servia. – Bem, vou poupar minha desculpa para outra vez, mas mal posso esperar para lhe contar. – Ergueu os olhos brilhantes e calou-se ao dar uma olhada no rosto de Lori.

— O que foi, querida?

— Nada. – Depois de sacudir os ombros, Lori tomou um gole de café.– É que Steven estava me esperando quando cheguei.

— Ele disse algo que a aborreceu?

— Disse que me amava. – Contraiu os lábios. Ia se amaldiçoar se voltasse a chorar por causa dele. – Que filho da puta!

— Vamos nos sentar. – Bess passou o braço em torno do ombro de Lori para confortá-la. – Você pode não querer ouvir, mas eu acho que ele está sendo sincero.

— Ele nem sabe o significado da palavra amor. – Furiosa, Lori deixou escapar uma solitária lágrima. – Não vou permitir que ele faça isso comigo de novo. Fazer-me acreditar e ficar toda empolgada, para ele se mandar quando a relação ficar séria. Deixe que ele viva no mundo da fantasia. Eu tenho que lidar com a realidade.

Como esperava há um tempo por tal abertura, Bess agachou-se à sua frente:

— E o que é a realidade?

— Um emprego, pagar as contas,...

— Que chatice... – terminou Bess e os olhos úmidos de Lori faiscaram.

— Então eu sou chata.

— Não, não é. – Suspirando, Bess colocou a xícara de café de Lori de lado e pegou-lhe uma das mãos nas suas. – Talvez você tenha medo de se arriscar, mas isso não a torna chata. E eu sei que você quer mais da vida do que um emprego e um bom crédito no banco.

— O que há de errado com essas coisas?

— Nada, desde que não sejam seus únicos objetivos Lori. Eu sei que você ainda está apaixonada por ele.

— Isso é problema meu.

— Dele também. Ele está infeliz sem você.

Esgotada, Lori esfregou os dedos entre as sobrancelhas.

— Foi ele quem terminou. Disse que não queria complicações, nem envolvimentos sérios.

— Ele estava enganado. Aposto quanto quiser como ele se deu conta de ter cometido um erro. Por que não senta e conversa com ele?

— Não sei se posso. – Apertou os olhos com força. – Dói muito.

Uma luz estranha brilhou nos olhos de Bess.

— É assim que você sabe que é sério? Quando dói?

— É um dos principais sintomas. – Voltou a abrir os olhos. Desta vez, havia um traço de esperança misturado às lágrimas. – Você acha mesmo que ele está infeliz?

— Eu sei que está. Converse com ele, Lori, coloquem para fora o que sentem.

— Talvez. – Ela apertou a mão de Bess rapidamente e, a seguir, voltou a pegar a xícara de café. – Eu não ia despejar isso em cima de você assim que chegasse.

— Para que servem as amigas?

— Bem, amiga, é melhor a gente começar a trabalhar ou um monte de gente vai ficar desempregada.

— Ótimo. Estou trabalhando no diálogo daquela cena entre Storm e Jade. Queremos incrementar a tensão sexual.

Lori já meneava a cabeça e ligava o computador.

— Você é a rainha dos diálogos – começou, para em seguida levantar a cabeça. – E aí, por que chegou atrasada?

— Não é importante. A gente fez os dois se esbarrarem na delegacia. Primeiro o olhar demorado, depois...

— Bess, você só está me deixando mais curiosa. Bota logopara fora ou não vou conseguir trabalhar.

— Está bem. – De qualquer jeito ela estava mesmo louca para contar. – Estava com Alexi.

— Pensei que fossem se encontrar ontem.

— E nos encontramos. – O sorriso de Bess alargou-se. – E ficamos juntos a noite passada. E esta manhã. Ah, Lori é incrível. Nunca senti nada parecido por ninguém.

— Certo. – Lori começou a pegar os óculos de leitura e voltou a erguer a cabeça. Por um momento, não fez nada além de examinar o rosto de Bess. – Repita.

— Nunca senti nada parecido por ninguém.

— Minha nossa! – Bufando, Lori recostou-se. – Acho que você realmente acredita no que está dizendo.

— É diferente. – Com um risinho tímido, Bess pressionou a mão no rosto. – É assustador, dói e, de vez em guando, eu olho para ele e perco a respiração. Tenho tanto medo que ele me olhe com atenção e perceba seu erro – Ela deixou a mão cair. – Supostamente é tão fácil.

— Não. – Lori sacudiu a cabeça devagar. – Esse sempre foi *seu* erro. Supostamente é difícil, assustador e real.

— Eu sinto um aperto no coração.

— Isso.

— E... E... – Frustrada, Bess virou-se empurrando a cadeira para que ela pudesse percorrer o comprimento da mesa. – Num minuto meu estômago parece estar cheio de nós. No seguinte, me sinto tão feliz que mal posso suportar. Quando estávamos juntos a noite passada... – Não havia como descrever, pensou. Não havia mesmo. – Lori, eu juro, nunca ninguém me fez sentir isso. E hoje de

manhã, quando acordei ao lado dele, não sabia se tinha vontade de rir ou chorar.

Lori levantou-se e estendeu a mão.

— Meus parabéns, McNee. Finalmente você conseguiu.

— Parece. – Com uma risada lançou os braços em torno de Lori e apertou-a. – Por que você nunca me disse como era?

— É algo que você precisava experimentar. E ele?

— Ele me ama. – Sentiu-se tola e chorosa. Remexendo na bolsa encontrou um lenço de papel amarrotado. – Ele disse. Olhou para mim e disse. Mas...

— Hum...

— Ele não quer que eu lhe diga como me sinto. – Soltando a respiração entre os dentes, pressionou a mão no estômago. – Ah, meu Deus, dói tanto. Dói por toda parte quando me dou conta que ele não confia em mim o bastante. Ele acha que é como das outras vezes. Também, por que deveria pensar diferente? Mas eu quero que ele saiba que não é. E não sei como.

— Basta ele olhar para você.

— Não é o bastante. – Mais calma, Bess assoou o nariz. – Tudo é diferente dessa vez. Acho que vou precisar prová-lo. Eu o amo, Lori.

— Dá para perceber. Eu achava que nunca veria você assim. – Emocionada, levantou a mão para acariciar os cabelos de Bess. – Você podia aceitar o próprio conselho e conversar com ele.

— Nós conversamos. Mas ele não quer ouvir falar do assunto, pelo menos por enquanto. Quer que tudo permaneça como está.

Lori ergueu as sobrancelhas.

— E o que você quer?

— Que ele seja feliz. – Deu uma risada e enfiou o lenço de papel amarrotado na bolsa. – Nossa, estou parecendo uma bobalhona. Você sabe que não sou.

— Quem é a pessoa que conhece você melhor que qualquer outra? Você apenas parece uma mulher no primeiro estágio vertiginoso do amor.

Bess deu um sorriso sentido.

— E depois? Piora ou melhora?

— Os dois.

— Que notícia maravilhosa! Bem, enquanto está ficando pior e melhor, eu vou ter tempo de mostrar a ele como me sinto. – Pegou o café; voltou a colocá-lo de lado. – Lori, tem mais uma coisinha.

— O que pode ser pior? – perguntou Lori.

— Alexi quer que eu jante com a família dele no domingo.

Depois de engasgar de rir, os olhos de Lori se arregalaram.

— Ele vai levá-la para conhecer a mamãe?

— E o papai – completou. – E os irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Duas

vezes por mês, aos domingos, eles organizam um grande jantar em família.

— Obviamente o homem está louco por você.

— Ele está. Eu sei que está. – Depois fechou os olhos e caiu numa cadeira. – A família é extremamente importante para ele. Dá para perceber, cada vez que ele menciona um deles. – Bess pegou outro lenço de papel e começou a rasgá-lo em pedacinhos. – Eu quero encontrá-los. De verdade. Mas, e se eles não gostarem de mim?

— Você realmente está apaixonada. Ouça o que lhe digo: basta ser a Bess McNee que todos conhecemos e amamos e eles vão ficar loucos por você também.

— Mas e se...

— Que tal você se acalmar? – Dessa vez Lori pegou os óculos e colocou-os no nariz. – Ponha um pouco dessa angústia no romance de Storm e Jade. Milhões de telespectadores vão agradecê-la.

Após um profundo suspiro, Bess concordou.

— Está bem, está bem. Vai funcionar. E se não conseguirmos redigir hoje de manhã, o texto não ficará pronto quando Rosalie chegar ao meio-dia para a sessão de consultoria.

— Você cuida disso, irmã. – Franzindo o cenho, Lori gesticulou com o lápis. – Essa dama em particular me deixa nervosa.

— Não se preocupe com Rosalie. Sei o que estou fazendo.

— Quantas vezes já escutei esta frase?

Mas Bess apenas riu e deixou a mente viajar.

— Vamos lá. Storm e Jade. – Fechou os olhos e visualizou a cena. – Então eles se esbarram na delegacia...

CAPÍTULO NOVE

E depois – continuou Bess enquanto cortava os carros no trânsito. – Jade volta-se, devastada e diz: "Mas o que você quer não é o que eu preciso." A música aumenta de volume e some.

— Não que eu não esteja fascinado pelas mudanças de rota dessa gente em Holbrook...

— Millbrook.

— Certo. – Alex se encolheu quando ela fechou um sedã. – Eu só gostaria que você olhasse a estrada. Seria realmente constrangedor receber uma multa quando eu estou no carro com você.

— Não estou correndo. – Franzindo o cenho, ele olhou para o velocímetro. – Nem um pouco.

Ela dirigia o carro de cinco marchas como uma veterana de Indianápolis 500, pensou Alex. E, no momento, tratava os inocentes motoristas da estrada como competidores.

— Talvez você pudesse escolher uma pista e permanecer nela.

— Estraga-prazeres. – Mas acabou por ceder. – Nunca tenho oportunidade de dirigir e adoro.

Ele teve que rir. O vento entrando pelo teto solar espalhava os cabelos dela por toda parte.

— Nunca poderia imaginar.

— A última vez que tive a chance de dirigir foi quando eu e L.D. fomos a uma festa chique em Long Island. – Ela olhou pelo espelho retrovisor e, incapaz de resistir, passou para a outra pista. – Uma viagem comigo e ele insistiu em usar o carro e o motorista dele para todo maldito lugar. – Ela lançou um sorriso para Alex e, de pronto, ficou séria ao ver a expressão do rosto dele. – Desculpe.

— O quê?

— Por mencioná-lo.

— Eu não disse nada.

Não, ele não dissera nada, admitiu. Um homem não precisava dizer uma palavra quando os olhos podiam ficar tão frios. As mãos apertaram o volante. Agora olhou para a frente.

— Ele era um amigo, Alexi. Não passou disso. Eu não... – Ela inspirou fundo. – Eu nunca dormi com ele.

— Não perguntei nem uma coisa nem outra – disse.

— Talvez devesse. Num minuto, você quer saber tudo a meu respeito e, no

seguinte, não. Eu acho...

— Eu acho que você está dirigindo rápido demais de novo. – Estendeu o braço e passou os nós dos dedos em sua bochecha. – E devia relaxar,Ok?

— Tá legal. – Mas os dedos continuaram tensos no volante. – Eu gostaria que um dia desses nós conversássemos a respeito desse assunto.

Droga,elanãopercebiaqueelenãoqueriaconversar sobreosoutroshomensquefizerampartedesuavida?Não queriapensarneles.Especialmenteagora,agoraqueestava apaixonadoesabiacomoerabomestarcomela.

— Um dia desses.

Conhecia o som daquele suspiro leve que ela emitia quando se virava na direção dele à noite. O modo como os olhos permaneciam perdidos e pesados, muito tempo após ter acordado de manhã. Sabia que gostava de tomar banhos bem quentes e demorados. E que ela era tão cheirosa porque passava um creme perfumado por todo corpo antes de se enxugar.

Ela sempre perdia as coisas. Um brinco, uma nota rabiscada, dinheiro. Ela nunca checava o troco e sempre dava gorjetas altas. Ele sabia tudo isso e começava a apreciá-las. Por que ele deveria conversar sobre os outros homens que acabaram por conhecer esses detalhes?

— Vire aqui.

— Hã?

— Eu disse vire... – As palavras sumiram, transformando-se num bufar quando ela perdeu a saída. – Tudo bem vire na próxima e fazemos o retorno.

— A próxima o quê?

— A próxima saída, McNee. – Ele estendeu o braço e sacudiu-lhe os cabelos de leve. – Pegue a próxima saída, o que significa que você precisa pegar a pista da direita.

— Ah. – E ela pegou, acelerando ao máximo e cortando com habilidade outro carro. Ao ruído estridente da buzina, ela simplesmente levantou a mão e acenou.

— Ele não foi nada amigável – comentou Alex depois que tirou as mãos do volante para tapar os olhos.

— Eu sei. Mas isto não é motivo para que eu também seja rude.

— Algumas pessoas consideram rude fechar outro motorista.

— Não. Isto é uma aventura.

Por um milagre, chegaram sem sofrer um acidente. Mas no instante em que ela estacionou duas casas adiante da casa dos pais dele, ele estendeu a mão.

— As chaves.

Aborrecida, ela sacudiu-as, fazendo-as tinir nas mãos.

— Eu não fui multada.

— Provavelmente porque não havia um guarda de trânsito valente o suficiente para segui-la. Dê-me as chaves, McNee. Já tive aventura suficiente por um dia.

— Só porque você quer dirigir. – Os olhos dela estreitaram-se desconfiados. – É uma atitude tipicamente masculina.

— É uma questão de sobrevivência. – Ele as tirou de sua mão. – Só quero viver. – Não que ele fosse criar objeções em dirigir o elegante Mercedes esporte. Mas decidira deixar morrer o assunto enquanto saíam do carro por portas opostas.

— Que bairro simpático! – exclamou, olhando as árvores e a casa recém-pintada, as plantas, as flores, as crianças nas calçadas com bicicletas e skates.

Algumas crianças chamaram Alex. Bess se viu sendo analisada por um grupo de adolescentes antes de ouvir os gritos, assovios e sinais com o dedo na direção de Alex.

— Ah, o primeiro selo de aprovação – murmurou, esfregando, disfarçadamente, a palma úmida da mão na saia antes de segurar-lhe a mão. – Você costumava andar de bicicleta na calçada?

Lutando contra o nervosismo, caminhou ao lado dele em direção à casa.

— E sentar na calçada durante o verão e contar mentiras sobre as garotas?

— Eu não precisava mentir – disse, com um sorriso irônico.

Olhou para o alto das escadas quando a porta abriu e Mikhail saiu com Griff enganchado nos quadris.

— Você está atrasado de novo – começou, balançando

— Ela perdeu a saída.

— Ele está sempre atrasado – sorriu Mikhail. – Você é Bess.

— Sou. Oi. – Ela esticou a mão. A dele era dura como rocha. Griff já tinha se inclinado para dar um beijo em Alex e, ainda enganchado, inclinou-se na direção de Bess. Rindo ela deu-lhe um selinho. – E oi para você também, lindo.

— Griff adora as mulheres – disse Mikhail. – Puxou ao tio.

— Não comece – resmungou Alex.

Mikhail ignorou-o e continuou a examinar Bess que tentava ocultar o mal-estar.

— Meu rosto está sujo ou o quê?

— Não, desculpe. – Ele desviou o olhar para o irmão.

— Você está se aprimorando, Alexi – disse em ucraniano. – Esta vale algumas manhãs suando na academia.

— *Tak.* – Ele colocou a mão na nuca de Bess. – Se você contar a ela, vou estrangulá-lo enquanto dorme.

O sorriso de Mikhail iluminou-se. A semelhança era impressionante, refletiu Bess. Moreno, a mesma aparência selvagem, a sexualidade latente. E a criança

também era igualzinha, percebeu. Deus ajudasse as mulheres do século XXI.

— Conversa de homens? – perguntou.

— Péssimos modos – disse Mikhail em tom de desculpas, decidindo que gostava não apenas da beleza exótica, mas da inteligência nos olhos também. Sem dúvida, pensou, Alex estava se aprimorando. – Estava cumprimentando meu irmão pelo bom gosto. Leve-a para dentro, Alex. Griff quer olhar as crianças um pouquinho.

— E Sydney? – perguntou, enquanto subia as escadas.

— Está lá dentro, descansando.

— Ela trabalha demais.

Abriu novamente um sorriso.

— E, além disso, está grávida.

Alex parou, voltou-se.

— Sério? – Desceu novamente as escadas para apertar Mikhail e Griff num abraço de urso. – Isso é bom?

— É ótimo. Queremos crianças com pouca diferença de idade, uma família grande.

— Começou bem. – Ele pegou a mão de Bess; Mikhail colocou Griff nos ombros e atravessou a rua. Griff batia palmas e gritava palavras incompreensíveis, em sua linguagem de bebê, para as outras crianças. – Ainda estou tentando me acostumar à idéia de vê-lo como pai e ele já vai ter outro filho.

Ela esquecera o nervosismo. Talvez graças ao beijo suave e sincero da criança. Passou o braço em torno da cintura de Alex.

— Vamos, tio Alex. Quero encontrar os outros.

— Eles são barulhentos – avisou ao chegarem à porta.

— Gosto de barulho.

— Eles podem ser abelhudos.

— Assim como eu.

Na porta, ele segurou-lhe as duas mãos. Ele já levara mulheres à sua casa antes, mas nunca tinha sido importante. Desta vez era vital.

— Eu amo você, Bess. – Antes que ela pudesse falar, ele a beijou e abriu a porta.

Com certeza eram barulhentos, descobriu Bess. Ninguém parecia se importar com o fato de todos falarem ao mesmo tempo ou de o cachorro grande de orelhas caídas latir, correr em volta da sala de estar e se esconder atrás das cadeiras. E eram abelhudos, embora de um jeito charmoso. Ela mal tivera a oportunidade de se acostumar e o pai de Alex Yuri, já se sentara ao lado dela, e começara a interrogá-la com cautela.

— Então, você escreve histórias para a TV – Ele balançou a cabeça grande, com cabelos desalinhados em sinal de aprovação. – Você tem neurônios.

— Alguns. – Ela sorriu para Zack quando ele lhe ofereceu uma taça de vinho.

— Rachel falou que tem bem mais do que alguns. – Zack piscou para a mulher quando ela se sentou com as mãos cruzadas sobre a enorme barriga. – Ela tem assistido ao programa.

— É mesmo?

— Admito ter ficado curiosa. – Rachel queria mudar de posição para ficar mais confortável, mas sabia que era inútil. – Depois que nos encontramos, eu gravei umas duas vezes. Depois, quando acabei cedendo aos apelos de Zack para tirar a licença maternidade, percebi como era fácil ficar presa pela trama. Não tenho certeza se conheço todos os personagens, mas é um bocado divertido. Nick assiste comigo. – Rachel olhou para o cunhado.

Nick não corou, mas ficou indócil.

— Só estava lhe fazendo companhia. – Devia ter atravessado períodos difíceis tentando provar sua masculinidade, pertencendo a gangues como os Cobras. Mas apesar de ter quase 21 anos, ainda não se sentia seguro o suficiente para admitir ter ficado interessado nos *Pecados Secretos* de Millbrook. Ele deu de ombros, sacudiu os cabelos louros escuros e reparou nos risinhos da família. – Não que eu estivesse realmente assistindo. – Os olhos verdes brilharam risonhos. – Estava mais era olhando as artistas.

— É o que todos dizem – sorriu Bess, simpatizando com ele. Pena que não fosse um ator, pensou. Aquela beleza exuberante, durão, com um leve toque de vulnerabilidade, ganharia destaque na tela. – Então, qual é o seu tipo, Nick? LuAnne, nossa sensível ingênua com olhos grandes e tristes, que sofre em silêncio ou a maquiavélica Brooke, que usa a sexualidade para destruir todo homem que lhe cruza o caminho?

Pensativo, ele passou a língua nos dentes.

— Na verdade, prefiro Jade. Tenho atração por mulheres mais velhas.

Zack pegou-o numa chave de braço.

— Ei. – Nick riu, sem se dar ao trabalho de tentar se soltar. – Estamos conversando. Estou tentando passar o tempo com a namorada de Alex.

— Você pode matá-lo na outra sala, por favor? – pediu Alex em tom jocoso. – Nós precisamos comer aqui.

— Assisto seu programa várias vezes – disse Nadia quando surgiu da cozinha. O rosto bonito da mãe de Alex estava rosado devido ao calor do forno. – Eu gosto.

— Bem, não é difícil olhar aquela Vick – Zack parou atrás da esposa, massageando-lhe os ombros.

— Os homens sempre preferem as mulheres vulgares – afirmou Rachel. – E você, Alex? Viu algum capítulo de *Pecados Secretos?*

— Não. – Não que ele fosse admitir. – McNee me mantém a par de tudo que acontece em Millbrook.

— Deve ser difícil manter o ritmo da trama. – Sydney, parecendo pálida, mas absolutamente relaxada na ponta do sofá, tomou um gole de *ginger ale.*

— É assassinato – sorriu Bess. – Eu adoro.

— E então, como você conheceu Alexi? – perguntou.

— Ele me prendeu.

Fez-se um momento de silêncio quando Alex lançou um olhar mortífero para Bess. Depois, ouviu-se uma explosão de gargalhadas que levou o cachorro a rodopiar em volta da sala de novo.

— Perdi alguma piada? – perguntou Mikhail aparecendo na porta com Griff.

— Não. – Rachel voltou a gargalhar enquanto o irmão sentava no braço do sofá, ao lado da mulher. – Mas tenho a impressão de que vai ser uma das boas. Vamos lá, Bess, essa eu não posso perder.

E ela contou, apesar de uma meia dúzia de interrupções de Alex para discordar, corrigir ou narrar os fatos sob sua ótica. Mesmo ao se sentarem na antiga e grande mesa para deliciarem-se com o assado de carne preparado por Nadia, ainda rolavam de rir e faziam perguntas.

— Ele colocou você numa cela, mas mesmo assim você sai com ele. – O comentário veio de Mikhail.

Bess passou a língua nos dentes.

— Bem, ele é um bocado bonito.

Com uma gargalhada sincera, Yuri deu um tapa nas costas do filho.

— Mulheres! Elas sempre dizem isso.

Alex serviu-se de batatas.

— Obrigado, Papa.

— É bom quando as mulheres acham a gente atraente. –Yuri ergueu as sobrancelhas para a mulher. – Aí quando você escolhe uma, ela é incapaz de resistir.

— Eu escolhi você – respondeu Nadia, passando torradas para Nick. – Você era muito devagar. Como um urso com, ah... – Ela tentou achar a palavra certa – miolos moles. – Ela ignorou o ruído de objeção de Yuri. – Ele não me cortejou. Então eu o cortejei.

— Toda vez que eu me virava, lá estava ela no meu caminho. – Quando Yuri olhou para a mulher, Bess viu lembranças e muito mais no olhar dele. – Não havia menina mais bonita no povoado. E depois ela foi minha.

— Eu gostei destas mãos grandes e destes olhos encabulados – disse ela. O

sorriso era alegre e adorável. – Não demorou muito para deixar de ser encabulado. Mas os meus meninos – acrescentou, lançando um sorriso para Bess – ,nunca foram encabulados com as garotas.

— Para que perder tempo? – Num impulso, Alex colocou a mão no rosto de Bess e virou-o para que o encarasse. Ela sorria confusa. Depois a surpresa estampou-se nos olhos quando ele beijou-a. Não um beijo rápido e amigável, mas um daqueles ávidos de deixá-la tonta.

Não tinha como saber que ele nunca beijara uma mulher na frente da família com a mãe na mesa. Nem que ao fazer isso, ele dizia aos que amava que esta era *a* mulher escolhida.

Quando a mesa explodiu em aplausos, Bess engoliu em seco e conseguiu dizer:

— Não, nem um pouco encabulado.

Nadia disfarçou as lágrimas e levantou a taça. Compreendeu a mensagem do filho e sentiu o prazer, misto de alegria e tristeza, vindo da consciência de que a última de suas crianças tinha entregue seu coração.

— Bem-vinda – disse a Bess.

Um pouco encabulada, Bess pegou a taça ao ver todas as outras levantadas.

— Obrigada. – Deu um gole, aliviada, quando voltaram a conversar.

Como era fácil se apaixonar por eles, pensou. Todos eram tão calorosos, tão abertos, tão à vontade entre si. Os pais dela nunca tiveram uma conversa íntima na mesa. Nunca a abraçaram com o entusiasmo e paixão demonstrados por Yuri e Nadia em relação aos filhos.

Era disso que sentia falta todos esses anos? Teria sido a falta de algo parecido que a tornara tão desajeitada socialmente quando criança e, para superar isso, tão ativa socialmente quando adulta?

Ainda assim, o que tivera e o que não tivera, tinham-na transformado no que era, então não podia se lamentar. Bem, talvez um pouco, refletiu, aderindo sem tomar consciência ao hábito da família de dar pedaços de comida para ocachorro debaixo da mesa. Era difícil não lamentar um pinguinho quando via como podia ser adorável fazer parte de uma família tão unida.

Absorvendo tudo, ela olhou todos à mesa. E descobriu os olhos de Mikhail nela. Desta vez, ela sorriu.

— Você está fazendo de novo – disse.

— Sim. Quero esculpir você.

— Desculpe?

— Seu rosto. – Ele estendeu a mão e o pegou. A conversação continuou à volta, como se ele tocasse mulheres na mesa de jantar com regularidade.

— Realmente fascinante. Mogno seria perfeito.

Achando graça, permaneceu sentada, pacientemente, enquanto ele virava-lhe o rosto para lá e para cá.

— Isso é uma piada?

— Mikhail nunca faz piadas com o trabalho – comentou Sydney, persuadindo o filho a comer mais um pedaço de vagem. – Só estou surpresa por ele ter demorado tanto para pedir a você que posasse para ele.

— Posar? – Ela sacudiu a cabeça e depois os olhos se arregalaram quando a ficha caiu. – Ah, é claro! Stanislaski. O artista. Já vi trabalhos seus. Na verdade, os cobicei.

— Você vai posar para mim e eu lhe dou uma peça. Você escolhe.

— Eu não seria capaz de recusar uma oferta destas.

— Ótimo! – Satisfeito, voltou a atenção para a refeição. – Ela é muito linda – disse a Alex, de forma tão inesperada que Bess riu.

— Eu diria que o gosto dos Stanislaski tende para o estranho, mas sua esposa prova que estou errada.

Mikhail passou a mão no halo de cabelos ruivos de Sydney e o dedo no adorável rosto clássico.

— Há vários tipos de beleza. Você virá ao meu estúdio semana que vem.

— Não se dê ao trabalho de discutir. – Sydney pegou a mão de Mikhail e a apertou. – Não vai adiantar.

Do outro lado da mesa, Rachel recostou-se. Nadia aproximou-se e perguntou, suave:

— Qual o intervalo?

Rachel deu um suspiro.

— Oito, dez minutos. Ainda estão muito brandas.

— O que está brando? – Zack a fitou e a boca abriu quase caindo em seus joelhos. – Meu Deus, agora? *Agora?*

— Não neste exato momento. – Ia ficar calma, disse Rachel a si mesma e inspirou profunda e lentamente para prová-lo. – Acho que ainda dá tempo de comer a torta de creme de mamãe.

— Ela está em trabalho de parto. – Ele fitou o irmão, igualmente em pânico, do outro lado da mesa.

— Não temos nada preparado aqui. – Nick saiu tropeçando. – Está tudo preparado lá em casa. Suponho que deva chamar o médico, mas não tenho o telefone.

— Mamãe tem – tranqüilizou o irmão caçula do marido. Depois ergueu a mão para o marido. – Vamos com calma, Muldoon. Ainda tem muito tempo.

— Que tempo o quê! Vamos agora. Não devemos ir agora? – perguntou Zack a Nadia.

Ela sorriu e concordou:

— Seria melhor para você, Zack.

— Mas, Mama...

O protesto de Rachel foi interrompido por uma torrente de palavras gentis em ucraniano, cuja finalidade principal era aplacar maridos apavorados.

— Ela devia colocar os pés para cima – anunciou Mikhail. – Isso a ajudou, não foi?

— Foi – concordou Sydney. – Mas acho que devíamos esperar até ela chegar ao hospital.

— 911. – Alex afastou a cadeira e se levantou. – Vou telefonar.

— Sente-se. – Rachel agitou a mão, irritada. – Não preciso de um policial.

— Uma ambulância – insistiu.

— Não estou doente, estou em trabalho de parto.

— Vou levá-la de caminhão. – Yuri já estava de pé, preparado para carregar a filhinha nos grandes braços. – Chegaremos lá bem rápido.

Enquanto os homens começavam a discutir numa miscelânea de idiomas, Nadia levantou-se com toda a calma e foi para a cozinha ligar para o obstetra de Rachel.

— Já passei por isso – dizia Mikhail para Alex. – Sei como lidar com a situação.

— Ora! – O pai empurrou os dois de lado e bateu com o punho no peito largo. - Eu, quatro vezes. Você não sabe de nada.

— Não temos o gravador nem a fita com a música. – Nick passou a mão nos esvoaçantes cabelos. Estava morrendo de medo de passar mal. Embora ninguém prestasse atenção nele, continuou a balbuciar: – A máquina de filmar. Temos que pegar a máquina de filmar.

— Querida, quer água? Quer suco? – Quando ela gemeu, ele ficou branco. – Outra? Não foram dez minutos foram?

— Você está quebrando a minha mão. – Rachel sacudiu a mão tentando se desvencilhar e olhou implorante para Sydney.

— Tudo bem, rapazes, para trás. – A voz de aço debaixo do veludo que fizera de Sydney uma bem sucedida executiva interrompeu o alvoroço. – Alex, suba e pegue um travesseiro para sua irmã para o percurso. Yuri, vá pegar o caminhão. Ótima idéia. Nick! Você, Mikhail e Griff vão até o apartamento e peguem tudo de que Rachel precisa. Encontramos vocês no hospital.

— Como chego lá? – perguntou Mikhail.

— Eu tenho um carro – Bess assistia ao drama familiar com olhos fascinados. – Podemos caber os três apertados.

— Maravilha. – Dispersando as tropas com toda a habilidade de um general,

Sydney deu um beijo e um empurrão no marido. – Movam-se. Zack e Nadia vão com Yuri e Rachel. Eu vou com Alex e Bess.

Quando sentiu a contração seguinte, Rachel começou a respirar devagar, pausadamente.

— Desculpe – disse a Bess arfando – por ter expulsado você.

— Nenhum problema. – Ela precisou morder a língua para impedir-se de perguntar como era entrar em trabalho de parto durante um jantar em família. Teria tempo para perguntar mais tarde.

— Eu chamei o médico e Natasha. – Nadia voltou para a sala, satisfeita por Sydney ter organizado as tropas. –Natasha e a família estão vindo.

— Precisamos ir. – Zack ajudou Rachel a se levantar e engoliu em seco. – Ou não precisamos?

Ao chegarem ao hospital, Sydney e Bess já tinham virado amigas de infância. Difícil evitar, coladas no assento enquanto Alex dirigia como um louco de volta para Manhattan.

Conversaram sobre roupas, sobre alguns amigos em comum que descobriram e sobre os homens Stanislaski. Sydney concordou que Bess fora muito condescendente em não comentar as barbeiragens de Alex considerando como ele criticara seu jeito de dirigir.

Ao chegarem ao andar da maternidade, Rachel já estava no quarto. Zack atingira os primeiros estágios de pânico e Yuri batia no bolso cheio de charutos.

Nadia explicou a eles no corredor:

— Está no início do trabalho de parto; seria bom ter companhia.

Alex caminhou direto para a porta, mas Bess não se mexeu.

— Não quero me intrometer – disse a Nadia.

— Não é intromissão. Você é da família. – Nadia inclinou a cabeça. – Você se sente pouco à vontade com parto?

Alex enfiou a cabeça pela porta.

— Como fez pesquisas, McNee?

— Acompanhei alguns obstetras. – A covinha no rosto apareceu. – E descobri que algumas futuras mamães não se opunham à minha presença durante o trabalho de parto e o parto propriamente dito. Você já viu algum?

— Não. – Os olhos mudaram, como os de todos os homens. – No treinamento mostram filmes, caso seja preciso ajudar, mas nunca foi preciso.

— É simplesmente fantástico. – Ela riu, perfeitamente capaz de ler seus pensamentos. – Não se preocupe. Vou segurar sua mão.

Eles passaram o tempo no quarto grande e ventilado contando histórias, dando conselhos, brincando com Zack quando Mikhail e Nick chegaram com a maleta de Rachel. Griff ficara feliz e contente, sob os cuidados do cozinheiro de Zack,

Rio. Nada havia a fazer senão esperar.

Quando Rachel teve vontade de andar, eles se revezaram caminhando com ela pelos corredores, massageando-lhe as costas, conversando nos intervalos das contrações para distraí-la do desconforto.

— Posso ver sua mente em ação – murmurou Alex para Bess. – Como posso usar esta cena?

— Faz parte de mim. – Ela agradeceu quando ele lhe deu sua bebida gelada. – Sua família... – disse, correndo os olhos pelo quarto. – Nunca conheci pessoas como eles. Meus pais ficariam apavorados se tivessem que tomar parte em algo semelhante.

— É nosso bebê também.

Ela sorriu e levantou a mão para acariciar-lhe o rosto.

_— Foi o que quis dizer. Vocês todos são muito especiais.

— Estou feliz por você estar aqui. – Quando ele se inclinou para beijá-la, Yuri deu-lhe um tapa nas costas.

— Agora todos meus filhos já fizeram bebês, menos você. – Arqueou as sobrancelhas para Bess. – Vocês vão começar logo, certo?

— Papa... – Sem saber como interpretar a gargalhada de Bess, Alex levantou-se e disse, em tom firme e baixo, em sua língua materna: – Quando eu decidir fazer bebês, comunico.

— Como assim? Decidir? –Yuri fez um gesto em direção a Bess. – Ela é a mulher que você quer, não é?

Yuri fez um gesto expansivo com as duas mãos.

— Tenho meus motivos para esperar. São meus motivos.

Embora o aceno de cabeça de Yuri fosse um gesto de tristeza, piscou.

— Como é possível que todos meus filhos sejam tão teimosos?

— Como é possível que meu papa seja tão enxerido?

Rindo, Yuri abraçou Alex e deu-lhe dois beijos nas bochechas.

— Leve essa bonita garota para dar uma volta e roube-lhe alguns beijos. Sua irmã ainda vai ter que esperar um pouco.

— Este conselho eu sigo. – Pegou a mão de Bess colocou de pé. – Vamos pegar um arzinho.

— Alexi. – Bess precisou apressar o passo para acompanhá-lo. – Não fique zangado com ele. Ele não queria constrangê-lo.

— Sim, queria, mas não estou zangado com ele.

— Sobre o que vocês dois discutiam?

Ele apertou o botão do elevador.

— Você sabe, eu não acho que deva ensinar nada de ucraniano para você. Assim é mais cômodo.

— Mas é...

— Grosseiro – completou, sorrindo. – Eu sei.

Ao voltarem, Alex aceitara o conselho do pai. A cabeça de Bess ainda girava quando passaram pela sala de espera. Alex viu Nick, andando de um lado para outro e fumando na sala reservada aos fumantes, o perfeito clichê do futuro papai.

— Tudo bem, garoto?

— Está demorando demais. – A mão de Nick tremia um pouco ao levar o cigarro aos lábios. – Quero dizer, Sydney só demorou umas duas horas. As contrações estão ficando intensas de verdade e Rachel me botou para fora junto com a máquina de filmar. Não entendo. Por que os médicos não fazem alguma coisa?

— Não sei muito a respeito – refletiu Alex. – Mas acho que os bebês saem quando estão prontos.

— Só se passaram pouco mais de seis horas. – Bess aproximou-se para tranqüilizá-lo, sensibilizada por Nick preocupar-se tão profundamente com a cunhada.

— Parecem seis dias – comentou Zack quando apareceu. Pegou o cigarro da mão de Nick e deu uma profunda tragada. – Ela está me xingando. Sei o que alguns dos nomes significavam, mesmo que não sejam em inglês.

— É um bom sinal – garantiu-lhe Bess. – Significa que as coisas estão progredindo.

— Ela xingou o médico também. – Com um suspiro, ele devolveu o cigarro a Nick. – Mas ela não arremessou nada *nele.*

Alex afirmou:

— Se ela não acertou você, deve estar em péssimas condições.

Piscando nervoso, Zack esfregou o ombro.

— Ela não acertou. Melhor eu voltar.

— Vamos acompanhá-lo para lhe dar apoio – começou Alex, mas neste momento viu uma mulher saindo às pressas do elevador.

— Tash!

— Ah! Alex!

Bess viu a mulher entrar voando na sala de espera, os cabelos em estilo cigano esvoaçando. Havia preocupação em seus olhos e sorriso nos lábios quando se atirou nos braços de Alex.

— Alexi, como está Rachel?

— Xingando o médico e esmurrando Zack.

— Ah... – relaxou de imediato. – Ainda bem. Nick. – Ela segurou-lhe a mão. – Não fique tão preocupado. Seu sobrinho ou sobrinha vai chegar logo. Spence

está estacionando. Íamos deixar as crianças, mas ficaram tão desapontados que resolvemos trazê-los. Freddie está louca para vê-lo.

Nick alegrou-se um pouco.

— Como ela está?

— Está mais alta do que eu e muito bonita. Alex, onde está Rachel?

— Vou levar você até ela. Ah, esta é Bess.

— Bess? – Natasha virou-se, uma das mãos ainda no braço do irmão. Obviamente já ouvira falar de Bess. West Virgínia podia estar a uma razoável distância de Nova York, mas os assuntos familiares viajavam rápido através dos fios dos telefones. – Desculpe. Nem percebi.

— Sem problema. Você deve estar com muita coisa na cabeça. – Em seguida, Bess disse a primeira coisa que veio à sua. – Que genes fabulosos vocês todos têm.

Natasha ergueu as sobrancelhas. E os olhos iluminaram-se num sorriso.

— Rachel disse que eu ia gostar de você. Espero ter tempo para conversarmos antes de deixarmos a cidade. Lamento a pressa.

— Não se preocupe. Acho que eu e Nick vamos até a lanchonete, pegar comida para o grupo.

Três horas depois, Bess já distribuíra sanduíches e café, feito cavalinho com a filha mais moça de Natasha, Katie, nos joelhos, se apresentado a Spence Kimball e ajudado a distrair o menino levado. Fora apresentada a Freddie e notou que a adolescente bonita, com aparência de fada estava perdidamente apaixonada por Nick.

Conforme o tempo passava, prestou apoio quando Mikhail insistiu para que a esposa, muito cansada, descansasse na sala de espera, levou alguns minutos sondando algumas enfermeiras para ajudá-la a filmar umas cenas no hospital e acalmou Alex quando o trabalho de parto da irmã finalmente alcançou os estágios finais.

— Não vai mais demorar muito.

— Foi o que disseram há uma hora.

Estavam de pé na sala de espera. Alex se recusava a se sentar. Depois de bocejar e se alongar, Bess passou os braços em torno dele.

— Ela já está com a dilatação máxima e a cabecinha do bebê coroando. A última olhada que dei no monitor fetal mostrava uma batida de coração bem forte. E rápida. Acho que é uma menina.

— Como você sabe tanto?

— Pesquisa. – Ela recostou a cabeça em seu ombro. – Estava calculando que já assisti ao nascimento de doze bebês, incluindo um casal de gêmeos. Maneira de dizer.

Quando a voz fraquejou, ele levantou-lhe o queixo.

— Você está dormindo em pé, McNee. Eu devia mandá-la para casa.

— Nem em um milhão de anos você vai me convencer a não vivenciar essa experiência.

Não mesmo. Era verdade, ele se deu conta. Era só mais um aspecto de sua beleza.

— Fico devendo essa.

— Então pague. – Ela ergueu os lábios, suspirando ao beijá-lo.

— Mama. – Embora ele tivesse gostado de olhar para o irmão, Mikhail pulou quando viu os pais na porta.

— Temos um novo membro na família. – Com lágrimas nos olhos, Nadia e Yuri pararam, bem abraçadinhos.

— Qual o sexo? – Nick e Alex perguntaram ao mesmo tempo.

— Venham ver. Vão trazer o bebê no vidro num instante.

— Rachel está descansando – Yuri limpou uma lágrima.

— Vocês vão poder lhe dar um beijo de boa-noite já, já.

Saíram todos juntos para esperar perto do berçário e ver a primeira aparição do bebê.

— Sou tio – disse Nick a Freddie. O rosto da menina ficou vermelho quando ele lhe deu um abraço apertado.

— Ei, olha o Zack! – Ainda estavam abraçados quando o irmão apareceu segurando um embrulhinho. O embrulho berrava e Zack ria de orelha a orelha.

Ele levantou o bebê. No topo dos cabelos pretos encaracolados, um laço rosa choque.

— É uma menina – murmurou Alex e abraçou Bess com força. – É linda.

— Puxa vida! – Foi tudo que Nick conseguiu dizer.

— Puxa vida! – Emocionado, abaixou o olhar e se viu olhando para Freddie, ainda aninhada em seu braço. Recuou, passou o dedo no rosto da menina e pegou uma lágrima. – O que é isso?

— É tão lindo! – Ao erguer o olhar para Nick, ele notou os cílios longos, os olhos de mar. Por um instante, um instante desconfortável, pensou que seria fácil se afogar naqueles olhos.

— É, é maravilhoso. – Ele deixou escapar um suspiro. Ela era prima dele, lembrou-se. Bem, quase prima. E era pouco mais que uma criança. – Eu, é, não tenho um lenço.

— Não faz mal. – Freddie sentiu uma lágrima descer pelo rosto, mas não se importou. Afinal, esse era o melhor tipo de lágrimas. – *Você* nunca pensa em ter filhos? – perguntou com candor.

— Ter... – Nick teria recuado então, bastante, mas a família o cercava. – Não –

disse com firmeza e se forçou a afastar o olhar do rosto úmido e cheio de vida. – De jeito nenhum.

— Eu penso. – Suspirou e deixou a cabeça repousar no braço dele.

Mikhail cochichava algo para Sydney que a fez menear a cabeça e limpar as lágrimas. Atrás de Freddie, Natasha embalava Katie nos braços e voltava-se para o marido. Ele pousara uma das mãos no ombro de Freddie e do filho adormecido pendurado no ombro.

— Cada um é um milagre.

Ele curvou a cabeça para beijar-lhe o rosto úmido.

— Basta dizer quando decidir querer outro milagre.

— Sou um homem abençoado – Yuri agarrou quem estava mais perto. Por acaso era Bess e ela se viu rodopiando. – Dois netos. Agora três netas. – Ele jogou Bess para cima. Ela desceu rindo, agarrando-lhe os ombros.

— Meus parabéns, vovô! – Ela o deixou incrivelmente satisfeito quando lhe deu um beijo na boca.

— Que dia maravilhoso. – Meteu a mão no bolso. – Tome um charuto.

CAPÍTULO DEZ

Rosalie julgava ser capaz de não errar na avaliação das pessoas e já decidira que Bess era uma mulher estranha. Mas continuava voltando.

Claro, a grana era boa, pensou Rosalie ao sentar-se tomando um refrigerante diet no escritório de Bess, localizado no subsolo. E para uma mulher com planos de se aposentar, dinheiro era prioritário. Apesar disso, era mais do que a grana extra que a fazia cruzar a cidade vários dias da semana. Além do mais, ficava por perto mesmo depois de terminarem o que Bess gostava de chamar de "sessões de consulta".

Rosalie era consciente o suficiente para não ter ilusões de um dia vir a se envolver, mesmo que remotamente, com o mundo do entretenimento. Mas não podia negar ter ficado excitada, apavorada e impressionada ao assistir a algumas gravações.

Havia ainda outro fator, ainda mais básico. Rosalie apreciava a companhia de Bess.

Além de ser uma mulher estranha, Bess tinha classe. Rosalie estava segura de que não era necessário ter classe para reconhecê-la em outra pessoa. Classe não era apenas uma questão de *pedigree* – embora tivesse descoberto que Bess o possuía. Classe não se resumia a pertencer às famílias tradicionais que ajudaram na Independência dos EUA ou figurar no *Who's Who.* Era bem mais complicado. Embora Rosalie não conseguisse encontrar as palavras certas, reconhecera em Bess duas raras, e muitas vezes nebulosas, qualidades: graça e compaixão.

Adiava o retorno para *downtown* demorando a terminar sua bebida. Bess não parecia se importar com a presença de Rosalie enquanto trabalhava. Nas poucas semanas em que conviviam, Rosalie percebera o quanto Bess trabalhava, por horas a fio. Mais, na opinião de Rosalie, do que ela ou qualquer uma das outras em sua profissão. Com certeza Bess trabalhava mais horas.

Rosalie divertia-se em comparar-se com ela. Na verdade, ela e Bess iniciaram uma interessante discussão sobre as semelhanças e diferenças entre Bess vender a mente e Rosalie o corpo.

Como dera satisfação, relembrou-se Rosalie, enquanto Bess digitava e murmurava. Discussões filosóficas não eram norma no mundo de Rosalie.

A simples palavra que ela ainda não absorvera bem para definir o relacionamento das duas era *amizade*.Haviam ficado amigas.

— Vai trabalhar até que horas? – perguntou Rosalie e Bess afastou o olhar, ausente, da tela do computador.

— Ah... Não vou demorar muito. Os olhos ainda estavam ligeiramente

distantes ao afastar o cabelo deles. Brock estava a um passo de seduzir Jessica. Tive a idéia de dar uma ligeira virada na cena de amanhã. – Deu um sorriso rápido e um pouco maldoso. – Claro, vários membros do elenco vão querer me matar quando eu entregar o *script*amanhã. Mas isto é *showbiz*.

Rosalie deu uma tragada no cigarro.

— A que horas você chegou aqui?

— Hoje? Umas 9h30. Cheguei... – Pensou em Alex. –... Um pouco atrasada.

Lábios contraídos, Rosalie olhou o relógio falsificado no pulso.

— E já passa das 19h. – Deu um sorriso. – Amiga, você só teria que trabalhar metade desse tempo em meu ramo de negócios.

— É, mas eu trabalho sentada. – Bess massageou a nuca dolorida. Realmente precisava cuidar da postura. – Está com fome? – perguntou. – Quer pedir alguma coisa?

Demonstrando aborrecimento, Rosalie apagou o cigarro.

— Não, eu também preciso trabalhar.

— Você podia tirar uma folga hoje. – Casualmente Bess passou o dedo no teclado. – Talvez pudéssemos pegar um cineminha.

Dando risada, Rosalie pegou um espelho na bolsa para checar a maquilagem.

— Você disse que não ia tentar me regenerar.

— Menti. – Bess recostou-se na cadeira, enquanto Rosalie pintava a boca de vermelho sangue. Tentara arduamente não dar sermões, não pressionar, não fazer discursos. E achara ter obtido sucesso. Mas não tentara não se importar. Seria inútil. – Eu realmente me preocupo com você. Principalmente desde o último assassinato.

O estranho frio no estômago de Rosalie a fez descer os olhos do espelho para Bess. Não se lembrava de ninguém jamais ter se preocupado com ela. Certamente não há anos.

— Eu já não disse que sei me cuidar?

— Disse, mas...

— Nada de "mas", fofinha. – Enfiando novamente a mão na bolsa, Rosalie tirou um estilete. Com um movimento ágil, fez a longa e afiada lâmina saltar. – Se não posso lidar com algo, isso pode.

Bess conseguiu fechar a boca, mas os olhos continuaram fixos na lâmina. Sob as luzes, o brilho prateado, relampejante como a morte súbita. Não podia dizer que era elegante, mas era fascinante, mortalmente fascinante.

— Posso?

Dando de ombros, Rosalie entregou-lhe a arma, avisando:

— Não brinque com a lâmina. É tão afiada quanto parece.

Bess segurou com força o cabo, movendo o punho de um lado para outro

como um esgrimista. Quem sabe Jade/Josie podia carregar uma igual? Já imaginava a cena em que a atormentada Jade encontrava o punhal – talvez com a lâmina manchada de sangue – em uma de suas bolsas. Não, na pasta. Melhor.

— Você já...?

— Ainda não. – Rosalie estendeu a mão para pegá-la de volta. – Mas há sempre uma primeira vez. – Apertou a mola e a lâmina desapareceu novamente. – Então não perca o sono comigo. – Depois de jogar a arma de volta na bolsa, pegou um spray e espalhou o perfume em doses generosas na pele. O ar impregnou-se do perfume de rosas. – Mais uns dois meses, e eu terei poupado o suficiente. Vou passar o inverno no sol da Flórida enquanto você caminha com dificuldade na neve suja. – Levantou-se, puxando para baixo o tomara-que-caia num gesto provocante, para que os seios fartos ficassem mais à mostra, convidativos. – Vejo você por aí.

— Espere. – Bess remexeu na bolsa e retirou um mini gravador. – Se isso não for contra sua ética, achei que podia usar isto. – Diante do olhar irônico de Rosalie, Bess ruborizou-se. – Não quero que grave aquela parte. Só nas ruas, as conversas com as outras mulheres, talvez algumas, digamos... transações.

— Você é quem manda. – Pegando o gravador, Rosalie o enfiou na bolsa.

— Tome cuidado – acrescentou Bess, sabendo que provocaria o riso em Rosalie.

E foi o que aconteceu. Lançando um último olhar afetado por cima do ombro nu, respondeu:

— Amiga, sou sempre cuidadosa.

Ainda rindo, Rosalie dirigiu-se para o estreito corredor em direção ao elevador de carga. Já estava imaginando como os olhos de Bess ficariam arregalados ao ouvir a gravação e descobrir que sua "consultora" havia gravado tudo. Ria diante da perspectiva de fazer uma brincadeira dessas, quando as portas se abriram. O sorriso morreu na hora ao ver Alex sair.

Enquanto os olhos se cruzaram com mútua desconfiança, Alex apertou o botão para manter a porta aberta.

— Como vai o bico, Rosalie?

— Vai indo.

Quando ela passou por ele, ele levantou o braço para bloquear a abertura do elevador.

— O que sabe sobre Crystal LaRue?

— Sei que está morta. – Rosalie colocou a mão no quadril, empinando-o. – Quer mais alguma coisa?

Alex deu-lhe a perceber que o convite insinuante apenas o divertia.

— E o que sabe sobre ela antes da morte?

— Nada. – Ela teria dado a mesma resposta mesmo que fosse a melhor amiga de Crystal, mas dizia a pura verdade. – Nunca a encontrei. Ouvi que ela era nova e ainda não tinha um homem.

— Foi o que também ouvi – disse Alex em tom natural. – E ouvi dizer que Bobby queria fazer dela uma de suas.

— Talvez. Bobby gosta de colocá-las na vida cedo.

Alex lutou contra o nojo. Uma menina de 17 anos, pensou. Uma forasteira que não conhecia as regras do jogo e nunca teria a chance de aprendê-las.

— Sabe se Bobby a coagiu, pressionou?

— Não posso dizer.

— Não pode ou não quer?

Rosalie abriu a mão no quadril e começou a tamborilar os dedos.

— Ouça. Não sei o que Bobby fez. Tenho andado afastada dele ultimamente.

Sem nada dizer, Alex observou-lhe o rosto. A mancha roxa sumira.

— Parece que Bess está pagando a você o suficiente para você poder ficar longe dele de vez.

— Isso é problema meu.

— E dela – disse Alex, em tom calmo, os olhos frios e sem emoção. – Eu não quero que ele descubra essa sua outra atividade e vá atrás dela. Se isso acontecer, terei que matá-lo.

— Você acha que eu iria deixar Bobby assustá-la? – A arrogância evidenciou-se quando Rosalie foi tomada de fúria. – Eu lhe *devo* muito.

— Deve o quê?

— Respeito – disse com uma dignidade inata e graciosa que fez Alex suavizar-se. – Ela me convidou para comer na mesa dela. Ela até disse que eu podia ficar morando no quarto extra. Como hóspede. – Os lábios estreitaram-se diante da expressão de Alex. – Não precisa suar frio, fofinho. Eu não aceitei. Claro, ela está me pagando e talvez você julgue que para mim não é diferente de pegar dinheiro de algum nojento na rua. Mas ela me trata como um ser humano. Não como uma *coisa*, mas como *alguém*. – Constrangida com a própria veemência, deu de ombros. – Ela não conseguiria agir diferente, tem sentimentos.

— Ela tem sentimentos, é verdade. Às vezes até em excesso. – Os lábios de Alex retorceram-se como os de Rosalie. – Talvez ela não tenha se enganado a seu respeito. Só não quero que se machuque.

— Nem eu. – Rosalie bateu no peito dele com uma unha escarlate. – Você está em maus lençóis, tira. Dá pra ver nos seus olhos. – A pontinha de inveja passou de relance, quase despercebida. – Trata a Bess direitinho ou vai se ver comigo.

O sorriso iluminou-se antes que pudesse evitá-lo. O charme de Alex quase fez

Rosalie mudar de idéia a respeito de tiras.

— Sim, senhora. – Como Bess, ele quis dizer algo que a impedisse de voltar para as ruas. Mas ao contrário de Bess, aceitou o fato de não haver nada que pudesse fazer.

— Talvez um dia eu entenda porque ela se amarrou em você – Quando ele retirou o braço que bloqueava a passagem, ela entrou no elevador e virou-se. – Seja legal com ela, Stanislaski. Ela merece.

As portas do elevador se fecharam. Alex ficou parado com o olhar perdido antes de virar-se e seguir pelo corredor ao encontro de Bess.

Debruçada no teclado, Bess digitava palavras no monitor, como uma metralhadora. Os dedos moviam-se como um relâmpago, mas os olhos estavam distantes. Em Millbrook, pensou, sorrindo para si mesmo.

As pernas estavam cruzadas, em cima da cadeira. Levando em conta os ombros arqueados, supôs que os músculos se ressentiriam no momento em que voltasse à Terra.

Usava saia de novo, uma minissaia de couro azul turquesa que subira desnudando-lhe as coxas. A blusa rosa-choque por dentro da saia poderia causar um forte contraste com a cor dos cabelos, mas não. A blusa parecia seda e estava enrolada nos cotovelos, displicentemente. Meia dúzia de braceletes de ouro tilintavam no pulso enquanto trabalhava. Anéis brilhavam em seus dedos e as grandes argolas ciganas que usava apareciam por entre o cabelo desarrumado.

O coração doía de tanto amor. E as entranhas... Alex deixou escapar um suspiro. Ele queria, simplesmente, devorá-la. Centímetro por delicioso centímetro.

Que diabos ele faria, pensou, quando ela tentasse afastar-se de sua vida? Tinha certeza de que ela o faria, como fizera com os outros antes. Ele poderia prendê-la, sequestrá-la. Podia implorar ou ameaçar. Ele sabia que faria qualquer coisa a fim de mantê-la em sua vida.

O que o fizera supor que um dia encontraria uma mulher bonita e boa, com gostos simples e um estilo de vida sossegado? Alguém que se satisfizesse em ficar em casa enquanto ele trabalhava naqueles horários malucos? Que teria filhos e ajudaria a cuidar da casa cheia de crianças que ele desejava tão ardentemente?

Com Bess, nada era simples, nada sossegado. Ela nunca se satisfaria em ficar em casa, mas iria discutir com ele incessantemente, fustigá-lo até ele ceder e falar sobre os mais sórdidos aspectos de seu trabalho, aqueles pedaços de sua vida que queria manter trancafiados, longe de todos com quem se importava. Quanto a crianças... Droga, não sabia como colocar uma aliança no dedo dela, quanto mais pedir-lhe que o ajudasse a constituir uma família.

Estar apaixonado por ela o deixava indefeso, tornava-o idiota, despertava uma espécie de medo que nunca enfrentara como policial. Não medo pela vida. Mas pelo coração.

Ele só podia seguir o próprio conselho e deixar as coisas como estavam. Viver cada dia de uma vez, até que ela estivesse tão acostumada com ele que desejasse ficar.

Enquanto a olhava, ela parou de digitar e ergueu a mão até a nuca, pressionando-a rápida e impacientemente. A saia subiu um pouco mais quando se mexeu. Precisou do mais absoluto controle para não lamber os beiços. Ela apertou algumas teclas e um minuto depois, a impressora começou a fazer ruídos.

Com um sorriso no rosto e desejo no coração, Alex fechou a porta devagar. Trancou-a.

Ela pulou como um coelho quando as mãos desceram emseus ombros.

— Ninguém ensinou você a se sentar numa cadeira?

— Alexi. – Ela apertou a mão no coração galopante. – Você me assustou. Ai... – Deu um suspiro demorado e profundo, quando ele massageou-lhe as dores. – Que delícia!

— Você vai acabar causando danos permanentes à coluna se continuar sentada assim o dia todo.

— Eu estava planejando mergulhar numa banheira quente por dois ou três dias. – Ela entregou-se às mãos suaves.

— Cadê Lori?

— Ela não estava se sentindo muito bem. – Enquanto a impressora continuava a funcionar, Bess fechou os olhos. – Eu disse a ela que também estava indo embora. Depois mudei de idéia. Queria fazer algumas alterações para amanhã. – Ela cobriu-lhe a mão com a sua, acariciando-a até o punho. – Você disse que talvez precisasse trabalhar até tarde.

— A investigação tomou outro rumo. Vamos trabalhar tentando achar pistas de onde foi comprado o cordão com o coração, mas isto tem que ser feito durante o horário comercial.

— Achar pistas?

— Visitar joalherias – explicou. – Ver se podemos descobrir quando foram compradas. Vai levar tempo, mas..

— Você acredita que o coração tem um significado especial para ele?

— Algo do gênero, uma mulher partiu-lhe o coração e ele oferece um símbolo antes de acabar com elas? – perguntou, em tom baixo, enquanto continuava a massagear-lhe os músculos. – É óbvio demais para desconsiderar. Segundo o perfil psiquiátrico, ele seria alguém com problemas sexuais, por isso paga

mulheres. Ele as deseja e se detesta por isso, tanto quanto detesta o fato de elas estarem disponíveis. Ao que tudo indica, primeiro ele dá algumas demonstrações de cortejá-las... – Ele parou quando ela pegou um bloco. – Espere, McNee. – Apertou-lhe os ombros com força. – Não sei como você faz isso. Num minuto eu estou pensando em tirar você dessas roupas; no seguinte, me pego discutindo um caso. – Ele deu-lhe um beijo no topo da cabeça. – Nada de anotações.

Os dedos afastaram-se do bloco, com óbvia relutância.

— Gosto de ouvir você falar do seu trabalho. Quero que você seja capaz de discutir qualquer assunto comigo.

— Aparentemente eu posso. Mesmo sobre as coisas que não quero que você ouça. Tenho um problema com você, Bess. Você não me deixa colocá-la naquele canto seguro onde quero que você fique.

— Você só acha que quer que eu fique lá. – Sorrindo, puxou-lhe a mão para poder beijá-la. – No fundo, você gosta de mim exatamente onde estou. – Girando a cabeça, pressionou os lábios na palma da mão dele. – Vou ficar.

Ela sentiu os dedos dele ficarem tensos para depois, relaxar aos poucos e tocarem-lhe o rosto.

— Estava olhando você enquanto trabalhava.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha diante das palavras e da pitada de desejo que nelas percebeu.

— Estava?

— E pensando. – As mãos desceram até seus seios, apalparam-nos, moldaram-nos. – Fantasiando.

A cabeça reclinou-se na cadeira. A respiração acelerou.

— Sobre?

— As coisas que gostaria de fazer com você. – Através das camadas de seda, ele apertou-lhe os mamilos devagarzinho. – Para você.

Quando ela tentou mover a cadeira para encará-lo, ele aumentou a pressão e a manteve imóvel. Os olhos atônitos focaram no monitor. Podia ver o reflexo de si mesma na tela e as mãos dele movendo-se. Acariciando. Alisando.

Terrivelmente erótico ver e sentir. Com a boca seca, ela olhou os dedos dele desabotoarem sua blusa e viu a sombra escura do cabelo dele quando ele pressionou a boca ardente em seu pescoço. Ela ergueu a mão e segurou-lhe o pescoço ao mesmo tempo em que levantava a cabeça para oferecer mais.

— Posso desligar tudo em trinta segundos.

Ele a mordeu de leve, logo acima do decote.

— Não vou lhe dar a chance de desligar.

Ela riu, erguendo o outro braço para, de costas, capturá-lo num abraço.

— Estava me referindo ao computador.

Ele também teria rido, mas parara de respirar.

— Sei a que se referia.

— Mas eu... – Ele enfiou a mão debaixo da saia dela de modo repentino, abrasador. Antes que ela pudesse expressar o choque, ele já a levara ao êxtase.

— Eu olhei você. – Cada palavra queimava-lhe a garganta ao senti-la diluir-se em sua mão. – Eu desejei você. – Quase ensandecido, ele voltou a tocá-la, pressionando o rosto em seu pescoço enquanto o corpo dela tremia sem parar. – Você se lembra da primeira vez em que a encontrei aqui?

— O quê? – Ela não conseguia nem se lembrar do próprio nome. Só havia este desejo ensandecido que ele voltava a impingir a seu corpo. – Alexi, por favor. Vá para casa comigo, eu preciso... – Dessa vez ela gritou quando a terceira onda forte de prazer a consumiu.

— Eu desejei você daquela vez. – Com um movimento violento, ele girou a cadeira e a colocou de pé e seu corpo já enfraquecido amoleceu diante do que lia no rosto dele. – Deixe eu lhe mostrar exatamente o que desejei.

Este não era o amante gentil e paciente da noite anterior. Este homem com olhos ardentes e mãos impertinentes não a paparicaria e sussurraria palavras de amor exóticas. Este era o guerreiro que ela apenas vislumbrara. Ele iria *atacá-la.* Estivesse ou não pronta, ele lhe mostrava aquele lado sombrio e irrequieto mantido sob firme controle.

No momento em que a fitou, olhar ávido e concentrado, ela compreendeu que a excitação descambava para o primitivo quando trazia consigo um toque de medo.

Agarrou-a pelos cabelos e a puxou contra ele. O corpo parecia uma rocha, as entranhas vibrando como um vulcão em erupção. Nesse momento, só havia a força e a fúria do inevitável.

A boca sugou-a, a língua entrava cada vez mais fundo, enquanto com a mão livre soltava uma parte da camisa. Queria sua carne, tomado por um estado de excitação incontrolável. Aquela seda aquecida, aquelas curvas voluptuosas e músculos rijos. Tempo e lugar perderam todo impacto. Só havia aquele lugar. Só havia o momento. Só ela.

Dedos trêmulos de medo percorreram-lhe a espinha. Ela não sabia como era ser desejada daquele modo. Era tão imenso, tão violento, tão glorioso. Antes ele lhe dera mais do que jamais sonhara. Agora ele parecia compelido a lhe dar mais do que ela *ousara* sonhar.

Ao lado, a impressora parou de emitir seu ruído característico e passou a emitir apenas um zunido. O som baixo foi abafado pelas batidas de seu coração. As luzes fortes do escritório pareceram diminuir de intensidade quando ele agarrou-lhe os quadris e a pressionou com força contra ele.

— Você desencadeia uma guerra dentro de mim – ele murmurou quando as unhas arranharam-lhe o pescoço. – E não tem fim. Não tem paz. Diga meu nome. Quero ouvir você pronunciar meu nome.

— Alexi. – Quando os lábios voltaram a comprimir os seus, ele sentiu-lhe a respiração quente dentro da boca – Quero que me possua. Agora.

A louca voracidade a atordoou com tal ferocidade que sua boca tornou-se turbulenta, as mãos frenéticas. Dúzias de pequenas explosões abateram-se sobre seu corpo, unindo-se num imenso tumulto de sensações que golpeavam, machucavam e enfeitiçavam. Ela gemia quando tirou a roupa dele.

Ela ansiava por ele. Não conseguia parar. O poder e a pressão crescentes eram insuportáveis. E o calor, a fornalha, rajadas de fogo tornavam-lhe a pele escorregadia. A cabeça girava. Exultante, Bess levou a boca ao ombro nu de Alex, saboreando o gosto da pele. As mãos indóceis, ávidas, fizeram-na atacá-lo com unhas e dentes. A respiração sibilou em sua orelha quando ela baixou a mão para apertá-lo com dedos impacientes.

Frases confusas e dispersas serpenteavam-lhe na mente. Ouviu-as sair da própria boca e ressoar no ar pesado enquanto tentava recuperar o fôlego. Vociferando, ele agarrou-lhe os ombros e a deitou de costas.

Alex viu o rosto em brasa, os olhos cintilantes, as marcas dos dedos na pele de marfim, os arranhados causados pela barba por fazer. Mas se por um lado, poderia ter ficado chocado com a falta de cuidado, estava subjugado pelo desejo violento e desesperado de conquistar, consumir. De acasalar-se.

Ele via os sinais como marcas de ferro quente, símbolos que faziam dela sua propriedade. Só dele.

Com um movimento de cabeça, ele jogou o cabelo para trás. O movimento dos cabelos fez com que uma nova emoção queimasse a garganta de Bess. Nu, os músculos salientes, como prontos para a luta, ele era tão magnífico que a deixava atônita.

Depois ele a olhou e o sorriso prestes a se formar no rosto de Bess gelou-se de assombro.

— Ninguém faz você sentir tudo isso, exceto eu.

O sotaque se acentuara e o som lhe arrepiava a pele ardente. Ela só conseguia menear a cabeça.

— Ninguém toca você como eu. – Ele tirou as mãos de seus ombros e agarrou o corpete sob a blusa. – Ninguém vai possuir você de novo. Só eu.

Ele balançou a cabeça. Podia sentir o coração dela pulsando em suas mãos. Sentia o próprio coração pulsar.

— Você entendeu? Agora você é minha. – Os olhos de Bess arregalaram-se com o choque das mãos dele rasgando-lhe a roupa. – Toda minha.

Empurrou-a contra a mesa, observando a excitação do impacto de seus atos estampada no rosto dela. Sim, desejava excitá-la. Desejava chocá-la. Sobressaltá-la.

Os dedos afundaram em seus quadris enquanto a levantavam. Seu corpo estava retesado, tenso como um cavalo selvagem.

— Agarre-se a mim – ele ordenou, mas as mãos tempestuosas de Bess deslizavam naqueles braços escorregadios de suor. A respiração dele ficou mais pesada, os dedos afundando na pele macia. – Agarre-se a mim!

Foi então que seus olhos encontraram-se e Bess foi susfugada pela ferocidade e pela força que emanavam daquele olhar. Tragada pelo mar revolto de seus olhos, ela agarrou-o pelos cabelos e enlaçou-o com as pernas. Quando a penetrou, seu corpo de mulher arqueou-se, absorvendo o primeiro impacto de calor. Sentia-se queimar por dentro.

Sentiu a superfície gélida da mesa contra as costas e, depois, o peso dele sobre o seu corpo. Mas ela queria muito mais. Abraçou-o com força, acompanhando o ritmo rápido, frenético; o contato de línguas ecoando a intimidade de bocas coladas.

Alex não enxergava mais nada. Agora, só havia Bess e o desejo de possuí-la. E o desejo desesperado de ser possuído por ela. Imagens rodopiavam em sua mente. Sombrias, contundentes. Pensou que iria enlouquecer.

E de fato a loucura foi o próximo passo.

Em um frenesi, arrastou-a pela mesa, amassando papéis, derrubando xícaras vazias, espalhando lápis e canetas por todos os lados. Não conseguia tirar os olhos dela. Observava a névoa que deles se apossava, deixando-os insaciados, observava os lábios trêmulos a cada inspiração. A pele adquirira um tom de rosas, uma rosa numa redoma. Ele movia-se em ritmo vigoroso dentro dela, possuído por uma violenta fúria, num turbilhão de emoções que comprimiam-lhe a garganta com dedos afiados.

Demais, pensou Bess, tomada de frenesi. Mas nunca o suficiente. As luzes frias da sala estilhaçavam-se em arco-íris, cegando-a. Pareciam formar um halo em volta da cabeça de Alex, mas ela não pensou em anjos. Os olhos eram escuros, tão impiedosamente focados. Mesmo quando os seus pesaram, ela recusou-se a fechá-los.

Ah, vê-lo desejá-la. Possuí-la.

Ela não conseguia compreender as palavras por ele murmuradas, sem cessar. Mas compreendeu o que lia naqueles olhos. Rasgavam-se, tomados por uma louca paixão e não podiam parar. O lado animal assumira o controle e possuía garras afiadas e dentes cortantes.

Nenhum rumor além do som da respiração ofegante, o barulho das carnes

enlaçando-se e o impressionante cheiro de sexo fogoso, desesperado.

Sentiu o corpo dele ficar rígido, os músculos saltando dos braços que ela apertava virarem pedra. Ele gemeu seu nome, os olhos afiados como adagas. Quando derreteu-se dentro dela, ela gritou em triunfo e gritou mais uma vez, extasiada quando foi arrastada para a beira do precipício com ele.

A força que o atravessara apagou-se como um fósforo; ele desabou, com todo o peso, em cima dela. Tentando respirar, ele concentrou-se na fragrância de seus cabelos, inalando ao mesmo tempo seu perfume e o suave odor que emanava de seus corpos. Ele não conseguia encontrar o equilíbrio, a concentração, tão vitais para a sobrevivência Ele não tinha mais nenhuma dessas coisas sem ela.

Céus, ele podia senti-la vibrando debaixo dele, estremecendo com espasmos. E havia lágrimas misturadas ao suor do rosto dela.

Com o ar ainda preso nos pulmões, ele apoiou os cotovelos e sacudiu a cabeça, na tentativa de clarear os pensamentos. Ela soltou um som baixinho, um gemido que cresceu e diminuiu com o movimento. Tentando encontrar a gentileza que sempre fora tão natural nele, mudou de posição e começou a lhe acariciar os cabelos, os ombros, as costas.

Murmurando pedidos de desculpas, ele acalentou-a como se faz com uma criança.

— *Milaya,* desculpe, eu machuquei você. Devo ter machucado você. Não chore.

— Não estou chorando. – Mas é claro que estava. Ele podia sentir as lágrimas escorrendo quando ela deu-lhe beijinhos no rosto e no pescoço. – Apenas me diga que me ama. Por favor, diga que me ama.

— Eu amo você. Não! Não diga nada. – Ele cobriu-lhe a boca com delicadeza. – Você sabe que eu amo você.

— Eu amo você. – Ela continuou a dar-lhe beijinhos úmidos e trêmulos nas maçãs de seu rosto, no maxilar. – Você tem que acreditar que eu amo você.

Um punho de ferro apertou-lhe as entranhas, mas ele manteve a suavidade das mãos.

— Deixe-me abraçá-la.

Soluçando novamente, ela pressionou o rosto contra seu ombro.

— Nem agora você acredita em mim. Alexi, o que mais posso fazer?

— Eu acredito em você. – Mas ambos sabiam que o único objetivo da resposta era confortá-la. – Você me pertence. Acredito nisso.

— Você é tudo o que eu quero. – Ela relaxou contra o corpo, satisfeita por ele pelo menos acreditar nisso.

— Vamos acabar com as lágrimas?

— Vamos.

Ele levantou-lhe o queixo para examinar-lhe o rosto.

— O quanto machuquei você?

— Acho que sentirei as conseqüências por dias. – Ela sorriu um pouco. – O quanto eu machuquei você?

Os olhos dele estreitaram-se e o sorriso dela alargou-se.

— Você não está... zangada?

— Com o quê?

— Comportei-me como um animal. – Com a mão ainda trêmula, ele afastou o cabelo desalinhado do rosto dela. – Possuí você na mesa como um lunático.

— Eu sei. – Depois de um longo e satisfeito suspiro, ela deitou o corpo preguiçosamente por cima do dele. – Foi maravilhoso.

— Foi mesmo? – A culpa transformou-se aos poucos em orgulho. – Você gostou?

Após ter sido tão perfeitamente possuída, não era difícil massagear o ego dele.

— Foi como ser dominada por um bárbaro. Nem conseguia compreender suas palavras. Foi excitante. – Ela beijou-lhe uma bochecha. – Assustador. – E depois a outra – Foi também a mais erótica experiência da minha vida.

— Você estava chorando.

— Alexi. – Ela tocou-lhe o rosto com a mão. – Você não apenas me domina. Você me emociona. Nunca ninguém me fez sentir mais desejada. Mais irresistível.

— Eu não posso resistir a você, mas lamento ter deixado marcas em você.

— Não me importo. Não nessas circunstâncias. – Após outro luxurioso suspiro, ela correu o olhar pela sala. – Se bem que não sei como vou poder conseguir trabalhar aqui de novo.

Agora ele riu, maldoso.

— Talvez sirva de inspiração.

— Você tem razão. – Ela moveu-se para sentar-se em cima dele e viu os olhos sonolentos percorrerem-lhe os seios e as costas. Possibilidades, pensou. Definitivamente havia possibilidades naquele olhar.

— Como policial, imagino que você foi submetido a treinamento físico árduo.

As possibilidades também haviam lhe ocorrido.

— Com certeza.

— E você deve ter incrível poder de recuperação.

A sobrancelha arqueou-se.

— Sob as condições apropriadas.

— Ótimo. – Para se certificar, ela as criou passando as mãos no peito ainda reluzente de suor.

Com uma risada, ele pegou-lhe os punhos.

— McNee, não prefere recomeçar na cama?

Como resposta, ela debruçou-se, deixando escapar um leve sopro. Colocou para fora a ponta da língua e contornou-lhe a boca, enfiou-a provocante e depois a retirou. Suavemente, provou-lhe os lábios. Consumida pelo desejo, tornou o beijo mais provocante.

— Isso lhe serve de indício, detetive?

CAPÍTULO ONZE

Não acredito que queira passar o sábado de manhã numa academia de ginástica abafada. – Alex tentava demovê-la da idéia, apesar de já estarem subindo as escadas de ferro que conduziam à academia de Rocky.

— É a sua academia abafada – disse Bess e deu-lhe um beijo.

Os últimos dias haviam sido uma espécie de lua-de-mel, pensou Bess, se excluísse as horas que passavam no trabalho. Mas aproveitaram cada momento juntos, aninhados no sofá da sua casa, preparando uma refeição na dele ou rolando na cama, fosse na casa dele ou dela.

Começava a ter esperanças de que ele acreditava em seu amor. E quando ele finalmente acreditasse, ela pretendia que eles dessem o próximo passo. Um passo que os levaria a uma lua-de-mel de verdade, com tudo a que tinham direito.

— Ontem você foi me buscar na minha academia – ela argumentou.

— Aquilo não era uma academia. – Não havia a menor sombra de deboche masculino em sua voz. – Era um lugar para se exercitar. Iluminação sofisticada, música de consultório médico, espelhos por todo lado.

— Pelo menos assim vou ser capaz de ver quando meu traseiro começar a despencar.

Ele deu-lhe uma palmadinha amigável.

— Eu conto para você.

— Experimente e morre – disse,espirituosa e empurrou as portas de vidro jateado.

Na hora lhe veio à cabeça todos os filmes-B de boxe que já assistira. Na sala imensa ressoavam urros, socos e pancadas. Cheirava a mofo, a suor e... Ela voltou a inspirar e decidiu que não queria saber qual era o outro odor. Canos expostos ao longo do teto e das paredes e um chão de madeira que parecia ter sido furado por estacas. O ringue de boxe, montado num canto, ocupado por dois homens compactos movendo-se em shorts minúsculos, um tentando acertar o olho do outro.

Três sacos de areia pendurados em pontos estratégicos. Um homem seminu cujo corpo parecia um caminhão de cimento tentava destroçar um deles.

Outros homens malhavam peso, as veias saltadas, os músculos inflados.

Ali não tinham a menor preocupação com espelhos e iluminação. Também não vislumbrou nenhum dos equipamentos de alta tecnologia com os quais estava acostumada. Ali imperavam os agachamentos, suor e socos. Ela teve sérias dúvidas quanto à existência de alguma loja de sucos nas proximidades.

— Ficou satisfeita? – perguntou Alex, obviamente divertindo-se com a idéia de ela tirar o agasalho e treinar com os caras.

A princípio boquiaberta, Bessfechou a boca; depois, respondeu ao sorriso com olhar frio.

— Eu ainda nem comecei.

Foi a vez de Alex ficar boquiaberto quando ela tirou o blusão. Por baixo usava uma camiseta curta e justa com listras em ziguezague verdes e roxas. Quando ela tirou o short ele atirou o blusão em cima dela.

— Meu Deus do céu, por favor, coloque a roupa. – A parte de baixo chegava a ser pior. Por cima das meias colantes, ela usava uma minúscula tira de spandex que cobria pouco mais do que um biquíni fio dental. – Você não pode usar esta roupa aqui.

— É ilegal? – Ela curvou-se para guardar o moletom na bolsa de ginástica e ouviu o barulho ruidoso de pesos se estatelarem no chão. Mantendo a posição, virou a cabeça e sorriu para um homem que a fitava, os olhos arregalados,

Os gritos e assovios começaram imediatamente, o som vibrando e sacudindo as paredes de concreto cinza. Alex receava que tivesse início uma baderna – e talvez ele próprio a incitasse.

— Droga, ponha uma roupa antes que eu tenha que matar alguém.

— Eles parecem inofensivos. – Ela ergueu-se novamente e levantou os braços para prender o cabelo ondulado num rabo-de-cavalo. – De qualquer forma, vim para me exercitar. – Com um sorriso desafiante, flexionou um músculo. – Quanto peso você põe para fazer peitoral?

— McNee, não ouse... – Ele terminou a frase com um palavrão quando ela alegremente atravessou a sala para conversar com o halterofilista. O cara de uns noventa quilos de músculos começou a gaguejar como um adolescente. Alex não teve outra escolha a não ser lançar um olhar ameaçador, como um cão de guarda faria para uma alcatéia de lobos invasores, antes de ir atrás dela.

Ela dispensou-o, é claro. Deveria saber como reagiria. Os homens começaram a bater papo, rolaram de rir e finalmente se reuniram para mostrar-lhe a forma correta de fazer agachamentos, abdominais e exercitar-se na máquina extensora de pernas.

Em menos de uma hora já haviam lhe mostrado fotos das mulheres e filhos, contado histórias tristes sobre namoradas e parado de lançar olhares provocativos, a não ser a uma razoável distância.

— Tem certeza que quer treinar? – perguntou Alex novamente, socando as mãos enluvadas.

— Absoluta. – Ela sorriu para Rocky quando ele amarrou-lhe as luvas. – Não poderia ir embora sem uma luta deboxe.

— Cuidado com a esquerda dele. É das boas – avisou Rocky. – O garoto podia ser lutador se não tivesse escolhido ser policial.

Ela piscou para Rocky.

— Tenho pés ágeis. Ele não vai encostar uma luva em mim.

Dois de seus novos admiradores afastaram as cordas para que ela pudesse entrar no ringue. Adorando a sensação, ela ajustou o capacete acolchoado.

— Não devemos usar estes engraçados aparelhos ortodônticos?

— O quê? Ah! Protetores de boca? – Ele não conseguiu resistir. Curvou-se e deu-lhe um beijo, gerando uma saraivada de assobios. – Meu amor, não vou bater em você. – Num gesto amigável, bateu as luvas nas dela. – Ok, coloque as mãos para cima. – Ela obedeceu, elevando-as em direção ao teto e ele revirou os olhos. – Não vou prendê-la, McNee. – Paciente, colocou-lhe as mãos em posição de defesa.— Agora, você precisa preparar a guarda. Viu só? Mantenha a esquerda elevada, mantenha elevada. Se eu atacar você assim... – Deu um *jab*em câmera lenta tocando-lhe o queixo – ...Você bloqueia e dá um *jab.*Isso.

— E eu posso fingir que vou dar um golpe de esquerda – disse, demonstrando.

— Se quiser.

Céus, ela era uma graça.

— Agora tente aqui – mandou, batendo no próprio queixo. – Vai fundo, bata com força. – Quando ela socou sem muito empenho, ele sacudiu a cabeça. – Não, você soca como uma garota. Jogue toda a força do corpo no golpe. Finja que sou Dawn Gallagher.

Os olhos iluminaram-se e ela deu um *swing* – aquele cruzado que vai de cima para baixo – pra valer, apenas conseguindo chegar ao bloqueio.

— Ei, este foi bom.

Impressionada, ela moveu-se de novo.

— Mas eu tenho que me mover em círculos, certo? Enganar você com minha graça e meu gracioso movimento dos pés.

Ela deu um *swing.* Os espectadores aplaudiram e Alex sorriu.

— Você tem estilo. Vamos trabalhar esse golpe.

Ele achava divertido mostrar-lhe os movimentos. E certamente não faria mal a uma mulher habitante da cidade aprender como se defender com algo mais do que uma pistola de água cheia de amônia.

— É engraçado. – Ela curvou a cabeça como ele lhe ensinara e tentou dois rápidos golpes com a esquerda.

— Tem sempre espaço para outro peso-mosca – gritou Rocky para ela. – Vamos, Bess, golpeie o corpo.

Gargalhando ela mirou Alex na linha da cintura e esquivou-se do golpe suave na direção de seu queixo.

— Você fica tão lindo usando short de ginástica – murmurou Bess.

— Não tente me distrair.

— Bem, você me distrai. – Ela voltou a dançar em volta dele e rindo ele virou-se na sua direção.

— Ok, isto deve... – Ele acabou na lona quando ela golpeou-lhe com força o queixo, derrubando-o sentado.

— Meu Deus! – Ela agachou-se no mesmo instante, batendo-lhe no rosto com as luvas, na tentativa de acariciá-lo. – Ai, Alexi, desculpe. Eu machuquei você?

Ele articulou a mandíbula, lançando-lhe um olhar sombrio.

— Cruzada certeira – murmurou quando os caras entraram no ringue para cumprimentar Bess e levantá-la no colo – a campeã.

— Lamento de verdade – repetiu Bess quando começaram a descer as escadas de ferro. Mas ela apalpava o pequeno pedaço de metal gravado que Rocky prendera, com alguma cerimônia, em seu blusão. – Você disse para não poupar meus golpes.

— Eu sei o que disse.

Teria sorte se não ficasse com uma mancha roxa, refletiu. E como diabos explicaria isso?

— Você só conseguiu furar a defesa porque eu já terminara.

Ela passou a língua nos dentes e saiu.

— Hum-hum.

— Não banque a espertinha comigo, McNee. – Ele a pegou entre os braços e a rodopiou. – Ou vou exigir uma revanche.

Loucamente apaixonada, ela passou os braços em torno do pescoço dele.

— Quando quiser.

— Ah, é? Que tal... – Ele interrompeu-se com uma careta quando o bip soou. – Desculpe.

— Tudo bem. – Ela apenas suspirou quando ele pegou o telefone e atendeu. Parada a seu lado, olhando-lhe o rosto, ouvindo os comentários tensos, ela percebeu que os planos para o piquenique no parque e compras estavam a ponto de serem cancelados.

— Você já fez cara de policial – afirmou, quando ele desligou. – Você foi chamado?

— Fui. – Mas ele não lhe contou que haviam achado outra vítima. Já era horrível estragar os planos para o dia. – Provavelmente vai demorar um tempo. Sinto muito, Bess.

— Olhe para mim. – Pegou-lhe o rosto entre as mãos. – Eu compreendo. Faz

parte.

Ele levou-lhe as duas mãos aos lábios.

— Eu... – Mas ele não lhe disse que a amava porque ela repetiria como um eco, o que o deixava nervoso. Em vez disso, disse apenas: – Eu realmente aprecio sua compreensão e vou recompensá-la.

— Já sei. Vou terminar o que preciso fazer e dou uma passada no supermercado. Vou preparar o jantar. Algo que não estrague se tiver que ser esquentado umas duas vezes no mínimo.

Embora a mente já se distanciasse dela, conseguiu dar um sorriso aflito.

— Você vai cozinhar?

— Não sou tão terrível assim. Não sou mesmo – insistiu, bufando de raiva quando ele sorriu. – Só queimei as batatas naquela noite porque você não parava de me distrair.

— Acho que é o mínimo que posso fazer. – Deu-lhe um beijinho e depois um mais incrementado. – Vou tentar ligar.

— Se puder. – Ela deu tchau e ficou olhando-o correr para o metrô. Dando um risinho, rodopiou, abraçando-se.

Sentia-se a própria esposa do policial.

***

— Espero que não se importe por eu ter dado uma passada aqui sem avisar.

— Claro que não. – Rachel olhou a montanha de sacolas nas mãos de Bess. – Tem andado ocupada?

— Toda vez que começo a usar aquele cartãozinho de plástico, não consigo parar. – Ela jogou as compras pela porta do apartamento. – Você está ótima. Como pode estar tão linda menos de uma semana depois de ter tido um filho?

— Genes fortes. – Satisfeita em geral e com Bess em particular, Rachel deu-lhe dois beijinhos. – Vamos sentar.

— Obrigada. Eu... Ups... – Ela revirou a bolsa e tirou uma caixa de chocolates embrulhada em papel dourado. – Para a mamãe.

— Ah! – Os olhos de Rachel brilharam como os de uma mulher ao encontrar o amante, ou uma caixa de 2 kg de chocolates especiais. – Acho que você acaba de virar minha melhor amiga.

Rindo, Bess voltou a remexer nas sacolas.

— Bem, sei que as pessoas costumam trazer presentes para os bebês. – Ela entregou uma caixa embrulhada num papel branco neve com pirulitos vermelhos presos. – E embora eu não pudesse ir contra a tradição, calculei que você merecia algo realmente pecaminoso.

— Preciso mesmo. – Rachel colocou a caixa de presente do bebê debaixo do outro braço. – Que gracinha, Bess, mas não precisava. Você e Alex já trouxeram para Brenna aquele maravilhoso dragão de pelúcia.

— Foi um presente nosso. Este é meu. Coisa de meninas. Eu vi este minúsculo vestido de organdi branco cheio de babados e pequeninos laçarotes cor-de-rosa e não pude resistir.

O coração materno de Rachel se desmanchou.

— Sério?

— Imaginei que daqui a um ano ela pode querer usar botas de motoqueira então essa pode ser sua única chance de arrumá-la feito uma princesa.

— Eu jurei que independente do sexo do bebê, não tomaria decisões sobre sua maneira de vestir ou atitude. – Ela suspirou olhando para a caixa. – Organdi branco?

— Seis babados. Eu contei.

— Mal posso esperar para colocar nela.

— Ah, temos companhia! – Mikhail saiu do quarto com Brenna no colo. – Oi, tia Bess. – Ele beijou-lhe as bochechas e depois a boca.

— Você disse que não iria acordá-la – reclamou Rachel, que já estava curvando-se para olhar a filhota embevecida.

— Eu não a acordei. O que é isto? – Reconhecendo a caixa de papel dourado, ele a abriu e admirou-lhe o conteúdo.

— Isso é meu! – resmungou Rachel bufando de raiva. – Você sempre come mais de um. Vou quebrar seus dentes.

— Ela sempre foi pão-dura – disse comendo o primeiro. – Onde está Alexi?

— Ele foi convocado.

— Ótimo. Assim você tem tempo de posar para mim. Vou fazer um esboço.

— Agora? – Como qualquer mulher, Bess levou a mão os cabelos. – Não estou vestida de acordo.

— Quero seu rosto. – Obviamente acostumado a se comportar como se estivesse em casa, abriu uma gaveta uma das mesas e pegou um bloco. – Talvez eu faça seu corpo depois. Você tem um bom corpo.

Bess soltou um risinho.

— Obrigada.

— Você não tem outra alternativa a não ser cooperar – disse Rachel e levantou-se pra pegar o bebê. – Quando artista encarna nele, você não tem chance.

— Estou envaidecida, sério.

— Não há motivos – disse Mikhail, indiferente, enquanto selecionava um lápis apropriado. – Você tem a cara com que nasceu.

— Graças a Deus, isso não é bem verdade.

Ele demonstrou interesse.

— Você fez plástica?

— Não. Meu rosto mudou um pouquinho com a idade.

— Aí não – disse, antes que Bess pudesse sentar-se – Ali, perto da janela, onde tem luz. Rachel, quando vai me servir aquele drinque prometido?

— Está a caminho. – Ela parou de cheirar Brenna e levantou o olhar. – O que você quer,Bess?

— Qualquer coisa gelada. E pegar o bebê no colo.

— Posso atender aos dois pedidos. – Rachel colocou a filha com suavidade nos braços de Bess. – Ela quase não chora. E acho que vai ficar com os olhos azuis, como os de Zack.

— Ela é linda. – Bess inclinou-se para pousar os lábios nos cabelos escuros encaracolados e sentir aquele indescritível cheiro doce dos bebês. – Como todos vocês.

— Saia – ordenou Mikhail à irmã. – Você está na minha frente.

Soltando um insulto em ucraniano, encaminhou-se para a cozinha.

— Pode falar se quiser. – Mikhail fez um gesto com o lápis e começou a desenhar.

— É uma de minhas especialidades. – Ela já se esquecera do convencimento. – Onde estão Sydney e Griff?

— Griff está resfriado. – O lápis movia-se em rápidos e destros rabiscos no bloco. – Sydney paparica ele demais, apesar de dizer que sou eu quem paparico ele e me mandou dar uma volta.

— Dar uma volta significa aparecer aqui em casa pra me atazanar – gritou Rachel.

— Ela está contente em me ver – disse Mikhail. – Porque se sente sozinha já que Zack e Nick estão monitorando a obra do novo apartamento.

— Ah, é mesmo, vocês vão se mudar. – Descontraída, Bess colocou as pernas para cima. – Alexi mencionou a mudança.

— Precisamos de um lugar maior. Obviamente, tudo estava programado para ficar pronto um mês atrás, mas as coisas nunca saem no tempo estipulado. Vou ter que abrir mão deste apartamento – disse Rachel chegando com uma bandeja de bebidas geladas. – E deixar de ter Nick sob minha tutela. Mas acho que ele vai gostar de ter um apartamento só para ele.

Bess pegou o copo com a mão livre, embalando suavemente o bebê com o outro braço.

— Acho que ele está tão caidinho por Freddie quanto ela por ele.

Por um momento, Rachel ficou estática, olhando. Depois deixou escapar um

riso baixo.

— Alex disse que você notou um clima.

— Faz parte do meu trabalho.

Rachel não se considerava mestra na arte de ler os sentimentos dos outros.

— E qual o tamanho da atração que você tem por Alexi?

— A maior existente. – Bess sorriu e esfregou a bochecha na de Brenna. – Ele acha que sou volúvel. Inconstante. Mas não sou. Não com ele.

— Por que ele pensaria tal coisa?

— Tenho uma lista de experiências bem variada. Mas é diferente com ele. – Quando Bess abaixou a cabeça para sussurrar algo para o bebê, Rachel olhou o irmão. Eles se compreendiam sem necessitarem de uma só palavra. – No fundo, invejo pessoas como sua irmã, Natasha – prosseguiu Bess. – Três lindos filhos, um marido que depois de anos juntos ainda a olha como se não pudesse acreditar que ela lhe pertence. Um trabalho de que gosta. Invejo tudo isso.

— Gostaria de ter uma família?

— Nunca tive uma.

Rachel sabia que seus instintos de advogada a guiavam, mas não conseguiu evitar continuar na mesma linha de perguntas.

— Você se importa por ele ser um policial?

— Se eu me importo? – Bess franziu o cenho, demonstrando surpresa. – Não. Você está me perguntando se eu me preocupo? Aí a resposta é sim. Mas não há nada que eu possa fazer para mudar ou que eu queira mudar. Eu o amo do jeito que ele é.

— Ele está fazendo você ficar triste – disse Mikhail, baixinho.

— Não. – A negativa de Bess foi rápida o suficiente para estremecer o bebê cochilando. Ela a acalmou automaticamente enquanto balançava a cabeça. – Não, claro que não.

— Posso ler seus olhos.

E ele iria ler, percebeu, sentindo o calor aquecer-lhe o rosto.

— O problema é que ele não confia em mim, em meus sentimentos. Ou, suponho, na constância de meus sentimentos. Não é culpa dele.

— Ele sempre foi o desconfiado de nossa família – afirmou Mikhail, demonstrando um aborrecimento fraternal. – Nunca acreditou em nada. Vou ter uma conversinha com ele.

— Ah não! – Desta vez, ela riu. – Ele ficaria furioso conosco. Todo aquele orgulho eslavo e o ego masculino.

Instantaneamente os olhos de Mikhail estreitaram-se.

— E o que tem de errado nisso?

— Nada. – Sorriu para Rachel. – Nadinha. Pode deixar que vou vencê-lo pela

persistência, do meu jeito. Na verdade, vou começar hoje. Vou preparar o jantar. Pensei talvez em ligar para sua mãe e descobrir qual o prato preferido dele.

— Eu posso responder à sua pergunta – ofereceu-se Raquel. – Qualquer coisa.

— Bem, isso certamente aumenta minhas alternativas. Você acha que ela ficaria aborrecida se eu ligasse e pedisse umas receitas? Minhas habilidades culinárias são, na melhor das hipóteses, limitadas.

— Ela adoraria. – Rachel riu sozinha. Sabia que a mãe desligaria o telefone e de imediato começaria a planejar o casamento.

Passava da meia-noite quando Alex entrou no apartamento de Bess com a chave que ela lhe dera. Ele estava exausto de fadiga e a cabeça doía de tanto café. Mas isso era o natural;fazia parte de seu trabalho, assim como preencher relatórios ou seguir uma pista. Mas o peso no estômago era algo novo.

Ele teria que lhe contar.

Ela deixara a televisão ligada num filme antigo em preto e branco. Uma mulher gritava de terror e corria por uma praia iluminada pela lua. Quando tirou a jaqueta, Alex atravessou a sala para acender a luz. Antes que pudesse alcançar o interruptor, viu Bess enroscada no sofá.

Ela esperara por ele. A doçura de tal gesto o invadiu e ele agachou-se a seu lado. Por tantos anos encontrara uma casa vazia, sem ninguém a esperá-lo. Suavemente afastou os cachos vermelhos do rosto e beijou-lhe as faces. Ela estremeceu, murmurando. Abriu os olhos.

— Vou carregar você para a cama – sussurrou. – Volte a dormir.

— Alexi. – Ela levantou a mão para acariciar-lhe o rosto que não barbeara aquela manhã. A voz estava pesada de sono, os olhos enevoados. – Que horas são?

— Já é tarde. Você devia ter ido para a cama.

Ela emitiu um vago som de discordância e apoiou-se no cotovelo.

— Eu estava esperando você, mas o filme era tão ruim... – Esfregou os olhos como uma criança, com uma risada fraca. – Ele me apagou. – Cruzou os braços, segurando os próprios ombros antes de inclinar-se para beijá-lo. – Você teve um dia puxado, detetive.

— Tive. – E talvez, por ela estar semi-adormecida, ele podia pôr de lado o restante. – Você também. Vou levá-la no colo.

— Não. Estou bem. – Ela sentou-se, bocejando. – Você comeu alguma coisa?

— Um sanduíche. Lamento muito, tentei ligar.

— E foi atendido pela secretária eletrônica – disse, com um aceno de lástima. – Eu esqueci a páprica e tive que voltar ao supermercado.

— Você cozinhou? – A idéia ao mesmo tempo o emocionou e acentuou-lhe a culpa.

— Foi divertido. – Era tão gostoso recostar-se nele, quando ele se sentou no sofá e passou um braço em torno dela. Aconchegante, correto e maravilhosamente simples. – Fiz a receita de sua mãe de galinha e pastéis, estilo húngaro.

— *Csirke paprikas?* – Em outra ocasião teria ficado com água na boca. – Dá um bocado de trabalho.

— Foi uma aventura culinária, e a faxineira provavelmente vai pedir demissão na segunda, depois de ver o estado da cozinha. – Ela riu para ele e depois lhe esfregou os nós dos dedos na bochecha ao reparar na expressão do olhar. – Não se preocupe. Dá pra comer no almoço amanhã. Depois... – Ela aconchegou-se mais ainda. – ...se você estiver se sentindo realmente culpado, vou aceitar aquela oferta de ir no colo para o quarto. E tudo o mais que você puder imaginar.

Mas em vez de rir e pegá-la no colo, ele desligou a televisão.

— Precisamos conversar.

O tom da voz a deixou nervosa, mas concordou. Ele julgou que talvez fosse melhor – para os dois – se tomassem o *brandy* que ela lhe oferecera numa crise anterior. Ensaiando as palavras na mente, caminhou até o armário laqueado.

— É sério – murmurou, apertando os lábios com força. O primeiro pensamento foi que ele mudara de idéia quanto a ela. Que, afinal, tivesse dado aquela boa olhada que ela tanto temia e percebido o erro.

— É sério – concordou Alex, trazendo os copos para o sofá. – Tome. Beba um pouco.

— Não se preocupe. Eu não faço cenas.

Ele levou o copo de *brandy* aos lábios dela.

— Só um pouco, *milaya.*

Ela fechou os olhos e fez o que ele pediu. Ele não poderia dizer aquela palavra tão doce, naquele tom apaixonado, se tivesse mudado de idéia.

— Está bem. – Respirou fundo e voltou a abrir os olhos.

— Aconteceu outro assassinato a noite passada.

— Ai meu Deus, Alexi. – No mesmo instante a imagem do corpo mutilado de Crystal LaRue surgiu como um flash. Segurou-lhe a mão nas suas e apertou-a. – A noite passada?

— O recepcionista a encontrou de manhã. Eles tinham um acordo. Ela só usava o quarto para trabalhar e ele ficou grilado por ela não ter saído e lhe dado uma gorjeta. – Ele contava tudo devagar, deliberadamente, para que o horror geral passasse antes que ele entrasse nos detalhes e a atingisse. Voltou a colocar o copo de *brandy* em seus lábios. – Ela alugara o quarto três vezes a noite

passada. Ele conseguiu ver o terceiro cliente quando subiram, então o fizemos olhar pilhas de fotos quase o dia inteiro.

— Você vai pegá-lo.

— Se vou. Não há dúvidas a respeito dessa vez. Ele não encontrou a foto do cara nos arquivos, mas deu ao policial uma descrição detalhada. Vamos colocar o retrato falado no ar. Dessa vez vamos conseguir o tipo sanguíneo também, DNA e outras coisas mais.

— Você vai colocar as mãos nele em breve.

— Não breve o suficiente. Bess, a mulher... – Os dedos dele apertaram os seus, mas ele lhe deu a péssima notícia da maneira mais gentil que conhecia. – ... Era Rosalie.

Ela ficou paralisada e ele viu, sem nada poder fazer, a cor simplesmente sumir-lhe do rosto.

— Não. – Ela tentava soltar a mão, mas ele a manteve presa entre as suas. – Você está enganado. Cometeu um erro. Eu acabei de vê-la. Falei com ela dois dias atrás.

— Não há engano. – A voz dele endureceu, para o bem dela. – Eu mesmo a identifiquei. Chequei as impressões digitais dela; o recepcionista reconheceu o corpo. Bess, era Rosalie.

O grito de dor entrecortado cruzou o ar. Ela passou os braços em torno de si mesma e começou a balançar.

— Não – disse, quando ele tentou abraçá-la. – Não, não, não!

Ela afastou-se, precisando de distância, desesperada em encontrar um modo de lidar com aquela raiva sem respostas a crescer dentro dela.

— Ela não precisava morrer. Não é certo. Não é justo morrer desse jeito.

— Nunca é justo.

Foi o tom dele, o frio distanciamento, que a fez virar-se furiosa.

— Mas ela era apenas uma prostituta. Não se envolva, certo? Não sinta nada. Não foi isso que você me disse?

Ele ficou imóvel, como se ela tivesse puxado um revólver e mirado nele.

— Acho que disse.

— Eu queria ajudá-la, mas você me disse que eu não podia. Você me disse que era um desperdício de tempo e de energia. E você estava certo, não estava, Alexi? Como deve ser incrível estar sempre certo.

Ele recebeu o golpe. O que mais poderia fazer?

— Por que não se senta,Bess? Você vai passar mal.

Ela queria quebrar alguma coisa, estilhaçá-la, mas nada era precioso o bastante.

— Eu *gostava* dela, droga. Eu gostava dela. Ela não era apenas uma trama

para mim. Era uma pessoa. Tudo que ela queria era ir para o sul e comprar um *trailer.* – Respirando com dificuldade, cobriu a boca com as mãos. – Ela não podia ter morrido assim.

— Eu gostaria de poder mudar o que aconteceu. – O gosto amargo de fracasso transformou-lhe a voz em gelo. – Juro por Deus que gostaria. – Antes que se desse conta, atirara o copo na parede. – Como pode saber o que eu senti quando entrei naquele quarto imundo e a encontrei daquele jeito? Como diabos pode saber o que é encarar a situação e saber não ter sido capaz de mudá-la? Ela era uma pessoa para mim também.

— Sinto muito. – Bess agora chorava por Rosalie, por ela, por Alex. – Alexi, desculpe.

— Pelo quê? – ele retrucou. – Era a verdade.

— Fatos. Não verdade. – Ele tentara suavizar o golpe, protegê-la, mesmo com as próprias emoções à flor da pele. Ele precisava de conforto. Os olhos turvos de fadiga e dor, uma dor que ela talvez nunca compreendesse, mas ele precisava protegê-la. E ela não tinha permitido. – Abrace-me, por favor. Preciso que me abrace.

Por um instante, ela teve medo de ele não se mover. Mas, ele foi a seu encontro. Apesar dos braços rígidos de tensão, eles a enlaçaram.

— Não tive a intenção de magoar você – ela murmurou, mas Alex apenas sacudiu a cabeça e afagou-lhe os cabelos. Sofrendo, ela virou o rosto em direção ao pescoço dele. – Eu queria que fosse mentira de algum jeito. Acusá-lo de ter errado para que tudo pudesse estar errado. – Apertou os olhos com força e os manteve cerrados. – Ela era alguém.

O olhar perdeu-se sobre seu ombro ao se lembrar de uma das últimas coisas que Rosalie lhe dissera. Ela *me trata como alguém.*

— Eu sei.

— Você vai pegá-lo – disse, com violência.

— Nós vamos pegá-lo e encarcerá-lo. Ele não vai ferir mais ninguém. – Embora as palavras dela ainda o magoassem, ele a embalou. Contaria o resto, na esperança de que isso a ajudasse. – Ela carregava um punhal.

— Eu vi. Ela me mostrou.

— Ela o usou. Não sei a gravidade do ferimento dele mas ela lutou com todas as forças. Está gravado.

— Gravado? – Com os olhos em estado de choque, ela recostou-se. – Meu Deus! O gravador. Eu lhe dei meu mini gravador.

— Eu imaginei. Se isso lhe serve de consolo, o fato de tê-lo dado a ela e de ela ter decidido usá-lo fará uma grande diferença. Uma enorme diferença.

— E você ouviu – disse, os lábios secos. – Você ouviu...

— Temos tudo. Desde a negociação na rua até... o final. Não me pergunte,Bess. – Ele levantou a mão para segurar-lhe o rosto. – Mesmo se eu pudesse lhe contar o que está no gravador, não o faria.

— Eu não ia perguntar. Acho que não conseguiria suportar ter conhecimento do que aconteceu naquele quarto.

Mais calmo, ele observou-lhe o rosto.

— Tenho apenas poucas horas. Preciso sair bem cedo de manhã. Você quer que eu fique com você ou prefere que eu vá embora?

Ela o ferira mais do que supunha. Talvez a única forma de curar a ferida fosse admiti-lo e mostrar a ele o quanto precisava de consolo. Do consolo dele. Puxando-o para perto, recostou a cabeça em seu ombro.

— Quero você comigo, Alexi. Sempre. E hoje... Acho que não conseguiria sobreviver a esta noite sem você.

Começou a chorar. Alex a pegou e a carregou até o sofá, onde eles podiam deitar e sofrer juntos.

CAPÍTULO DOZE

Judd flexionou a mão no volante ao entrar na rua 76 West. Dessa vez não estava nervoso e sim ansioso. A idéia de trazer Wilson J. Tremayne III, neto de um senador americano, para interrogatório pelo assassinato de quatro mulheres o agitava.

Eles o pegaram, pensou Judd. Sabia que tinham o cafajeste. O retrato falado, o tipo sanguíneo, a gravação da voz. Havia sido um trabalho rápido, graças à sorte, refletiu. O gravador de Bess havia possibilitado o reconhecimento, uma dessas surpresas do trabalho policial que não cessava de fasciná-lo.

Trilwalter identificou Tremayne pelo retrato falado. Judd lembrou-se de que o chefe examinara o trabalho do retratista com um olhar demorado e duro e, depois, ordenou que Alex procurasse por fotos em jornais antigos. O recepcionista reconhecera a foto de Tremayne num jornal dentre cinco outras.

A partir daí, Alex usara um contato em um dos canais locais de televisão e conseguira um videoteipe de Tremayne fazendo campanha para o avô. Os caras do laboratório iniciaram de imediato o trabalho e confirmaram ser a mesma voz do gravador de Bess.

Judd ainda sentia o estômago embrulhar sempre que pensava no que ouvira naquele gravador. Mas procurava não demonstrar seu nojo ao parceiro. Assim como sabia que Alex também escondia sua própria ansiedade.

— Então – disse, em tom casual – você acha que os Yankees têm chance de ganhar este ano?

Alex nem levantou o olhar. Era capaz de perceber a excitação do parceiro.

— Quando um policial começa a passar a língua nos lábios, ele se esquece das coisas. Direitos, Miranda, causa provável, comete todo tipo de pequenos erros de procedimento que ajudam o bandido a ganhar nos tribunais e voltar para as ruas.

Judd contraiu as mandíbulas.

— Não estou lambendo os lábios.

— Malloy, você vai babar a qualquer instante. – Alex olhou o bonito prédio antigo enquanto Judd procurava um lugar para estacionar. Os detalhes góticos o encantavam, assim como as janelas altas e estreitas e os terraços ajardinados. Tremayne morava na cobertura duplex de um condomínio elegante, com vista para o parque e um porteiro uniformizado.

Ia e vinha como bem entendia, usando ternos italianos e relógio suíço. E quatro mulheres estavam mortas.

— Não leve para o lado pessoal – disse Alex ao saírem do carro. – Regra número cinco de Stanislaski.

Mas Judd se tornava especialista em entender o parceiro.

— Você o quer tanto quanto eu.

Os dois se entreolharam longamente. Não havia ansiedade neles ou excitação ou mesmo satisfação. Apenas uma fúria quase assassina.

— Então vamos pegar o filho da mãe.

Eles apresentaram os distintivos ao porteiro, depois subiram no elevador com uma mulher gorducha de meia-idade e seu barulhento Schnauzer. Alex viu a câmera de segurança no canto. Poderia ser de alguma utilidade, pensou. Teriam que requerer os *tapes* referentes às noites dos assassinatos. Se tivessem data e horário, melhor ainda. Caso contrário, mesmo assim poderiam mostrar as chegadas e saídas de Tremayne.

O Schnauzer saltou no 4º andar. Eles continuaram até o 8º. Lado a lado, aproximaram-se do apartamento 8-B.

Embora a porta fosse pesada, Alex podia ouvir a melodia de uma ária de Aída vinda do apartamento. Nunca ligara para ópera, mas sempre gostara desta em particular. Ele pensou se isso teria algum efeito sobre ele a partir de hoje. Tocou a campainha.

Precisou tocar uma segunda vez antes de Tremayne atender. Alex o reconheceu. Era quase como se fossem velhos amigos depois de ter visto as fotos nos jornais, as notícias, o videoteipe. E, é claro, conhecia-lhe a voz. Sabia quando estava calmo, quando se divertia e quando estava sombrio, irrequieto, excitado.

Trajando um roupão de veludo grosso combinando com os olhos azuis escuros, Tremayne pingava e esfregava uma toalha com monograma nos cabelos claros.

— Wilson J. Tremayne?

— Eu mesmo. – Tremayne olhou os dois, de modo agradável. Não tinha experiência de rua para sentir o cheiro de um policial. – Receio que vocês tenham chegado numa péssima hora.

— Com certeza. – Sem nunca desviar os olhos de Tremayne, Alex tirou o distintivo. – Detetives Stanislaski e Malloy.

— Detetives? – Apesar da voz impassível, apenas levemente curiosa, Alex percebeu um leve tremor. – Não venham me dizer que minha secretária esqueceu, de novo, de pagar minhas multas de estacionamento.

— É melhor se vestir, sr. Tremayne. – Ainda encarando-o, Alex mudou a abordagem. – Gostaríamos que nos acompanhasse.

— Acompanhar os senhores? – Tremayne deu um passo atrás. Judd percebeu que a mão dele dirigiu-se à maçaneta, apertando-a. Os nós dos dedos embranqueceram. – Receio que seria muito inconveniente. Tenho um

compromisso para jantar.

— Talvez queira cancelá-lo – disse Alex. – Pode demorar um pouco.

— Detetive...?

— Stanislaski.

— Ah, Stanislaski. Sabe quem eu sou?

Porque lhe convinha, porque queria, Alex deixou Tremayne saber do que se tratava.

— Sei exatamente quem você é, Jack. – Alex se permitiu sentir uma onda de prazer diante do medo a percorrer os olhos de Tremayne. – Vamos para *downtown*, sr.Tremayne. Sua presença é solicitada para responder pelo assassinato de quatro mulheres. Mary Rodell. – A voz ficou mais baixa, mais perigosa, a cada nome. – Angie Horowitz, Crystal LaRue e Rosalie Hood. Você tem o direito de chamar seu advogado.

— Isso é absurdo!

Alex plantou a mão na porta antes que Tremayne pudesse fechá-la.

— Podemos levá-lo como está, e causar um alvoroço entre seus vizinhos, ou pode se vestir.

Alex percebeu o pânico tomar conta de Tremayne e agarrou-o quando se virou para correr. Sabia que não deveria agir assim. Como sabia! Mas com que prazer empurrou o homem contra a parede forrada de seda. Uma pequena e delicada estátua escorregou do nicho e espatifou-se no tapete. Quando ele segurou Tremayne pela lapela, viu a corrente dourada, o coração com uma rachadura no meio, idêntico ao que tinham como prova. E viu o curativo recente, cobrindo as feridas infligidas por Rosalie na luta pela vida.

— Me dê um motivo – Alex imprensou-o na parede. – Eu adoraria.

— Vou fazer vocês perderem os distintivos. – Lágrimas começaram a rolar dos olhos de Tremayne quando ele escorregou para o chão. – Meu avô vai tomar seus distintivos.

Enojado, Alex manteve-o imprensado contra a parede.

— Vá pegar umas calças para ele – disse a Judd. – Vou ler os direitos.

Com um aceno, Judd encaminhou-se para o quarto.

— Não leve para o lado pessoal, Stanislaski.

Alex deparou-se com algo que era quase um sorriso.

— Suma, Malloy.

Tinham posto as mãos nele, pensou Alex quando virou para o prédio de Bess. Podiam chamar os mais conceituados advogados da Costa Leste, mas isso não significaria droga nenhuma. As provas físicas eram indiscutíveis – especialmente

depois de terem encontrado a arma do crime na gaveta da mesinha de cabeceira.

A oportunidade não deveria representar um problema e quanto ao motivo – deixaria o assunto para os psiquiatras. Sem dúvida, alegariam insanidade. Talvez até conseguissem prová-la. De um jeito ou de outro, ele estava fora das ruas.

Percorreu um longo caminho para aplacar a amargura sentida pela morte de Rosalie. Esperava com isso ajudar Bess e sua dor.

Ele quase ligara para ela da delegacia, mas queria contar-lhe pessoalmente. Enquanto esperava o elevador, passou para a outra mão o buquê de lilases que segurava. Talvez fosse uma hora estranha para oferecer-lhe flores, mas achou que ela precisava delas.

Entrando no elevador, colocou a mão no bolso e sentiu a caixinha de jóias. Era ainda mais estranho propor casamento numa hora dessas. Mas sabia que ele precisava disso.

Ficou assustado por depender tanto dela. Para ouvi-lo, falar com ele, fazê-lo rir. Fazer amor com ele. Ele sabia estarse precipitando, mas justificou a atitude assegurando-se que se ele a fizesse casar com ele bem rápido, ela não teria tempo para mudar de idéia.

Ela acreditava estar apaixonada por ele. Depois que assumissem um compromisso, emocional e legalmente, ele teria tempo necessário para se certificar de que era verdade.

O elevador abriu e Alex procurou as chaves. Iriam pedir comida em casa, decidiu. Colocaria música, acenderia velas. Fez uma careta ao enfiar a chave na fechadura. Não, provavelmenteela já passara pela experiência antes e ele se amaldiçoaria se seguisse o esquema de outra pessoa. Teria que pensar em algo diferente.

Abriu a porta com os braços cheios de lilases ondulantes, a mente ágil pensando em algum modo inteligente e inovador de pedir a Bess para se tornar sua mulher. A cor desapareceu do seu rosto; os olhos ficaram sombrios. Sentiu algo bater em seu peito. Como um tiro.

Ela estava parada no meio da sala, a risada apenas sumindo. Nos braços de outro homem; a boca afastando-se dos lábios de outro homem.

— Charlie, eu... – Ela ouviu o barulho da porta e virou-se. O sorriso radiante e luminoso congelou, depois desapareceu assim como o riso. – Alexi.

— Eu devia ter batido. – A voz era mortalmente calma. Perigosamente calma.

— Não, claro que não. – A sensação de borboletas na barriga, cujas asas eram afiadas como punhais, intensificou-se. – Charlie, este é Alexi. Já lhe falei sobre ele.

— Claro. Acho que nos encontramos na última festa de Bess. – Esbelto, cabelos compridos e obviamente insensível à tensão pairando no ar, ele apertou

os ombros de Bess. – Ela dá as melhores festas da cidade.

Alex colocou as flores de lado. Uma frágil pétala caiu na mesa e foi ignorada.

— Ouvi dizer.

— Bem, preciso ir. – Charlie curvou-se para dar outro beijo em Bess. Alex apertou as mãos. – Não vai me decepcionar?

— Claro que não. – Ela deu um sorriso, agradecida por Charlie estar muito preocupado para perceber a falsidade do sorriso. – Você sabe como estou feliz por você, Charlie. Entro em contato.

Ele saiu animado, acenando um último tchau antes de fechar a porta. Em silêncio, Alex notou a música pela primeira vez. Flautas e violinos sussurravam do aparelho de som. Muito romântico! Os dentes trincaram-se em conjunto com os punhos.

— Bem. – Os olhos dela estavam secos, embora o coração chorasse. – Acho que devo explicar. – Ela caminhou até o vinho que servira para Charlie e encheu a taça.

— Também posso ver que você já tomou sua decisão, então as explicações seriam desnecessárias.

— Você não perde tempo, Bess.

Ela ficou feliz por estar de costas para ele. Muito feliz, pois a mão tremia ao erguer a taça.

— Você acha mesmo, Alexi?

— Ou talvez você nunca tenha deixado de encontrá-lo.

— Você pode afirmar isso? – Agora se virou e a primeira onda de raiva a percorreu. – Você pode ficar aí parado e dizer isto para mim?

— Que diabos espera que eu diga? – retrucou. Não se aproximou dela. Não ousava. – Eu entro aqui e a encontro com ele. Música, uma garrafa de vinho. – Ele preferia ter sido baleado. Não poderia doer mais do que ser traído. – Você acha que sou idiota?

— Não, não acho. – Ela precisou se sentar, mas juntou os joelhos. – Mas eu devo ser. Caso contrário, por que marcaria um encontro com ele aqui, onde você pode me encontrar? – Os olhos eram frios como vidro quando lhe fez um brinde. – Vai me prender?

Ele deu um passo à frente, mas parou.

— Você vai me dizer que não dormiu com ele?

No aposento, o silêncio só interrompido pelas flautas.

— Não, não vou dizer isso. Não tenho vergonha de admitir que já gostei o bastante de um homem muito bom para ter intimidade com ele. Eu poderia dizer a você que não saí com Charlie nem com mais ninguém desde que o conheci, mas a prova está contra mim, não é, detetive?

Estava tão cansada, pensou, tão terrivelmente cansada e o cheiro dos lilases lhe dava vontade de chorar. O enterro de Rosalie fora naquela manhã e ela mesma tomara as providências. Comparecera sozinha, sem mencionar nada a Alex. Mas tinha sentido falta dele.

— Você o deixou beijá-la.

— Sim, deixei. Já deixei um monte de homens me beijar. É esse o problema? – Ela colocou a taça de vinho na mesa antes que viesse a tomar alguma atitude drástica, como atirá-la no chão. – Você não era virgem quando me encontrou, Alexi, nem eu esperava que fosse. Esta é uma das grandes diferenças entre nós.

— Há uma enorme diferença entre uma virgem e uma...

Calou-se, atônito consigo mesmo. Não devia ter feito menção a isto. Pedidos de desculpas desajeitados, horrorizados giravam feito redemoinhos em sua cabeça. Mas ele podia perceber pelo modo como ela jogou para trás a cabeça, pelo modo como a cor desapareceu de seu rosto, que não haveria como reparar mesmo o que não fora mencionado.

Numa voz estranha, Bess disse:

— Acho melhor você ir embora.

— Ainda não terminamos.

— Não quero você aqui. Mesmo uma prostituta pode escolher.

O rosto dele estava tão pálido quanto o dela.

— Bess, eu não quis dizer isso. Jamais poderia. Quero que compreenda...

— Não, você não compreende. – Ela o interrompeu, a voz rouca das lágrimas que precisava sufocar a cada palavra. – Você nunca quis compreender, Alexi. Nunca quis ouvir a única coisa que eu precisava que você acreditasse. Agora a única coisa que precisa compreender é que não quero vê-lo nunca mais.

Ele sentiu algo rasgar-lhe ao meio.

— Você não pode estar falando sério.

— Se não sair agora, vou chamar a segurança. Vou chamar seu capitão, vou chamar o major. – O desespero tomava conta dela como um enchente. – Qualquer coisa que o mantenha longe de mim.

Os olhos dele estreitaram-se, aguçaram-se.

— Você pode chamar Deus todo poderoso, mas nem Ele vai me impedir.

— Talvez isto o impeça. – Ela apertou as mãos e olhou por cima do ombro dele. – Eu não o amo. Não quero você, não preciso de você. Foi divertido enquanto durou, mas a brincadeira acabou. Pode sair.

Ela virou-se e subiu, apressada, as escadas. Os olhos dele demonstravam mágoa. Se fosse raiva, ela sabia, ele iria atrás dela, mas havia dor e chegou ao quarto sozinha. Cobrindo o rosto com as mãos esperou, abafando os soluços, até ouvir a porta ser fechada no andar de baixo. Emitindo um som de lamento,

abaixou-se, sentando no chão. Provou o gosto das próprias lágrimas. Eram amargas.

***

Impaciente e mal-humorado, Mikhail andava de um lado a outro do esparsamente mobiliado apartamento de Alex.

— Você não atende ao telefone, não retorna as ligações. – Chutou uma camisa jogada no chão. – O apartamento está uma bagunça. Deu sorte por eu ter vindo em vez de mamãe. Ela iria puxar suas orelhas por viver num chiqueiro.

— Eu dei um mês de folga para a faxineira. – Tentando concentrar-se, à beira da embriaguez, Alex serviu-se de outro copo de vodca da garrafa semivazia na mesa.

— E bebendo sozinho durante o dia.

— Então me acompanhe. – Alex fez um gesto indiferente na direção da cozinha, onde pratos empilhavam-se. – Capaz de ter um copo limpo por aí.

Mikhail lavou um antes de voltar à mesa. Sentou-se e serviu-se.

— O que houve, Alexi?

— Estou comemorando meu dia de folga. – Alex bebeu tudo de uma vez e esperou a vodca juntar-se ao resto nadando em seu sistema. – Peguei o cafajeste. – Rindo, fez um brinde a si mesmo. – E perdi a garota.

Mikhail tamborilava na mesa enquanto bebia. Exatamente como supunha.

— Você brigou com Bess?

— Brigar? – Lábios contraídos, Alex observou o líquido claro e potente no copo. – Acho que não é o termo exato. Encontrei-a com outro cara.

O copo de Mikhail congelou a caminho dos lábios.

— Você está enganado.

— Não estou não. – Alex pegou a garrafa com a mão quase firme. – Entrei e a encontrei com os lábios colados no cara de quem foi noiva. O *hobby* de Bess é ficar noiva.

Mikhail simplesmente abanou a cabeça. Algo não fazia sentido no quadro.

— Você o matou?

— Pensei a respeito – Antes de voltar a beber, Alex passou a língua nos dentes. Estavam quase dormentes. Um passo para que o resto também ficasse. – Pena eu ser policial.

— Que explicação ela lhe deu?

— Nenhuma. Ficou zangada e ponto. – Colocou o copo na mesa para esfregar o rosto com ambas as mãos.

— Porque você a acusou, não confiou nela.

— Eu não acusei – retorquiu Alex, pressionando os dedos nos olhos ardendo. – Nem precisei. O que eu não disse é que foi imperdoável. Ela me botou para fora, mas não sem antes me dizer que não me amava.

— Ela mentiu. – Antes que Alex pudesse levantar novamente o copo, Mikhail agarrou-lhe o punho. – Estou dizendo que ela mentiu. Alguns dias atrás ela visitou Rachel e o bebê. Eu a fiz posar para mim e fiz um esboço enquanto ela falava de você. Não me enganei ao interpretar o que li em seus olhos, Alexi. Você é cego se não viu você mesmo.

Ele tinha visto e a dor da lembrança o apunhalou com tamanha força que ele ficou de pé, como se pudesse fugir.

— Ela se apaixona com facilidade.

— Existem paixões e paixões. Quantas vezes você já se apaixonou?

— Esta foi a primeira.

— Este tipo de amor, concordo. Mas houve outras.

— Eram diferentes.

— Ah! – Paciente e divertido, Mikhail ergueu um dedo. – Então, é certo você brincar com o amor até encontrar o amor verdadeiro, mas não para Bess.

— É... – Dito desta forma, era difícil argumentar. Especialmente quando a cabeça girava. – Droga, fiquei com ciúmes. Tenho o direito de ter ciúmes.

— Você também tem direito de fazer papel de idiota. – Satisfeito ao perceber que tudo podia ser arranjado, Mikhail cruzou as pernas com os pés usando botas. – Você fez?

— Grande ocasião. – Alex cambaleou e caiu sentado, pesadamente. – Eu ia pedi-la em casamento, Mik. A aliança estava no bolso e carregara umas lilases estúpidas. Fiquei morrendo de medo de ela aceitar. Ainda mais apavorado de ela dizer não. – Segurou a cabeça, tonta, nas mãos. – Que diabos ela estava fazendo beijando aquele filho da puta?

— Talvez se tivesse perguntado educadamente, ela teria respondido.

Com um sorriso torto, Alex virou os olhos turvos o irmão.

— Você teria perguntado educadamente?

— Não. Teria quebrado os braços dele; talvez as pernas também. Depois eu teria perguntando. – Com um suspiro, Mikhail deu um tapa no ombro de Alex. – Mas eu sou assim. Você sempre foi mais impulsivo.

— Podíamos ir atrás dele – considerou Alex e acalentando a idéia, inclinou-se e deu um abraço sentimental em Mikhail. – Vamos dar uma surra nele juntos. Como nos velhos tempos.

— Vamos tentar algo diferente. – Levantando, Mikhail obrigou Alex a se erguer.

— Aonde vamos?

— Vou colocar você debaixo do chuveiro gelado até sua cabeça esfriar.

Alex tropeçou e encaixou o braço em torno do pescoço do irmão.

— Para quê?

— Para você poder procurar sua mulher e se arrastar.

Com andar inseguro, Alex fitou o piso inclinado.

— Não quero rastejar.

— Quer sim. É melhor se acostumar antes de casar com ela. Tenho mais experiência no assunto.

— É mesmo? – Achando divertida a idéia do irmão rastejando aos pés de Sydney, ele sorriu quando Mikhail enfiou-o, completamente vestido, debaixo do chuveiro. – Posso ver da próxima vez?

— Não. – Com imensa satisfação, Mikhail abriu a torneira de água gelada no máximo e ouviu o grito capaz de estremecer violentamente os ladrilhos. – Já é um bom começo – decidiu.

— Seu filho da puta. – Ambos riam quando Alex agarrou Mikhail numa chave de braço e o arrastou para debaixo do chuveiro.

***

Estava quase sóbrio quando entrou no escritório de Bessmas não ria. Era duro rir com a garganta trancada de tanto nervoso.

Ia ser razoável, prometeu a si mesmo. Discutiriam o assunto como adultos civilizados. E se ela não lhe desse as respostas certas, ele a estrangularia. Depois poderia prender a si mesmo.

Mas viu apenas Lori sentada no computador, digitando freneticamente.

— Vou ter todas as mudanças prontas às 18h – gritou. O cenho cerrado, imersa em concentração, ergueu a cabeça. Os olhos congelaram. – Que diabos você quer?

— Preciso ver Bess.

— Está com azar. – Ninguém magoava sua amiga e escapava ileso. Ninguém. – Ela não está aqui.

— Aonde?

Ela ofereceu uma sugestão anatomicamente impossível e a ofereceu tão graciosamente que ele quase sorriu. Mas não era o bastante. Ela pulou da cadeira e bateu a porta. Trancou-a.

— Sente-se, exterminador. Preciso lhe dizer umas palavrinhas.

— Diga onde ela está.

— Quando o inferno congelar. Você sabe o que fez com ela? – Ela o puxou de volta. – Por que não cortou o coração dela e fatiou-o em pequenos pedaços já

que teve a oportunidade?

— O que eu fiz? – Ele enfiou as mãos nos bolsos para não dar-lhe um empurrão. – Fui eu quem entrei e a encontrei agarrada com aquele escritor bonitinho.

— Você não sabe o que encontrou.

— Então por que não me conta?

Sópor cima do meu cadáver.

— Você não a conhece mesmo, não é? Não faz idéia da sorte que jogou fora. Ela é a mais amorosa, mais generosa, a pessoa menos egoísta que já conheci. Ela se arrastaria por cima de vidro quebrado por você. – Com medo de agir de forma violenta, caso não se movesse, começou a andar de um lado para outro. – Fiquei tão feliz quando ela me contou a seu respeito. Percebi o quanto o amava. De verdade. Ela não estava apenas colocando você debaixo da asa até ela poder encontrar alguém para você.

— Encontrar alguém para mim?

— O que você acha que ela fez com todos os outros homens apaixonados por ela? – Lori retorquiu. – Ah, ela tentava se convencer de estar apaixonada, de que eles a amavam, e todo o tempo ouvia os problemas deles com paciência. Depois, os guiava na direção de alguma mulher que ela julgava ser perfeita para eles. E normalmente estava certa.

— Ela ia se casar...

— Ela não ia se casar com ninguém. Toda vez que aceitou, foi por não suportar magoar os sentimentos de ninguém. E, está certo, porque sempre quis ter alguém com quem pudesse contar. Mas, por mais leal, mais sensível que seja em relação aos sentimentos dos outros, não é estúpida. Ela dizia a si mesma que ia se casar, depois se empenhava em encontrar uma substituta para o cara.

— Substituta? Por quê? – Mas Lori não estava disposta a deixá-lo pronunciar uma palavra.

— Não que fosse premeditado. Mas depois de ter visto isso acontecer umas duas vezes, você entende o padrão. Mas você... – Ela voltou-se para ele. – Você rompeu o padrão. Ela precisava de você. Você a fez chorar. – Lágrimas raivosas brilhavam nos olhos de Lori. – Nunca a vi chorar por causa de um homem. Ela simplesmente saía de mansinho, dando uma de Bess, a amigona, e todo mundo ficava feliz. Mas ela chorou baldes por você.

Ele se sentiu mal e pequeno e começava a compreender um bocado sobre arrastar-se.

— Diga onde ela está. Por favor.

— E por que diabos eu o faria?

— Eu a amo.

Ela quis repreendê-lo por ousar dizer tal coisa, mas reconheceu nos olhos dele a mesma infelicidade que vira nos olhos da amiga.

— Charlie estava...

— Não. – Ele sacudiu a cabeça rapidamente. – Não importa. – O que importava era confiar e era hora de ceder. – Não preciso saber. Só preciso dela.

Com um suspiro, Lori acariciou o diamante quadrado em sua mão esquerda. Bess a convencera a tomar o passo certo quanto a Steven. Só esperava estar retribuindo.

— Se você voltar a magoá-la, Alex.

— Não vou. – Depois ele suspirou. – Eu não quero magoá-la de novo, mas provavelmente o farei.

Ela abrandou, porque era exatamente o que um homem apaixonado diria.

— Mandei-a para casa. Não estava em condição de trabalhar.

— *Dyakuyu*.

— O quê?

— Obrigado.

Bess odiava sentir-se assim. Só conseguia agüentar um dia após o outro dizendo a si mesmo que ia melhorar. Tinha que melhorar.

Mas não acreditava.

Ela não tivera coragem de jogar fora os lilases. Tentara. Chegara mesmo a ficar parada segurando-os na frente da lixeira, chorando como uma tola. Mas a idéia de afastar-se das flores fora demais. Agora se atormentava com o frágil perfume toda vez que descia ao andar de baixo.

Pensou em viajar – para qualquer lugar. Certamente o período de férias chegava, mas não parecia justo deixar Lori sobrecarregada, principalmente quando Lori tinha que cuidar dos preparativos de casamento, além do trabalho.

Estava ajudando Lori e o programa um bocado agindo desta maneira, pensou. Mas o problema das pessoas em Millbrook pareciam terrivelmente insignificantes quando comparado aos seus. Uma pena não poder escrever um final feliz para ela, pensou, parada na cozinha, tentando se convencer a preparar algo para comer.

Bem, ela certamente tinha passado de ano, disse a si mesma, e pressionou os dedos contra os olhos inchados. Tinha se apaixonado e sofrido. Grande pesquisa para o próximo relacionamento conturbado que inventasse para a audiência televisiva.

Para o diabo com a comida. Ia para a cama e rezaria para dormir. Amanhã encontraria um jeito de voltar a colocar a vida nos trilhos.

Ao sair da cozinha, o que restava de sua vida estraçalhou-se a seus pés.

Alex, parado ao lado da mesa, passava a mão nos lilases. Tudo que fez foi olhá-la, virar a cabeça e olhar, e ela quase caiu de joelhos.

— O que está fazendo aqui? – A dor deixava-lhe a voz cortante como uma lâmina.

— Ainda tenho a chave. – Ele abaixou a mão devagar. Bess ainda tinha os olhos inchados do último acesso de choro e olheiras de cansaço. Nada que tivesse sido dito a ele, nada que ele tivesse dito a si mesmo, o abalaram tanto.

— Você não precisava devolvê-la. – Se compostura era tudo que lhe restava, se agarraria a ela. – Você poderia ter deixado na caixa do correio. Mas, obrigada. – O sorriso era tão frio que lhe machucava a mandíbula. – Se é só isso, estou com pressa. Ia subir para me arrumar para sair.

— Você não consegue olhar para mim quando mente – disse, em parte para si mesmo, lembrando-se de como os olhos dela se desviaram de seu rosto ao dizer que não o amava.

Ela forçou o olhar em sua direção, e o manteve firme.

— O que quer, Alexi?

— Muitas coisas. Talvez coisas demais, mas primeiro quero que me perdoe.

O rosto dela contraiu-se ao ouvir as palavras. Colocou a mão para cobri-lo, sabendo ser tarde demais.

— Deixe-me em paz.

— *Milaya*, deixe-me...

— Não. – Ela recuou, cruzando os braços para se defender e as mãos dele pararam a um centímetro de distância. Havia um cheiro estranho na respiração dele quando ele afastou as mãos e deixou-as caídas ao lado do corpo.

— Não vou tocar você. – A voz era baixa e tensa. – Por favor, deixe-me dizer o motivo de ter vindo.

— O que mais pode ser? – Ela virou-se. – Eu sei o que pensa de mim. Deixou bem claro.

— O que fiz foi magoar você e bancar o tolo.

— Ah, sim, você me magoou. – Ainda tremia de sofrimento. – Mas não apenas daquela última vez. Você me magoou toda vez que se retraiu quando eu precisava dizer o quanto o amava. Pensei que não deveria me importar porque você teria que perceber. Eu pensava, céus, ele tem que perceber, porque é evidente toda vez que eu o olho. Toda vez que penso nele. E ele me ama. Ele me deseja. Em toda minha vida, ninguém me quis. Não de verdade.

— Bess.

Ela desvencilhou-se das mãos deles.

— Meus pais – começou, virando-lhe as costas. – Quantas vezes os ouvi se

perguntar "De onde ela veio?" Como se eu fosse um cachorro vira-lata que tivesse entrado na casa por engano.

Quando ela começou a andar a esmo pela sala, os ombros ainda curvados, ele nada disse. Como poderia dizer que lamentava ter aberto as antigas feridas e lamentar também ter sido preciso chegar a este ponto para que ela revelasse aqueles sentimentos reprimidos para ele?

— Eu aprendi a lidar com a rejeição. – Os ombros contraídos tremeram quando ela tentou dar de ombros. – O que mais podia fazer? Não era culpa deles, de verdade. Eles sempre foram tão perfeitos, à maneira deles, e eu nunca poderia ser. Não para eles. Nem mesmo para você.

— Você acha que é isso que eu quero?

Ela então o fitou. As lágrimas haviam secado. Não havia motivo para chorar.

— Não sei o que você quer, Alexi. Só sei que parece um círculo vicioso. Fui da casa dos meus pais para a escola. Aqueles terríveis anos de adolescência, quando todas as garotas eram tão esfuziantes e bonitas e trocavam de namorados como de blusa. Ninguém me queria. Bem, eu tinha amigas. Acabei por aprender que se você tentar para valer, se você relaxar e agir naturalmente, sempre vai ter um monte de gente que gosta de você pelo que você é. Mas não havia ninguém para amar. Nunca houve ninguém para amar até você aparecer.

— E nunca vai haver mais ninguém. – Ele esperou até ela se voltar. – Eu amo você, Bess. Por favor, dê-me outra chance.

— Não vai funcionar. – Ela esfregou as lágrimas secas com as costas da mão. – Eu achei que funcionaria. Eu quis tanto. Estava tão segura de que o amor bastaria. Mas não basta. Não sem esperança. E, certamente, não sem fé.

A maneira calma com que ela falou fez com que o pânico tomasse conta dele.

— Você quer que eu rasteje? – Ele ignorou o recuo defensivo e segurou-lhe os braços. – Pois eu rastejo. Você não vai me afastar de sua vida porque fui idiota, porque tive medo. Não vou deixar.

Era assim que um homem rastejava? refletiu. Com os olhos flamejantes e a voz estridente?

— E da próxima vez que me vir beijando um velho amigo?

— Não vou me importar. – Com um som de repugnância, ele a soltou para andar pela salta em tom afetado. – É claro que vou me importar. Vou matar o primeiro homem que encostar em você.

— Então Nova York vai ficar apinhada de corpos.

Deviaserengraçado.Masporquenãoera?

— Não posso deixar de ser o que sou por sua causa, Alexi. Eu não pediria a você que mudasse por minha causa.

— Não, você não o faria. – Ele mergulhou o rosto nas mãos e lutou por

encontrar algum equilíbrio. – Eu reconheço que um beijo entre amigos é inofensivo, Bess. Não sou tão idiota. Mas naquela noite, quando entrei...

— Você supôs que eu o estivesse traindo.

— Não sei o que supus. – Era o mais honesto que podia ser. – Quando vi você, senti... Tudo parecia – disse cauteloso. – Então não pensei. Em meu coração, em minha mente, sei que não se deve presumir nada. Quebrei uma de minhas próprias regras. Havia motivos. – Mais calmo, ele voltou e segurou-lhe as mãos. – Tínhamos acabado de efetuar a prisão e eu ainda estava sob os efeitos da tensão. Sabia que lhe contaria a respeito. Tinha superado o desejo de separar essa parte da minha vida, qualquer parte, de você. Você ia ficar chateada ao pensar a respeito, por causa de Rosalie. Também sabia disso. Droga, eu sabia que você tinha ido ao enterro sozinha, e me senti o mais torpe dos canalhas.

Ele estava comovendo seu coração novamente, centímetro por centímetro.

— Eu não pensei que você soubesse.

— Eu soube. – A voz impassível. Tudo em que conseguia pensar era que precisava desesperadamente abraçá-la. – Você deixa anotações por toda parte. Todos aqueles pedaços de papel espalhados, com rabiscos sobre tinturaria, diálogos e reuniões. Eu vi um sobre as flores encomendadas e o endereço do cemitério. – Ele olhou para as mãos de ambos. – Se as coisas não tivessem se movido tão rápido na investigação, eu teria tirado uma folga. Teria tentado pelo menos.

Disso ela não duvidava.

— Era mais importante para mim que você prendesse o homem que a matara do que ter você a meu lado diante do túmulo.

— Eu não estava ao seu lado – disse, mais devagar. – E eu queria estar. E quando cheguei aqui, eu queria... – Este definitivamente não era o momento de mencionar a aliança no bolso. – Eu me atormentava com um monte de coisas, Bess. Minha atitude foi imperdoável e vou pedir desculpas por isso tantas vezes quanto você quiser. Entretanto, gostaria que me ouvisse.

— Está bem. – Ela apertou-lhe as mãos, esperando que ele soltasse as delas. Ele não o fez. – Alexi, Charlie veio aqui porque...

— Não preciso saber. – Agora ele soltou-lhe as mãos para levar as dele ao rosto. Ele queria que ela visse o que seus olhos diziam. – Você não precisa se explicar. Você não precisa mudar por minha causa.

Ela sentiu algo se mover em seu coração e teve medo de acreditar que estivesse cicatrizando.

— Prefiro esclarecer. Estava muito zangada para poder fazê-lo antes. Ele veio para me contar que Gabrielle está grávida. Parecia um garotinho na véspera de Natal e queria compartilhar a novidade com uma amiga. E me convidar para ser

a madrinha, embora ainda faltem sete meses e meio.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Você devia ter me esbofeteado, McNee. – Quando ele moveu a boca na direção da dela, sentiu o recuo. Paciente, passou os polegares em suas têmporas. – Só um – murmurou e tocou-lhe os lábios.

Não pretendia dar-lhe um beijo apaixonado; não pretendia puxá-la contra si e apertá-la com tanta força que nenhum dos dois pudesse respirar. Mas não conseguiu se controlar até sentir o corpo dela tremer devido a uma nova crise de choro.

— Não chore. Por favor, não chore. – Ele pressionou o rosto em seus cabelos e a balançou. – Assim meu coração vai ficar em pedaços.

Virando o rosto para o ombro dele, ela tentou sufocar as lágrimas.

— Eu não queria que você voltasse. Não queria voltar a me sentir assim.

Ele merecia, pensou enquanto apertava os olhos.

— Você tinha razão em me mandar embora. Quero uma chance para provar que você está certa em me aceitar de volta. – Ele passou a mão nos cabelos dela. – Você é ótima ouvinte, Bess; preciso pedir que me ouça agora.

— Você não precisa pedir desculpas de novo. – Ela não podia deixar de amá-lo, percebeu e, recuando, conseguiu dar um sorriso. – E eu não posso aceitar você de volta, porque você sempre esteve aqui.

As palavras dela fizeram com que sentisse um aperto no coração. Ele pressionou as mãos unidas contra o peito para tentar diminuir a dor.

— Simples assim?

— Não é simples. – Ela supôs que nunca seria simples. – Mas é assim que é.

— Mikhail disse que eu iria rastejar – murmurou. – Bess, você me humilha.

— Vamos esquecer o que se passou. – Suspirou fundo e beijou-lhe as bochechas em sinal de paz. – Sou ótima para recomeços.

— Não. – Segurando-lhe a mão, puxou-a para o sofá. – Gosto de nosso outro começo. Não precisamos de um novo, apenas para representar este. Sente-se. – Ele a sentou ao seu lado, mantendo a mão dela perto de seu coração. – Você explicou, agora é minha vez. Eu tinha medo de acreditar em você. Nenhuma mulher significou tanto para mim, e eu me permiti imaginar que você ficaria comigo para sempre. Assim como me permiti imaginar que você iria embora. E tive mais medo da segunda hipótese, por parecer mais real.

— É duro ter medo. – Ela apoiou a mão no rosto. – Eu sei.

— Você não sabe tudo. – Ele desviou o olhar em direção às flores que deixavam um leve toque de perfume na sala. – Você guardou os lilases.

— Tentei não mantê-las. – Voltou a sorrir. – Mas eram tão lindas.

— Eu trouxe outra coisa além dos lilases aquele dia. – Ele enfiou a mão no

bolso e tirou a caixa. Bess relaxou as mãos na dele. Alex viu os lábios dela tremerem e se entreabrirem. – Eu não acho que seja muita ostentação. – Quando ela continuou a encará-lo, ele mexeu-se inquieto. – Foi uma brincadeira.

— Certo. – As duas sílabas saíram num sussurro. – Você... Você vai me deixar ver?

Como resposta, ele mesmo abriu a caixa. Dentro, uma aliança de ouro com um arco-íris de pedras. Ele sabia o que eram apenas porque pedira ao joalheiro para identificar cada uma delas. Ametista, peridoto, topázio azul, citrino.

— Sei que não é nada convencional – disse, quando ela permaneceu muda. – Mas me fez lembrar de você e eu quis, diabos, eu queria algo que ninguém mais pensaria em dar a você.

— Ninguém deu – conseguiu dizer, mal respirando. – Ninguém daria.

— Se não gostar, pode escolher outra.

Ela temia voltar a chorar e sabia que não seria bom para nenhum dos dois.

— É adorável. Lindo. – Ela conseguir afastar o olhar da aliança. – Você comprou esta aliança para mim antes? Você a trouxe naquela noite? Você ia me dar e depois entrou e me viu com Charlie. – Rindo, levou a mão ao rosto. – Estou surpresa por não ter dado um tiro em nós dois. Eu não poderia escrever nada melhor.

— Então você me perdoa?

Ela já o perdoara, mas como ele parecia tão nervoso, anuiu com a cabeça.

— Qualquer pessoa com tamanho bom gosto merece uma segunda chance.

— Comprei há dias, mas levei um tempo para tomar coragem. Enfrentar um drogado armado com uma Uzi parecia mais fácil. – Mas ele já começara e ia até o fim. – Minha idéia era pressioná-la para aceitar, depois forçar um casamento rápido para não lhe dar a oportunidade de mudar de idéia. Mas foi errado. – Ele fechou a caixa e sentiu-se encorajado pelo arfar de Bess. – Foi estúpido e demonstrou falta de confiança em nós dois. Desculpe.

— Eu... Você... – ela deixou escapar um suspiro de frustração. – Não me importo.

— Claro que sim – disse. – Foi tudo calculado, até mesmo maquiavélico, quando uma proposta de casamento deve ser romântica. Então quando ambos estivermos prontos, vou pedir sua mão corretamente.

Bess entristeceu.

— Quando ambos estivermos preparados?

— Não quero pressioná-la num período em que você se sente um pouco vulnerável. Principalmente porque um longo noivado está fora de cogitação. Então vou lhe dar tempo.

— Tempo – repetiu, pronta para gritar.

— É justo. – Ele esperou um segundo. – Pronto, estou preparado.

Antes que ela pudesse rir, ele estava no chão de joelhos.

— O que você está fazendo?

— Um pedido de casamento. – Ele quase deu início ao humilde pedido. Mas interrompeu seu propósito e os olhos ensombreceram-se quando ela continuou a rir. – Você não quer um pedido formal.

— É óbvio que quero. Mas quero você aqui. – Ela pegou-lhe a mão para conduzi-lo de volta ao sofá para que pudessem ficar olhos nos olhos. – Quero que me olhe nos olhos.

— Tá, então eu também quero algo.

— Pode dizer.

— Quero ouvi-la dizer. – Ele segurou-lhe a mão, levou-a ao rosto. – Quero muito ouvir você dizer. Preciso ouvir as palavras ditas por você.

— Eu amo você, Alexi. – Pela primeira vez, ela disse as palavras sorrindo, sabendo que seria compreendida. – Vou amar você para sempre.

Ele virou o rosto para que os lábios pressionassem a palma da mão dela. Tirando a aliança da caixa, colocou-a em seu dedo. O anel formou um arco-íris de cores. Quando ele entrelaçou os dedos aos seus, levantou a cabeça.

— Seja minha família. – Ele balançou a cabeça antes que ela pudesse falar e achou que fracassaria. – Eu tenho a intenção de ser romântico. Deixe...

— Não. – Emocionada, ela colocou a mão em seus lábios. – Foi perfeito. Não mude. Não mude nada.

— Então diga sim.

— Sim. – Ela atirou os braços em volta dele e riu. – Ah, sim...

Table of Contents

Um amor a despertar – Volume 04
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE